

50 anos do curso de Comunicação Social da Ufes

José Antonio Martinuzzo
Organizador

Amanda Meschiatti
Beatriz Brandão
Bruna Pereira dos Santos
Daniela Ramos Ribeiro
Heryck Sangalli
Jessy Koumba
Pedro H. Altafim
Rayla Corrêa
Roberto Teixeira dos Santos
Simone Azevedo
Wagner Piassaroli Mantovaneli
Yara Guidini

QUINQUAGENÁRIO

**50 anos do curso de
Comunicação Social
da Ufes**

QUINQUAGENÁRIO

50 anos do curso de Comunicação Social da Ufes

José Antonio Martinuzzo
Organizador

Amanda Meschiatti
Beatriz Brandão
Bruna Pereira dos Santos
Daniela Ramos Ribeiro
Heryck Sangalli
Jessy Koumba
Pedro H. Altafim
Rayla Corrêa
Roberto Teixeira dos Santos
Simone Azevedo
Wagner Piassaroli Mantovaneli
Yara Guidini

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Artes
Departamento de Comunicação Social

Reitor

PROF. DR. EUSTÁQUIO VINICIUS RIBEIRO DE CASTRO

Diretora do Centro de Artes

PROF.^a DRA. LARISSA FABRICIO ZANIN

**Chefe do Departamento
de Comunicação Social**

PROF. DR. JORGE ARTURO VILLENA MEDRANO

Organização, conceito e design editorial

PROF. DR. JOSÉ ANTONIO MARTINUZZO

Revisão, projeto gráfico e editoração

AMANDA MESCHIATTI

HERYCK SANGALLI

Realização

PROJETO COMUNICAÇÃO CAPIXABA (CoCa)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quinquagenário : 50 anos do curso de Comunicação
Social da Ufes / [organização José Antonio
Martinuzzo]. -- Vitória, ES : GSA Gráfica e Editora,
2025.

Vários autores.

ISBN 978-65-01-75196-2

1. Comunicação social 2. Ensino superior -
Brasil - História 3. Universidade Federal do
Espírito Santo I. Martinuzzo, José Antonio.

25-309787.0

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação social 302.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

Apresentação, 6

PROF. DR. EUSTÁQUIO VINICIUS RIBEIRO DE CASTRO
(REITOR DA UFES)

Prefácio, 8

PROF.^a DRA. LARISSA ZANIN
(DIRETORA DO CENTRO DE ARTES DA UFES)
PROF.^a DRA. MAIRA PÊGO DE AGUIAR
(VICE-DIRETORA DO CENTRO DE ARTES DA UFES)

Prólogo – Uma caminhada e uma história, 10

PROF. DR. JORGE ARTURO VILLENA MEDRANO
(CHEFE DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
DA UFES)

Introdução, 12

PROF. DR. JOSÉ ANTONIO MARTINUZZO
(ORGANIZADOR)

- CAP. 1** 50 anos de história institucional do curso de Comunicação Social da Ufes: Antes e depois de 1968, 17
- CAP. 2** Os currículos e o retrato do percurso da Comunicação Social, 40
- CAP. 3** Comunicação e Territorialidades: A conquista da Pós-Graduação, 65
- CAP. 4** Diversidade e inclusão acompanham a trajetória do curso, 85
- CAP. 5** Docentes em 50 anos do curso de Comunicação Social da Ufes, 96
- CAP. 6** Diplomadas e diplomados em meio século, 103
- CAP. 7** Comunicadores, sim! Revolucionários, também!, 141
- CAP. 8** Memória Viva, 149
- CAP. 9** Experiências em foco, 153

APRESENTAÇÃO

Celebrar 50 anos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo é celebrar, também, a força transformadora da educação pública, o compromisso inegociável com a liberdade de expressão e a potência criadora que nasce da articulação entre ciência, arte e sociedade.

Desde a criação do curso, sua trajetória reflete a própria história da Universidade: uma história de resistência, de inovação e de responsabilidade com o desenvolvimento humano e cultural capixaba. O que nasceu como uma experiência temporária consolidou-se como um projeto de formação plural, diverso, duradouro e sustentável, capaz de acompanhar as mudanças de seu tempo e de se reinventar diante das novas formas de comunicar e de existir no mundo.

Ao longo de meio século, o curso de Comunicação Social tornou-se uma referência sólida na formação de jornalistas, publicitários e realizadores audiovisuais que hoje compõem o mosaico profissional e cultural espírito-santense. Sua presença múltipla – nas redações, nas agências, nas telas, nas salas de aula, nas pesquisas e em diversos outros lugares – revela o impacto que a Ufes exerce na construção da cidadania e na contribuição para uma sociedade mais democrática e participativa.

Com orgulho, acompanhamos a vitalidade de professores e técnicos-administrativos que fazem parte da história do curso de Comunicação Social, que não apenas formou milhares de profissionais, mas também soube transformar a própria prática educativa em objeto de reflexão. A criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom) e a recente incorporação do doutorado ampliam o alcance acadêmico e social desse percurso, fortalecendo o papel da universidade pública como espaço de produção de conhecimento crítico, ético e comprometido com a vida coletiva.

Este livro – resultado de uma produção colaborativa que une professores, estudantes e egressos – expressa a melhor tradição universitária, qual seja, a que

reconhece que a memória é um território vivo, tecido pela experiência, pela pesquisa e pela palavra. Reunir essas vozes, olhar o passado com respeito, o presente com consciência e o futuro com esperança é também reafirmar a convicção de que a comunicação é uma dimensão essencial da democracia, da cultura e da liberdade, sendo crucial para o nosso modo de vida contemporâneo.

À comunidade do curso de Comunicação Social, a Reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo manifesta seu profundo reconhecimento e admiração. Que este quinquagenário inspire novas gerações de comunicadores e comunicadoras a continuar fazendo da Universidade um espaço de invenção, de pensamento e de compromisso com o bem comum.

Que possamos celebrar, juntos, mais inúmeras décadas de conquistas, inovações e boas surpresas. Vida longa ao curso de Comunicação Social da Ufes!

PROF. DR. EUSTÁQUIO VINICIUS RIBEIRO DE CASTRO

Reitor da Ufes

PREFÁCIO

É com grande alegria que celebramos os 50 anos do curso de Comunicação Social da Ufes com o lançamento do livro *Quinquagenário*, organizado pelo Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo.

O curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo teve seu início em 1975 com a primeira turma de Jornalismo e logo se consolidou com a vocação para a formação crítica do comunicador, uma missão que vem cumprindo com excelência até os dias atuais.

Desde 2005, o Departamento de Comunicação Social, oriundo do curso, integra o Centro de Artes, ampliando o escopo desta unidade de ensino. Nesse sentido, destacamos a relevância de termos hoje um departamento com um quadro docente extremamente qualificado, em sua maioria doutores e pós-doutores, com expressivo número de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Ao longo desses 50 anos, vem formando comunicadores – jornalistas, publicitários – que atuam em veículos de comunicação, agências e diversos setores no Espírito Santo e em outros estados brasileiros, contribuindo para que a informação chegue à sociedade de forma clara, crítica e comprometida com a verdade e a ética. E, desde 2010, gradua realizadores audiovisuais por meio do curso de Cinema e Audiovisual. Ao todo, nestas cinco décadas, já são mais de três mil profissionais formados nos três cursos.

O departamento firmou-se, ainda, como importante *lôcus* de pesquisa, tendo estabelecido o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom) com cursos de Mestrado e Doutorado que atraem grande demanda de egressos, além de profissionais de outros estados do Brasil.

Neste 2025, em que comemoramos 64 anos da Escola de Belas-Artes e 54 anos de Centro de Artes, parabenizamos os professores, estudantes e técnicos-administrativos pelos 50 anos muito bem vividos da formação em

Comunicação Social na Ufes! Desejamos sucesso e vida longa ao departamento e todos os seus cursos!

PROF.^a DRA. LARISSA ZANIN
Diretora do Centro de Artes da Ufes

PROF.^a DRA. MAIRA PÊGO DE AGUIAR
Vice-diretora do Centro de Artes da Ufes

PRÓLOGO

Uma caminhada e uma história

Sou uma espécie de “nômade” na seara comunicacional, e quis Deus que eu me encontrasse com a história do ensino da Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) num tempo mais que especial.

Vindo da Bolívia, onde nasci e cursei graduação e mestrado, tendo passado em São Paulo, onde fiz doutorado na USP, e oriundo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), instituição por meio da qual entrei na carreira da docência de ensino superior, cheguei por aqui nas cercanias deste cinquentenário da criação do curso de Comunicação Social na nossa querida Ufes.

Honra e alegria extras: por confiança dos colegas, vivo este momento ímpar na liderança do Departamento de Comunicação Social (DepCom), que abraça três graduações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual), além de referenciar o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom), numa evidência do vigor que assumiu aquele projeto inicial de um curso que teria apenas três vestibulares, em 1975.

A minha história nesta história de cinco décadas ainda não chega a uma década, mas são anos muito significativos para mim, na terra onde constituí minha família e na atividade profissional que exerço com entusiasmo e otimismo, apostando a cada dia na graduação, na pesquisa e na extensão na grande área da Comunicação Social como um fator a fazer diferença na conjugação dos nossos dias, como indivíduos, cidadãos, sociedade – como planeta.

Esse olhar acerca da centralidade da comunicação social para as atuais sociabilidades e minha profunda crença na vida como obra do bem-querer e da fraternidade me ajudaram num momento crucial dessa minha trajetória na longa caminhada da Comunicação Social na Ufes, qual seja, a travessia da pandemia da covid-19.

Se o ensino remoto, aqui nomeado EARTE, foi um desafio gigantesco para todos nós, voltar ao presencial para reconstruir a rotina não foi menos desafiante. Amargando a desolação da mortandade, testemunhar o vazio dos espaços e dar

os primeiros passos da reinvenção dos dias... E, em meio a isso tudo, desenhar mental e efetivamente uma retomada possível e urgente exigiu um esforço de superação e esperança que poucas vezes tinha experimentado na vida.

Certamente este é um capítulo relevante para todos os que vivenciaram os anos recentes deste meio século de história. Uma seção com início, meio e fim – apesar de ainda ecoar entre nós –, mas que se coloca como mais uma evidência de um traço estrutural da Comunicação Social na Ufes: a resiliência.

Isso porque, estes 50 anos de história podem ser descritos como 50 anos de superações. Décadas de ultrapassagem de barreiras as mais diversas, inspiradas pelo investimento intelectual e de aposta coletiva numa realidade melhor, mais justa e humana. Anos e anos de dedicação a formar comunicadores conscientes de seu papel na construção da emancipação socioeconômica e política entre nós.

Que estejamos sempre motivados a seguir sob a inspiração desse horizonte. Trabalhador da seara comunicacional, só tenho a agradecer esse encontro privilegiado de minha caminhada com a história da Comunicação Social na Ufes. Vida longa a esta jornada!

PROF. DR. JORGE ARTURO VILLENA MEDRANO

*Chefe do Departamento de
Comunicação Social da Ufes*

INTRODUÇÃO

Era 11 de setembro de 1974. Na Sala de Sessões do Conselho Universitário, o então reitor e presidente do colegiado, Máximo Borgo Filho, assina a Resolução 16/74, criando o curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Chegava a 80 o número de vagas por vestibular, a partir de 1975, por três anos consecutivos. E fim.

Sim, o curso de Comunicação Social da Ufes, que neste 2025 completa meio século, foi criado com data para acabar, com “vida útil” de apenas 36 meses para entrada de novos alunos. Sua “certidão de nascimento” previa: “a Universidade só poderá abrir novas vagas se comprovada a necessidade do mercado de trabalho e renovada a autorização Ministerial”.

Dando um drible no “atestado de óbito” prévio, o curso, em 30 de abril de 1980, foi tornado Departamento de Comunicação Social, segundo Resolução 13/80 do Conselho de Ensino e Pesquisa da Ufes.

Originalmente parte do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), desde 2005, de acordo com a Resolução 07/2005 do Conselho Universitário, exarada em 10 de março de 2005, integra o Centro de Artes (CAR), no campus de Goiabeiras, Vitória.

Atualmente, o DepCom, como carinhosamente é chamado, abriga os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual, além de ancorar o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom), com mestrado e doutorado acadêmicos.

Pelo ato de criação, o curso formaria, em tese, apenas 240 profissionais, e fecharia. Hoje, como Departamento, já se formaram mais de três mil. Assim, de três anos para cinco décadas, foram anos e mais anos ajudando a escrever a história capixaba.

Essa inegável contribuição no campo das comunicações se dá, diretamente, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão, e, indiretamente, graduando

milhares de jornalistas, publicitários e realizadores audiovisuais, profissionais que, a seu modo narrativo, contribuem decisivamente para a formação e reflexão da identidade espírito-santense.

Este “*Quinquagenário*” – do latim *quinquagenarius*, adjetivo ou substantivo alusivo a quem ou o quê tem entre 50 e 59 anos de idade – soma-se a outros dois livros, constituindo uma trilogia da história da formação em Comunicação Social na Ufes.

Sempre pelo Projeto Comunicação Capixaba (CoCa), que visa a incentivar o surgimento de novos autores, em 2005, editamos o primeiro da série, “*Balzaquiano*”, com fartos registros de fac-símiles de documentação histórica e também fotos antigas.

Em 2015, foi a vez de “*Balzaquiano + 10*”, editado para dar conta das intensas mudanças registradas nesse intervalo de tempo, como a criação da graduação em Cinema e Audiovisual e do PósCom. Todos os dez livros do Projeto CoCa estão disponíveis gratuitamente em www.comunicacaocapixaba.com.br

Deste “*Quinquagenário*” constam sínteses – informações, falas de entrevistados etc. – das abordagens dos livros que o precederam, assim como novas apurações sobre fatos antigos e recentes, registrados nos últimos 10 anos.

Uma novidade é o convite a participar da escritura e produção do livro ex-alunos do DepCom, somando-se ao trabalho de atuais estudantes, matriculados em uma disciplina optativa exclusivamente destinada ao aprendizado de elaboração de livros-reportagem, tendo como laboratório a contribuição para a feitura deste.

O propósito é reunir graduandos e graduados em Comunicação Social na Ufes, evidenciando as marcas da produção de quem ainda se profissionaliza e de quem já segue os caminhos da profissão, seja no mercado de trabalho, seja na vida acadêmica.

Antes de seguir, gostaria de registrar meus agradecimentos ao Sistema OCB/ES, na figura de seu diretor-executivo, Carlos André Santos de Oliveira, pelo patrocínio da impressão deste livro histórico. Toda a tiragem, de 500 exemplares, será distribuída gratuitamente, inclusive a bibliotecas públicas.

Esse apoio da Organização das Cooperativas Brasileiras do Espírito Santo soma-se a uma outra ação icônica da instituição para o incentivo à comunicação social espírito-santense, o Prêmio de Jornalismo Cooperativista Capixaba (PJC),

que é a maior e mais longa premiação à imprensa no Estado, caminhando para a sua 19ª edição, em 2026.

Seguindo para o detalhamento do livro, o primeiro capítulo faz um panorama de questões institucionais do curso/departamento, inclusive considerando a ampla cena comunicacional e suas transformações, no decorrer de meio século de Comunicação Social na Ufes.

A segunda seção foca nos currículos implantados nos últimos 50 anos, buscando evidenciar diálogos e conexões entre os paradigmas da comunicação e as grades curriculares no DepCom.

A conquista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom), que começou com o mestrado, aprovado em 2013 e implementado em 2014, e recentemente incorporou o doutorado, aprovado em 2024 e iniciado em 2025, compõe o terceiro capítulo. O capítulo quatro é especialmente dedicado à análise das políticas de inclusão no âmbito do Departamento de Comunicação Social.

Em seguida, no capítulo cinco, temos a lista com cerca de 200 docentes – entre efetivos, substitutos, voluntários e visitantes – que ajudaram e ajudam a escrever meio século de história no DepCom. Na sexta seção, apresentamos a listagem dos 3.043 graduados nos cursos do Departamento ao longo destes 50 anos.

Logo após, conta-se a trajetória do movimento estudantil ao longo dessas cinco décadas.

Um perfil dos atuantes e longevos membros da secretaria do Departamento de Comunicação Social, Helia Joseph (Tia Helia) e Robson Barros Torres (Robinho), compõe o oitavo capítulo, numa abordagem que fala de profissionalismo e afeto desses personagens que são um capítulo à parte na história de 50 anos do curso.

Fechando o livro, relatos de professoras e professores que aceitaram o convite para escrever sobre a experiência docente no DepCom, também abordando suas iniciativas em pesquisa e extensão. Para não ser repetitivo, faço o registro aqui, sumariamente, da alegria de ter entrado na Ufes juntamente com um novo currículo e estar acompanhando a implantação de um outro. Ou seja, tenho participado de uma história em frenético movimento.

Nestes tempos, pesquisei da memória da comunicação capixaba – este livro é o número 11 de um projeto de Extensão, o CoCa, Comunicação Capixaba, que visa a produzir uma referência literária sobre as atividades comunicacionais no Espírito Santo – à internet, com suas redes e idiossincrasias.

No caso da digitalidade, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom), pude desenvolver o conceito de “ciberterritório” e “ciberterritorialidade”. E na minha tese de concurso para Professor Titular, elaborei o conceito de “ciberbarroco”, também lançado em livro, pela editora fluminense Mauad. Por ela, também lancei dois livros, nas áreas às quais fiz concurso em 2004. São eles: *Seis Questões Fundamentais da Comunicação Organizacional Estratégica em Rede* e *Seis Questões Fundamentais da Assessoria de Imprensa Estratégica em Rede*. Ainda sobre minha área de atuação no Dep-Com, lancei, pela paulista Summus Editorial, o livro *Os Públicos Justificam os Meios – Mídias Customizadas e Comunicação Organizacional na Economia da Atenção*.

Enfim, entre projetos de extensão, inúmeros projetos de pesquisa, dezenas e dezenas de turmas e orientações de TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso), a produção de livros, como este terceiro dedicado à memória da Comunicação Social na Ufes, é uma marca que tenho a alegria de ter impresso na minha trajetória como professor numa parte deste meio século de história, da qual também participei como aluno de Jornalismo, entre 1988 e 1992. Enfim, somente na produção literária – para ficar no campo que me marcou profundamente nesse período –, são 14 volumes, dentre outras dezenas que produzi relativamente a temas de interesse socioeconômico e cultural capixaba.

Se a territorialidade capixaba, há 50 anos, em plena vigência da violenta ditadura militar (1964-1985), prescrevia a formação de número limitado de profissionais de comunicação social, numa empreitada natimorta – afinal, seriam apenas três vestibulares –, o que dizer da demanda por comunicadores, em suas várias facetas, na atual sociedade midiaticizada, em que se constituiu mesmo, por meio das redes e teias informáticas, uma nova dimensão para o exercício da vida, os ciberterritórios?

Assim, se os desbravadores e a contingência comunicacional fizeram persistir o curso de Comunicação Social, transformado em Departamento de Comunicação Social, hoje, abrigando três graduações, imagine o quão promissor parece o futuro para quem forma profissionais e pensadores das artes

do comunicar neste novo tempo histórico dinamizado por inúmeros processos infocomunicacionais.

Por certo, as novidades tecnológicas atordoantes e os desafios relacionais cruciais à civilização humanística, apresentados pelo paradigma da comunicação em rede de mídias, impõem um denso pensar crítico e uma formação atualizada, realidade que projeta vida longa à nossa quinquagenária formação em Comunicação Social na Ufes.

Sem que se percam noções da história que nos trouxeram até aqui, moldando-nos como sujeitos e sociabilidades, e sem deslumbramentos ou encantamentos diante do reluzir da técnica do capital, que continuemos a ser um polo de formação sociotécnica daquelas e daqueles que poderão ajudar a efetivar as potências que nos inspiram a inventar um futuro cada vez melhor que o hoje, em termos de liberdade republicana, autonomia cidadã e inclusão ampla e irrestrita.

PROF. DR. JOSÉ ANTONIO MARTINUZZO

Organizador, é Jornalista formado na Ufes, Pós-Doutor em Mídia e Cotidiano (UFF), Pós-Doutor em Psicanálise (UERJ), Doutor em Comunicação (UFF) e Professor Titular do Departamento de Comunicação Social da Ufes

CAPÍTULO 1

50 anos de história institucional do curso de Comunicação Social da Ufes: Antes e depois de 1968

WAGNER PIASSAROLI MANTOVANELI

*PhD em Ciência da Comunicação pela Universidade de Viena,
Áustria, Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Ufes
e Bacharel em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda)
também pela Ufes*

Introdução

Nos 50 anos de história institucional do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), pensamos tal história como parte de uma história mais ampla, que inclui o processo de institucionalização dos cursos de Comunicação no Brasil e no mundo. Os apontamentos principais dessa história localizada e a reflexão de sua participação em um movimento global fazem parte do objetivo deste capítulo. Maiores detalhamentos da história do curso de Comunicação Social na Ufes já foram feitos por livros anteriores dos 30 (2005) e 40 anos do curso (2015). Tais detalhes deixamos para ocupar uma *timeline* dos 50 anos do Curso ao final do texto.

O foco do presente texto é em pensar o meio século de história do Curso como parte de uma história global da formalização dos cursos de Comunicação mundo afora. Seguimos, para isso, como ponto de largada, a periodização proposta para estudar o campo segundo Simonson e Peters (2008) e Simonson e Park (2016). Uma historiografia internacional do campo, segundo tais autores, pode ser entendida como dividida entre os seguintes períodos: 1) A pré-história do campo, 1870-1939; 2) O campo da comunicação e mídia

institucionalizado, 1940-1967; 3) *Ferment in the field* (fermento no campo), 1968-1988; e 4) o neoliberalismo, crescimento global, pluralização da disciplina, de 1989 ao presente momento.

Nessa periodização, aqui para nossos fins, tomamos como ponto de partida o fermento no campo¹, que utiliza a data emblemática de 1968 como tendo seu início. O “fermento” se refere tanto às agitações políticas e culturais, movimentos sociais e lutas de minorias nos EUA e no mundo contra os efeitos do imperialismo norte-americano e, conseqüentemente, como esses elementos sociológicos influenciaram nos currículos universitários e nas posturas intelectuais, assim como na composição dos professorados, de maioria masculina e branca. Era uma época de influência de textos críticos traduzidos principalmente do alemão e do francês, do movimento culturológico na comunicação e de movimentos locais, como na América Latina, com cada país buscando as raízes de sua ciência da Comunicação e de reflexões que faziam mais sentido para o local.

O curso de Comunicação na Ufes já nasce no pós-1968, dentro desse período de crítica e de busca por identidades locais. Entretanto, aqui queremos deixar claro que, apesar de sua institucionalização só se dar durante o “fermento no campo”, já havia em curso no Brasil um movimento crescente de estudos nas diversas habilitações da Comunicação antes de 1968, especialmente a partir da década de 1930, o que preparou e facilitou o caminho para a rápida formalização do curso de Comunicação Social na Ufes na década de 1970.

Antes de 1968

Instituída em 1954, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) tem sua história vinculada à criação de escolas anteriores: as faculdades de Direito e Odontologia e de Educação Física na década de 1930, e, posteriormente, já no início da década de 1950 da Escola Politécnica, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Escola de Belas Artes, do Instituto de Música e do Instituto

1 O nome dado a tal período também faz referência à edição especial do *Journal of Communication*, intitulada “*Ferment in the Field*”. Foi publicada em 1983 (vol. 33, nº 3). Ela apresentou 35 artigos que levantavam “questões sobre o papel dos estudiosos e pesquisadores da comunicação, e da disciplina como um todo, na sociedade” (Gerbner, 1983, p. 4).

de Tecnologia. Posteriormente à fundação da Ufes em 1954, logo surgiram as faculdades de Medicina e de Ciências Econômicas.

A formalização do ensino desses saberes na Ufes compreende um contexto de industrialização no país em que encontramos uma elevação do nível de renda, deixada pelo aumento das exportações de produtos primários de fins do século XIX até 1929 – primeira fase de industrialização no país, segundo Furtado (2011) – e de início de uma segunda fase de industrialização.

Na década de 1930, já vemos uma fase nacional dos estudos de comunicação (LOPES e ROMANCINI, 2016) que coincide com os governos de Getúlio Vargas, nacionalista e populista, com indústria ainda fomentada pela iniciativa do Estado. Esse momento já compreende o desenvolvimento de cursos de Comunicação em um contexto de história institucional ampla no Brasil e no mundo, apesar de que na Ufes somente se instituiu oficialmente um curso de Comunicação após 1968.

É durante a modernização da sociedade brasileira que começam a surgir as primeiras iniciativas para a criação de cursos para formar profissionais de mídia. “Desde sua fundação, em 1908, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) defendia a criação de uma escola de jornalismo” (LOPES e ROMANCINI, 2016, p. 350).

Entretanto, foi somente na década de 1930 que tal ideia vingou. Com a criação da extinta Universidade do Distrito Federal (UDF), Anísio Teixeira, em 1937, fundou o curso pioneiro em Jornalismo e Publicidade, fechado em 1939 durante o período ditatorial do governo Vargas (LOPES e ROMANCINI, 2016, p. 350). Nos anos 1940, entretanto, cursos continuaram a ser criados e ofertados no Brasil com o apoio do Estado.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1948, e na Universidade Federal da Bahia, 1950, foram criados cursos de Jornalismo. Na iniciativa privada, a Escola de Jornalismo Cásper Líbero, em 1948, e a Escola de Propaganda e Marketing, em 1951, foram fundadas em São Paulo, existindo até os dias de hoje.

Na fase transnacional dos estudos de comunicação no Brasil (LOPES e ROMANCINI, 2016), marcada pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), tivemos o fenômeno econômico da substituição de importações, crescentemente controlado por capital estrangeiro. A fase transnacional trata-se de um período que media o nacionalismo de Vargas de um lado e nos leva ao

mundo globalizado que virá à tona na era Fernando Henrique Cardoso, na década de 1990.

É na fase transnacional, entretanto, que as disputas com o capital estrangeiro adentrando o país começam de fato a se intensificar e a formar o sistema de mídia composto pelas políticas setoriais que hoje temos. As principais indústrias culturais se concentraram no Rio de Janeiro e em São Paulo: O Grupo Globo, o Grupo Abril, o Grupo Folha etc. (LOPES e ROMANCINI, 2016).

Foi durante a década de 1960 que um sistema global de comunicação passa a ser assimilado em território nacional, no período de 1964 a 1987, segundo Daniel Herz (1987). À expansão e modernização do sistema produtivo no Brasil, seguem-se, lado a lado, a evolução de tecnologias de comunicação capazes de ligar o Brasil aos centros dominantes do mundo.

Assim, dentro do processo de expansão e modernização do sistema econômico no Brasil,

foi instalado um gigantesco sistema nacional de comunicações, composto por uma avançada infraestrutura de serviços de telecomunicações e por dezenas de emissoras de televisão, centenas de emissoras de rádio e dezenas de milhões de receptores de rádio e televisão (HERZ, 1987, p. 85-86).

Nesse mesmo período, também surgem as chamadas “escolas de comunicação” pelo Brasil, ofertando cursos de graduação para profissionalização em Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Cinema e Rádio/Televisão. As escolas foram primeiro inauguradas em instituições públicas de ensino superior: Universidade de Brasília (1964), Universidade de São Paulo (1966) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (1967) (LOPES e ROMANCINI, 2016).

Junto à criação de escolas, importantes nomes brasileiros e estrangeiros passaram a ocupar o ensino em Comunicação no país, produzindo clássicas obras e traduções: como José Marques de Melo e Muniz Sodré, no Brasil, e autores estrangeiros com suas traduções, como foi o caso de Marshall McLuhan, Edgar Morin, Umberto Eco, Pierre Bourdieu, além de outros autores das tradições críticas frankfurtianas e dos estudos culturais e da semiótica.

Nessa época, a mesma em que mundialmente tínhamos o chamado “fermento no campo” nos estudos em comunicação (SIMONSON e PARK, 2016), com os movimentos estudantis de 1968, no Brasil, a crítica ao funcionalismo norte-americano se deu da mesma forma, especialmente com a disponi-

bilização dessas obras críticas traduzidas e das visões do educador Paulo Freire sobre comunicação alternativa.

O curso de Comunicação Social da Ufes e sua institucionalização, portanto, já nascem inseridos em um contexto global em que a história da disciplina é caracterizada pelo chamado “fermento no campo”, nome atribuído aos efeitos da formação da *new left* (nova esquerda) e da globalização dos mercados nos currículos, ensino e professorado dos estudos em Comunicação em todo o mundo após os movimentos da década de 1960, em especial após o ano emblemático de 1968 (SIMONSON e PARK, 2016).

A fundação do curso à época do “fermento no campo” (1968-1988)

Circunscrita à era da ditadura militar brasileira, e, globalmente, na era da Guerra Fria e da historiografia da comunicação entre 1968 e 1988 (o chamado “fermento no campo”), a criação do curso de Comunicação Social na Ufes nasce da necessidade do mercado, mas, ao mesmo tempo, também da necessidade de aprendizado e curiosidade humana da ciência por detrás das práticas jornalísticas e publicitárias já desenvolvidas por não-diplomados na área em empresas do Estado, como *A Gazeta*.

O curso de Comunicação foi criado na Ufes com muitos elementos que já representavam o espírito da época, para além das posturas críticas, contou com um professorado composto por mulheres, e com uma geração voltada às imagens da televisão e já influenciada pelos sentimentos antiamericanos e anti-imperialistas.

Segundo Simonson e Park (2016), 1968 é uma data conveniente, mas imprecisa, para se referir à agitação política e intelectual que se desenrolou globalmente, desencadeando mudanças que alterariam profundamente o estudo da Comunicação nas próximas décadas. Os protestos de estudantes e trabalhadores em todo o mundo foram alimentados por vários fatores contextuais políticos, econômicos e intelectuais a influenciarem os estudos de comunicação que podem ser resumidos em:

- 1) O crescimento do sentimento antiamericano dado sua atitude imperialista diante de outras nações no pós-guerra;

2) O também descontentamento com o regime comunista, uma vez exploradas suas contradições e atrocidades cometidas;

3) A presença massiva das televisões em lares que transmitiam guerras, como a do Vietnã, e injustiças sociais, alimentando os sentimentos de estudantes e trabalhadores;

4) O movimento de mulheres, negros e minorias sociais criticando formas dominantes de produção de conhecimento (mulheres não eram comumente parte de professorados até então);

5) O crescimento das indústrias de mídia também influenciou na formação curricular, pressionando para a formação de mais profissionais. No ensino de comunicação de massa, as tensões entre a formação profissional e a instrução acadêmica eram predominantes em todo o mundo, uma questão que persiste até os dias de hoje;

6) As pesquisas de cunho objetivistas e o cientismo presentes nas pesquisas da década de 30, 40 e 50 nos EUA começaram a ser arduamente criticadas, justamente por se mostrarem desalinhadas e desvinculadas com relação aos problemas sociais;

7) O filósofo e educador brasileiro Paulo Freire escreveu uma crítica influente de 1969 aos esforços de desenvolvimento rural em nome da “comunicação dialógica”, contribuindo para um paradigma mais amplo de “comunicação participativa” que seria uma marca registrada do pensamento latino-americano dos anos 1970 em diante;

8) A disponibilidade de estudos críticos e outras possibilidades de paradigmas foram aumentando, com obras traduzidas do alemão e francês, principalmente, para outras línguas, alimentando a formação de novos olhares para a comunicação. As teorias marxistas e neomarxistas, o estruturalismo e pós-estruturalismo francês, o revisionismo da Escola de Frankfurt e dos estudos culturais britânicos, para além da formação de estudos culturais distintamente latino-americanos, criaram um novo cânone literário de maior interesse ao apelo do novo *Zeitgeist*; e

9) A era pós-1968 também testemunhou uma crescente internacionalização da pesquisa em comunicação como uma atividade organizada. Institucionalmente, isso foi impulsionado por organizações com foco global, como

UNESCO² e IAMCR³, bem como associações regionais transnacionais como Associação Latino-Americana de Informação e Comunicação (ALAIC, 1972; SIMONSON e PARK, 2016).

Em âmbito nacional, em 1977, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM) foi criada e hoje é a mais ampla no campo. A organização tem trabalhado para unir pesquisadores de todas as partes do país para discutir temas sob variados grupos temáticos de estudos, como fazem as associações internacionais de comunicação, como a IAMCR e a ICA⁴ (LOPES e ROMANCINI, 2016).

O curso formado em 1975, com já 20 anos completos da história da Ufes, tinha em seu currículo diversas disciplinas práticas, mas, desde lá, já contava com ampla oferta de disciplinas teóricas, como Teoria da Comunicação I, II e III, História da Comunicação, Introduções à Filosofia e à Psicologia Social, dentre várias outras (para acesso aos currículos e sua análise contextual, veja capítulo seguinte). A Universidade da década de 1970 unia estudantes que ecoavam mundo afora uma necessidade iminente de mudança social, e que tal mudança se refletisse nas estruturas de seus cursos.

O estudo do “social” deixou de ser província do cientismo e positivismo acadêmico, que refletiam posturas intelectuais que foram acusadas de virarem as costas para a realidade, traduzindo-se em teorias vistas como descoladas dos problemas sociais, sendo um dos representantes maiores o norte-americano Talcott Parsons. Ao funcionalismo de Parsons, via-se o acréscimo de uma crescente renovação de estudos marxistas. Alvin Gouldner abordou tal tema em *A Crise Iminente da Sociologia Ocidental*. O livro de Gouldner foi publicado na década de 1970 e marcou o auge de uma onda de política universitária na qual a sociologia estava centralmente envolvida.

O status de ciência social da Comunicação foi tão escrutinado quanto o de ciência social *aplicada*. A luta na Ufes por uma formação que “fizesse sentido” se deu tanto nas exigências de condições tecnológicas para aprender a prática da comunicação e de suas habilitações (exigia-se constantemente melhores estruturas e equipamentos para o estudante), quanto nos protestos de

2 *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.*

3 *International Association for Media and Communication Research.*

4 *International Communication Association.*

estudantes revolucionários que criticavam desde a postura de professores vistos como autoritários, passando pelo conteúdo dos currículos, até a defesa da Universidade como espaço autônomo de livre pensamento, expressão e de desenvolvimento e afirmação de identidades diversas.

Exigir melhores estruturas técnicas no recém-instituído Departamento de Comunicação da Ufes, criado em 1980, se confundia com a exigência por espaços comunicacionais onde o estudante pudesse se expressar. O crescimento de um espaço de aprendizado científico sobre a Comunicação Social se confundia com o crescimento de uma universidade onde os instrumentos comunicacionais fossem pensados para além do seu uso mercadológico.

O não-diplomado em Comunicação que trabalhava nas redações de jornais para vender comunicação, agora retorna ao espaço acadêmico procurando um local de experiência de uma comunicação que servisse uma sociedade e que extrapolasse seu caráter utilitarista. O mundo da prática dificilmente sobrevive sem um sentido no mundo teórico, visto que o ser humano é ávido por buscar sentido. Ou, na linha do que afirmou Kurt Lewin⁵ – “não há nada mais prático que uma boa teoria” –, podemos dizer que os praticantes do ofício também estavam em busca de “boas teorias”.

O estudante, no entanto, ao entrar na graduação em Comunicação na Ufes, já estava inserido em um processo de desejo de mudanças institucionais que representam a busca por maior reconhecimento da identidade do curso que, desde o nascimento, em 1975, estava vinculado ao Departamento de Administração no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Ufes. Tanto os professores quanto os alunos se sentiam mais próximos das humanidades no Centro de Artes (CAr) da Ufes. Essa transição de desvinculação do curso ao Departamento de Administração para o reconhecimento de um departamento próprio dentro de um outro centro marcou a história do curso.

Apenas em 1980, depois de muita disputa interna no centro, os professores da Comunicação Social tiveram seu departamento criado, em 30 de abril de 1980, permanecendo localizado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Somente 25 anos após criado o Departamento no CCJE é que há efetivamente a mudança do Departamento de Comunicação Social do CCJE para o Centro de Artes. A mudança de centro foi aprovada pela Resolução 07/2005

5 Um dos teóricos aos quais se atribui participação na fundação do campo dos estudos em Comunicação.

do Conselho Universitário da Ufes em 10 de março de 2005. Juntamente com o Departamento de Comunicação Social, a ser localizado nos Cemunis (Célula Modular Universitária), foram para o Centro de Artes verbas federais liberadas para a construção de um prédio de audiovisual e laboratórios multimídia, que passaria a atender a todas as graduações daquele Centro.

Do período de formação do curso até finalmente sua mudança para o Centro de Artes, passaram-se 30 anos. Esses 30 anos de luta por reconhecimento e de maiores possibilidades para crescimento do curso representam, em sentido amplo, uma luta global da Comunicação como ciência que busca reconhecimento e legitimidade em meio às humanidades e ciências sociais. A Comunicação Social é o ponto de chegada das lutas que começam com cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Cinema e Audiovisual, que formavam a amálgama de práticas que desembocariam no reconhecimento do objeto comum e necessário a todas essas práticas – a comunicação.

O curso de Comunicação Social na Ufes estava inserido nacionalmente no âmbito de formação das escolas de Comunicação, como se deu em universidades como a USP. Nos Estados Unidos, o auge também foi a criação dos estudos em comunicação ou apenas comunicação (*Communication Studies/Communication*). Na Alemanha e na Áustria, o mesmo: o estudo dos jornais e depois da *Publizistik*⁶ deram lugar à Ciência da Comunicação (*Kommunikationswissenschaft*).

A gerência do conhecimento de tais práticas se daria por um conhecimento em comum do objeto comunicacional, no qual o conhecimento e a formação individual em cada habilitação (na Ufes, o Jornalismo, seguido da Publicidade e Propaganda e, depois, do Cinema e Audiovisual) passaria por disciplinas comuns ofertadas no currículo de cada uma. De uma certa forma, o estudo do ponto de vista da comunicação provocava discussões e reflexões que podiam ir tão longe quanto toda a história social dos meios de comunicação, mas, ao mesmo tempo, encantava, de um lado, os que viam a comunicação social como uma ciência social aplicada a alguma habilitação, e, de outro, aqueles que a enxergavam como uma humanidade, em seu sentido filosófico, histórico e artístico.

6 Nome que antecede a criação do que hoje se conhece, de uma maneira geral, sob o rótulo da Ciência da Comunicação na tradição germânica.

Em meio a esse movimento de busca por reconhecimento do curso, necessidade de mudanças físicas, investimentos, e discussões sobre as epistemologias que atravessavam a formação do amplo objeto comunicacional, situados no momento histórico do “fermento no campo”, há dois elementos importantes a se considerar: o caráter interdisciplinar dos professores representantes do curso, desde o seu início, e também os movimentos estudantis que têm, na Ufes e na Comunicação, seu epítome no grupo chamado “Balão Mágico”.

Prova do caráter interdisciplinar de formação do curso de Comunicação na Ufes, que também está presente na história da maioria das instituições, conseguimos ver quando, em 6 de maio de 1976, o reitor Manoel Ceciliano Salles de Almeida designou professores de departamentos diversos para constituírem a representação do curso de Comunicação Social: Antônio Carlos Ortega – Departamentos de Filosofia e Psicologia; Antônio Coelho Sampaio – Departamento de Economia; Domingos Freitas Filho – Departamentos de Ciências Sociais, Filosofia e Sociologia; Euzi Rodrigues Moraes – Departamento de Letras; Namyr Carlos de Souza – Departamento de Direito Público; Nilo Martins da Cunha – Departamento de História; Sibyla Baeske – Departamento de Administração.

Todos esses departamentos representam, não de forma exata, mas apenas à guisa de comparação, algum dos saberes de onde a Comunicação busca uma tradição fundadora, como nas sete tradições de Craig (1999): a Sociocultural; a Psicologia Social; a Semiótica; a Cibernética; a Fenomenologia; a Retórica; e a Crítica. Para além de se basear nessas disciplinas, a Comunicação cria seus próprios objetos de estudo, presentes em cada aspecto do processo comunicacional e nos contextos que eles colaboram para construir, representados basicamente na conhecida fórmula de Lasswell: quem (estudos de controle), diz o quê (estudos da mensagem), por meio de que canal (estudos dos meios), para quem (estudos de audiência), com que efeito (estudos dos efeitos).

O professor Domingos Freitas Filho, um dos fundadores do curso, ensinava disciplinas teóricas aos alunos, alguns dos quais as caracterizavam por ser de viés marxista e autoritário, já vista como *passé* à época. Esse mesmo professor foi quem apelidou tais alunos como grupo “Balão Mágico”. Para o professor, liam pouco, mas já queriam ter atitude de artistas e intelectuais revolucionários (ULIANA, RIBEIRO e BARONE, 2005). Aqui para nós, os alunos do famoso grupo representam o espírito da época no período aqui tratado e a própria comunicação na Ufes em busca por reconhecimento.

A atitude dos estudantes mundo afora, após 1968, não era tão diferente, mesmo em universidades de grande renome. Eram jovens situados no meio da crise da sociologia ocidental, como descreveu Gouldner, exigindo mudanças que iam do comportamento do professorado às epistemologias que guiavam seus estudos e reflexões. Por mais que para esses estudantes essa necessidade era mais um sentimento do que algo fruto de uma racionalidade madura, ainda deve ser caracterizado como produto de uma época.

Estamos falando já de 1984, nove anos após a instituição do curso de Comunicação na Ufes, quando estudantes de Artes Plásticas e Comunicação, com características artísticas e políticas, sem conotação partidária, assumem o apelido dado pelo professor Domingos Freitas e se autointitulam “Balão Mágico”. Esse grupo buscava reivindicar melhorias e questionar o que se fazia nos cursos; questionava, inclusive com performances públicas e *happenings*, as relações de poder e as metodologias do ensino superior. Queriam ser porta-vozes da Universidade enquanto espaço de mudança social e autonomia de expressão.

Em 1985, a precariedade do espaço físico para o curso de Comunicação causou uma greve de estudantes, que também teve adesão dos professores da Comunicação, organizada pelo grupo “Balão Mágico”. A greve teve como pautas reivindicatórias mais infraestrutura, mais professores e, inclusive, a vinda da Comunicação para o Centro de Artes. Em 1986, fundam a Rádio Pirata TX 107.3. Com sede na cabine 8 da Biblioteca da Ufes e uma programação variada, a rádio permaneceu apenas 33 dias no ar.

De 1989 aos dias atuais

No período global do campo de estudos em Comunicação, vemos o alvorecer do neoliberalismo com os presidentes Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso no começo da década de 1990. “O Estado adotou políticas de privatização e desregulamentação da economia como um todo” (LOPES e ROMANCINI, 2016, p. 359). Para a disciplina da Comunicação, o momento também é de maior internacionalização com a expansão de tecnologias digitais e a chegada da Internet.

As grandes indústrias culturais nacionais tiveram de se rearranjar estrategicamente para poder competir com grandes *players* do mercado global, assim como para se ajustar para se tornarem competitivas em uma era digital e de competição de atenção de uma audiência que consome mídias diversas e tem acesso à grande quantidade de conteúdo na rede. As privatizações coordenadas à “fase da multipli-

cidade da oferta” (BRITTOS, 2000), a chegada da Internet comercial e a consolidação da TV segmentada (a partir de 1995) marcam um novo momento de entrada do estrangeiro no país.

O regime neoliberal, geralmente qualificado como presente na década de 1990, é importante sempre deixar claro, não pode ser motivo para empalidecer o fato histórico da liberdade da qual sempre usufruíram as empresas de mídia no Brasil. Nem mesmo nos Estados Unidos e na Europa, explica-nos Murilo Ramos (2005, p. 66), a tendência de desregulamentações e privatizações foi capaz de superar a liberdade comercial reconhecidamente histórica da qual o empresariado de mídia explorou no Brasil.

O fator “diminuição do Estado” está ligado a uma característica neoliberal, mas a história da mídia brasileira revela que seu papel quase sempre se mostrou liberal no desenvolvimento dos grupos de mídia em território nacional. Como vimos em Furtado (2011), o modelo adotado por países desenvolvidos para sua industrialização era o de coadunar tal desenvolvimento com um sistema econômico nacional. O que se deu no Brasil foi um desenvolvimento industrial sem se dar importância a quais sujeitos desenvolviam a indústria interna. Nossa falta de inovação tecnológica endógena fez os grupos dominantes pressionarem sempre em prol de uma liberalização para se aliarem a grupos industriais estrangeiros, fonte de inovação necessária ao desenvolvimento. A política interna muitas vezes recuou, pois via nesse progresso a formação de um sistema de sobrevivência necessário e inevitável.

Com os meios digitais, os estudos e pesquisa em comunicação passam a experimentar os desafios de pensar o objeto comunicação em perspectiva global. Para a historiografia do campo da Comunicação, ficava claro que histórias do campo vistas a partir da visão americana dominante, apesar de já ser bastante complexa, não era o suficiente para representar o desenvolvimento do campo em escala global. Vozes e olhares teóricos do Sul, da África e da Ásia, compõem hoje, cada vez mais, a história global do campo.

Acompanhando a crescente dos estudos em Comunicação e sua complexidade em nível global, o efeito institucional também foi sentido. Oferecendo conferências e possibilidades para publicações, surgiu no Brasil uma outra grande associação, a Compós, que é a Associação Nacional de Programas de Graduação em Comunicação, fundada em 1990.

Na Ufes, seguindo esse cenário, e o da redemocratização no país, vemos entrar no ar a Rádio Universitária 104.7 FM em 1989 e um início do processo de infor-

matização da Ufes em 1990. Entre 1992 e 1995, os cursos do Departamento de Comunicação Social ganharam o seu primeiro edifício de laboratórios. Em 1997, alunos criam a Empresa Júnior de Comunicação Social (Ecos Jr.) e também se consolidaram projetos laboratoriais históricos, como o jornal *Primeira Mão*.

Aprovado em 2005, com apelido de “Bob Esponja”, vê-se o início do uso do prédio multimeios em janeiro de 2008. Ao final de 2009, é feito o primeiro vestibular para o novo curso de Audiovisual, modificado depois para Cinema e Audiovisual. Em 2002, também vemos o sistema de matrículas dos estudantes da Ufes começar a ser informatizado, e, no mesmo ano, é criado o jornal eletrônico Universo Ufes. Em 2011, são criados ambientes virtuais: os portais do servidor, do aluno e do professor.

Todas essas mudanças favoreceram também para que a transferência do Departamento de Comunicação Social do CCJE para o Centro de Artes fosse efetivada. A mudança de centro foi aprovada pela Resolução 07/2005 do Conselho Universitário da Ufes em 10 de março de 2005. Juntamente com o Departamento de Comunicação Social, a ser localizado nos Cemunis, foram para o Centro de Artes verbas federais liberadas para a construção do prédio de audiovisual e laboratórios multimídia, como já dissemos, e que passaria a atender a todas as graduações daquele Centro.

Completando 30 anos de existência de curso, o professor José Antonio Martinuzzo organiza com alunos de sua disciplina livro-reportagem o lançamento de livro de comemoração dos 30 anos do curso de Comunicação Social da Ufes em 2005: *Balzaquiano - Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo*. Hoje, 20 anos depois, o livro continua sendo um ponto de partida para pensar a história do curso, dada a riqueza de detalhes que os alunos conseguiram acumular por meio de pesquisa documental e entrevistas com professores, ex-professores, alunos e ex-alunos do Departamento.

Em 2004, refletindo o cenário de mudanças e pressões globais, especialmente dos empresariados e das burocracias estatais, houve a implantação do novo currículo dos cursos do Departamento de Comunicação Social, com disciplinas que refletiam uma maior expansão do mercado de trabalho local e nacional, sendo incluídas as disciplinas de Comunicação Organizacional e Assessoria de Imprensa.

O mundo altamente midiático, com a Internet e as redes sociais, contribuiu ainda para dinamizar o antigo debate das ações afirmativas e de questões de representatividade de identidades consideradas minoritárias compondo os espaços pú-

blicos e privados. A agenda das ações afirmativas se estabelece na Ufes na primeira década deste novo século, tendo, inclusive, ações pioneiras por parte do PósCom, como se poderá ler no capítulo 4, especialmente dedicado a este tema.

Em 2013, o curso de Comunicação Social teve seu mestrado aprovado em dezembro, com o nome de “Comunicação e Territorialidades”, representando uma inovação nos estudos em Comunicação, visando, dentre outros assuntos, explorar e mapear os territórios que os processos de comunicação criam em uma sociedade global e altamente midiaticizada, especialmente com o advento das redes sociais. O controle científico sobre tais territórios simbólicos seria facilitado com a presença dos rastros digitais deixados pelos usuários, aumentando a fonte de dados primários a serem coletados. O programa já aprovou seu Doutorado também na área em 2024.

Em 2016, resultado do desenvolvimento do mestrado, houve a publicação do livro *Comunicação e Territorialidades: As pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo*, organizado pelo professor José Antonio Martinuzzo e Marcela Tessarolo, e, em 2017, a publicação do livro *Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias*, pela Edufes, organizado pelas professoras Daniela Zanetti e Ruth Reis.

Em 2020, com a eclosão da pandemia do covid-19, o trabalho remoto foi adotado em março e as atividades presenciais na Universidade foram suspensas. Em agosto de 2020, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Ufes aprovou, em caráter excepcional, o Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial – EARTE, regulamentado pela Resolução 29/2020 (EARTE na Pós-graduação) e Resolução 30/2020 (EARTE na Graduação). Em março de 2022, o CEPE aprovou a resolução 7/2022, com a regulamentação da retomada das atividades presenciais para o ano letivo corrente, iniciado no mês de abril.

Em meio à dura travessia pandêmica, em janeiro de 2022, o Departamento de Comunicação recebeu a triste notícia do falecimento do professor Cléber José Carminati. O educador, expoente do “Balão Mágico” e um resistente crítico do *status quo*, foi um dos fundadores do curso de Cinema e Audiovisual da instituição.

Considerações finais

Apesar do amplo enfoque institucional aqui dado, o meio século de história do curso já merece histórias biográficas e intelectuais que ainda precisam ser contadas. Com a ampliação da pesquisa em Comunicação, agora com o mes-

trado e doutorado, o Departamento vai ao encontro definitivo dos requisitos da Universidade humboldtiana – não só oferecendo ensino, mas alimentando e dinamizando o ensino com pesquisas próprias. Os professores já passam a deixar discípulos com seus ensinamentos, que ajudam a levar o reconhecimento do curso mundo afora.

Com a pós acolhendo a virada espacial na filosofia das ciências sociais, o social, para a Comunicação, é constituído e construído não só pelo tecido do tempo, mas, em conjunto, com as dimensionalidades espaciais e territoriais. A experiência humana passa a ser influenciada e construída pelas possibilidades do tempo e do espaço como meios para se ter acesso a contextos amplos e mais complexos. Não podemos mais assumir que o sujeito que diz algo, por meio de algum canal, para alguém, com determinado efeito, é constituído apenas por contexto histórico, mas por contexto definido pelo espaço-tempo. Esse sujeito é situado em um local, onde afeta e é afetado por uma determinada organização social que sugere determinados mecanismos de controle social. Restituído o espaço-tempo enquanto ponto de partida, a Comunicação é elemento central para investigar ordens e mudanças. Quais espaço-tempos passaremos a investigar, definir, priorizar e publicizar é uma questão central que mora no seio da pesquisa em Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo.

O avanço das inteligências artificiais coloca-se como o próximo maior desafio da atualidade e a Comunicação precisará não só ser receptiva à inovação e se adaptar, mas mostrar-se como verdadeiro *gatekeeper* capaz de, por meio do conhecimento científico, influenciar as agendas do público, da mídia e das políticas públicas para impor limites éticos ao uso de tais ferramentas, que ameaçam transformar desde a cognição individual a todas as complexas redes territoriais tecidas por trocas simbólicas e por atividades comunicacionais das quais ainda sequer estabelecemos as melhores maneiras de governança.

***Timeline* dos 50 anos do curso de Comunicação na Ufes**

1974	Criação da habilitação em Comunicação Social pela Ufes em 11 de setembro de 1974, pela resolução número 16/74 do Conselho Universitário. A habilitação tinha caráter provisório e acabaria em 3 anos, não fosse comprovada necessidade de continuação.
1974	Ufes comemora aniversário de 20 anos.

1975	Foi implantado o curso de Comunicação Social na Ufes no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Ufes. No início de 1975, foi realizado o primeiro vestibular, com 80 vagas. O currículo ainda não diferenciava especialidades, oferecendo formação multidisciplinar em Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, e Editoração e Jornalismo.
1976	Em novembro de 1976, a CPIC do curso de Comunicação Social sugeriu a instituição de habilitações específicas.
1977	Em 20 de outubro de 1977, pouco antes do fim previsto para graduação (último vestibular), a Ufes solicitou ao MEC o reconhecimento do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.
1978	As duas primeiras turmas se formaram, sendo basicamente constituídas por profissionais que já trabalhavam no mercado local.
1978	É retomado o Diretório Central dos Estudantes da Ufes (DCE), que havia sido extinto pela ditadura militar.
1979	O Conselho Federal de Educação reconhece o curso de Comunicação Social da Ufes através do parecer 7610/78, Decreto nº 83.220 de 1. de março de 1979.
1980	Nova grade curricular para os cursos da Comunicação Social. Apesar da previsão de três graduações na área – Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas –, a Ufes passou a oferecer somente as duas primeiras.
1980	Juntamente com a implantação dos novos currículos, veio o desafio de se criar um departamento específico para a Comunicação Social, até então vinculada ao Departamento de Administração. Depois de muita disputa interna no centro, os professores da Comunicação Social tiveram seu departamento criado em 30 de abril de 1980, permanecendo localizado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE).
1981	Efetivação dos professores do Departamento.
1982	São inaugurados o Prédio da Reitoria, o Restaurante Universitário e a Biblioteca Central no campus de Goiabeiras.
1984	Ufes comemora aniversário de 30 anos.

1984	É criado por estudantes o “Balão Mágico”, um movimento de estudantes de Artes Plásticas e Comunicação, com características artísticas e políticas, sem conotação partidária. Esse grupo tinha por objetivo reivindicar melhorias e questionar o que se fazia nos cursos. O movimento questionava de maneira pouco ortodoxa, com performances públicas e <i>happenings</i> , as relações de poder e as metodologias do ensino superior.
1985	A precariedade do espaço físico para o curso causou uma greve de estudantes que também teve adesão dos professores da Comunicação, organizada pelo grupo “Balão Mágico”. A greve teve como pautas reivindicatórias mais infraestrutura, mais professores e, inclusive, a vinda da Comunicação para o Centro de Artes.
1986	Os “balonetes” chegaram até a fundar a Rádio Pirata TX 107.3, no ano de 1986. Com sede na cabine 8 da Biblioteca da Ufes e uma programação variada, a rádio permaneceu apenas 33 dias no ar.
1989	Entra no ar a Rádio Universitária 104.7 FM.
1990	Início do processo de informatização da Ufes.
1992	Entre 1992 e 1995, os cursos do Departamento de Comunicação Social ganharam o seu primeiro edifício de laboratórios.
1993	O Departamento promoveu a 16ª edição do Congresso Nacional da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
1994	Ufes comemora aniversário de 40 anos.
1997	Depois da consolidação de projetos laboratoriais históricos, como o jornal Primeira Mão, os alunos criaram a Empresa Júnior de Comunicação Social (Ecos Jr.).
2000	É criada a TV Ufes.
2002	O sistema de matrículas dos estudantes começa a ser informatizado na Ufes.
2002	É inaugurado o Teatro Universitário da Ufes.
2002	Criado o jornal eletrônico Universo Ufes.
2004	A Ufes comemora seus 50 anos.

2004	Lançamento do programa radiofônico Bandeirão 104.7, no ar até hoje na Rádio Universitária.
2004	Implantação do novo currículo dos cursos do Departamento de Comunicação Social, com disciplinas que refletem a maior expansão de mercado de trabalho sendo incluídas, como Comunicação Organizacional e Assessoria de Imprensa.
2005	Ufes aprova a política de reserva de vagas para estudantes da rede pública e de baixa renda familiar.
2005	Mudança do Departamento de Comunicação Social do CCJE para o Centro de Artes (CAr).
2005	Publicação de livro de comemoração dos 30 anos do curso de Comunicação Social da Ufes: <i>Balzaquiano - Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo</i> , organizado pelo Professor José Antonio Martinuzzo.
2006	A obra do prédio de audiovisual foi finalizada com verbas do Reuni, programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, assim como verbas da Reitoria.
2008	Resolução n. 59/2008 estabelece sistema de ações afirmativas no processo seletivo da Ufes para ingresso nos cursos de graduação.
2009	Ao final de 2009, é feito o primeiro vestibular para o novo curso de Audiovisual.
2009	Início do uso do prédio de audiovisual em janeiro, aprovado em 2005, com apelido de “Bob Esponja”, dado o seu aspecto quadrado.
2011	Em setembro de 2011 ocorreu um incêndio no prédio. A suspeita era de problemas na fiação elétrica. Muitos equipamentos foram perdidos e algumas salas ficaram inutilizadas.
2011	Criados ambientes virtuais: os portais do Servidor, do Aluno e do Professor.
2012	Criada a Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da Ufes por meio da Resolução nº 009/2012/CUn/Ufes de seu Conselho Universitário. É responsável por formular a política de internacionalização da instituição, promover e expandir sua atuação internacional.

2012	Mudanças no sistema da lei de cotas são feitas com a introdução da Lei n. 12.711/2012.
2013	O curso de Comunicação Social teve seu mestrado aprovado em dezembro, com nome de Comunicação e Territorialidades.
2013	Obras para melhorias do prédio multimeios foram contratadas, porém não terminadas com sucesso.
2013	Em 6 de dezembro de 2013 do Diário Oficial da União (DOU), o Ministério da Educação (MEC) divulgou a lista dos 270 cursos de ensino superior que teriam o vestibular suspenso. Entre eles, estavam as graduações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A suspensão se baseou nos resultados abaixo do esperado no Conceito Preliminar de Curso (CPC) em 2009 e 2012, cuja nota é tida em grande parte com base no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade).
2014	Visita dos avaliadores do Inep em dezembro para analisar o conceito do curso. Menos de um mês após as visitas, o resultado do relatório da avaliação in loco mostrou que ambas as graduações receberam conceito final 4 ou “muito bom”.
2014	Em março de 2014 ocorre a mudança de nome da habilitação, até então conhecida como Audiovisual, para Cinema e Audiovisual.
2014	Ufes comemora 60 anos.
2014	Estudantes da Ufes passam a exercer o direito de uso e de inclusão do nome social nos registros acadêmicos, caso o nome civil não refletir a identidade de gênero ou causar algum tipo de constrangimento.
2015	Publicação de livro de comemoração dos 40 anos do curso de Comunicação Social da Ufes: <i>Balzaquiano + 10 - 40 anos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (1975-2015)</i> , organizado pelo Professor José Antonio Martinuzzo e Wagner Piassaroli Mantovaneli.
2015	Publicada Portaria nº 458, de 11 de junho de 2015, na qual a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) renovou o reconhecimento dos cursos Comunicação Social – Jornalismo e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Ufes. A portaria também reverteu a decisão do MEC com relação à suspensão de vagas para ambos os cursos.

2015	Ocorre a divisão de representação dos cursos de Cinema, Jornalismo e Publicidade e Propaganda. As representações foram homologadas e reconhecidas, conforme as leis e resoluções permitiam, no segundo semestre de 2015. Todos os três cursos tinham uma única representação, que era geral para o curso de Comunicação Social. As escolhas dos nomes dos representantes das coordenações foram feitas no dia 18 de junho de 2015 pelo Departamento, sendo elas: para o Cinema e Audiovisual, professores Alexandre Curtiss (coordenador) e Fábio Camarneiro (subcoordenador); no Jornalismo, os professores Victor Gentili (coordenador) e Fábio Malini (subcoordenador); e na Publicidade e Propaganda, a professora Lygia Muniz (coordenadora) e o professor Fernando Manhães (subcoordenador).
2015	Equipamentos passam a permitir acesso gratuito à rede de internet sem fio em todos os campi da Ufes, por meio da rede Education Roaming (Eduroam).
2016	Vestibulares para os cursos retornam após a suspensão dos cursos.
2016	Publicação do livro <i>Comunicação e Territorialidades: As pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo</i> , organizado pelo professor José Antonio Martinuzzo e Marcela Tessarolo.
2017	Publicação do livro <i>Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias</i> , pela Edufes, organizado pelas professoras Daniela Zanetti e Ruth Reis.
2018	Ufes adere integralmente ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu).
2019	Ufes passa a integrar a lista do ranking internacional Times Higher Education (THE).
2020	Com a eclosão da pandemia do covid-19, a Ufes adota o EARTE, para trabalho remoto, com todas as atividades presenciais na Universidade suspensas.
2020	É criado o auxílio inclusão digital emergencial e o auxílio acessibilidade, para assistir alunos no desenvolvimento de atividades durante o ensino remoto. O Portal de Tecnologias Educacionais (Edutics) passa a disponibilizar materiais em formato digital para auxiliar no ensino remoto.

2020	Memorial de carreira acadêmica da professora Ruth de Cássia dos Reis para progressão para professora titular, a primeira do Departamento.
2020	Memorial de carreira acadêmica do Professor Victor Israel Gentilli para progressão para professor titular.
2022	Memorial de carreira acadêmica do professor José Edgard Rebouças para progressão para professor titular.
2022	Defesa de Tese pelo professor José Antonio Martinuzzo para progressão para professor titular.
2022	O resultado do Edital Progep nº 216/2022 elege Guillermo Néstor Mastrini (ARG) como professor visitante estrangeiro.
2022	Morre em janeiro, na sexta-feira (7), o professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Cléber José Carminati. O educador foi um dos fundadores do curso de Cinema e Audiovisual da instituição.
2022	Em abril, a Ufes reestabelece atividades presenciais, após imposição do trabalho remoto pela ocasião da pandemia do covid-19.
2023	Ufes passa a emitir os diplomas em formato digital.
2023	É regulamentada a oferta de vagas nas modalidades de reserva (20% para pessoas pretas e pardas e 20% para pessoas com deficiência) em concursos públicos para os cargos efetivos da carreira do Magistério Federal e em processos seletivos para contratação temporária de professores substitutos e visitantes.
2024	O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Ufes institui a Política de Ações Afirmativas nos Cursos e Programas de Pós-Graduação da Universidade, por meio da reserva de vagas para pessoas negras (pretas e pardas); indígenas e quilombolas; pessoas com deficiência (PcD); pessoas travestis e transexuais; e refugiados.
2024	A Universidade Federal do Espírito Santo completa 70 anos em 5 de maio de 2024.
2025	O doutorado em Comunicação e Territorialidades abre processo seletivo para sua primeira turma.

Referências bibliográficas

BRITTOS, V. C. As Organizações Globo e a reordenação das comunicações. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v.23, n.1, p. 57-76. jan./jun., 2000.

CRAIG, R. T. Communication theory as a field. *Communication Theory*, 9(2), 119–161, 1999.

FURTADO, C. *Raízes do subdesenvolvimento*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GERBNER, G. Introduction. *Journal of Communication*, 33(3), 4–5, 1983.

HERZ, D. *A história secreta da Rede Globo*. 8ª. ed. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

MANTOVANELI, W. P. & MARTINUZZO, J. A. A dialógica do grupo globo e a territorialidade social. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 18, p. 95-111, 2016.

MARTINUZZO, J. A. & MANTOVANELI, W. P. (Org.). *BALZAQUIANO + 10 – 40 anos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (1975–2015)*. Vitória, Grafitusa, 2015.

MARTINUZZO, J. A. (Org.). *Quase 200: imprensa na história capixaba*. Vitória: DIO, 2008.

MARTINUZZO, J. A. (Org.). *Balzaquiano – Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo 1975-2005*. Vitória: DIO, 2005.

RAMOS, M. C. A Força de um Aparelho Privado de Hegemonia. In: BRITTOS, V. C.; BOLAÑO, C.R. S. (Org.). *Rede Globo: 40 anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

SIMONSON, P. & PARK, D. W. On the History of Communication Study. In: *The international history of communication study*. NY: Routledge, pp. 15-17, 2016.

SIMONSON, P. & J. D. PETERS. Communication and Media Studies, History to 1968. Donsbach, Wolfgang (ed). *The International Encyclopedia of Communication*. Blackwell Publishing. Blackwell Reference Online, 2008.

UFES. *Linha do Tempo*. 2024. Disponível em: <https://www.ufes.br/linha-do-tempo>. Acesso em: 12 mai. 2025.

ULIANA, Camila et al. Comunicação: História de interesses e poder. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). *Balzaquiano – 30 Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo 1975-2005*. Vitória: DIO, 2005.

CAPÍTULO 2

Os currículos e o retrato do percurso da Comunicação Social

AMANDA MESCHIATTI

É jornalista, escritora e mestra em Comunicação e Territorialidades pela Ufes. Pesquisa sobre digitalidade, saúde mental, Psicologia Analítica e mitologia

HERYCK SANGALLI

É jornalista, escritor e mestre em Comunicação e Territorialidades pela Ufes. Pesquisa sobre digitalidade, linguagens, Psicanálise e mitologia

Como equilibrar o voo da prática comunicacional – sempre célere, moldado pelas inovações e demandas do mercado – com as raízes da teoria, que conferem solidez crítica e ética à formação profissional?

Em um tempo de literalismos, notícias falsas e crise de sentido, podemos buscar respostas nos voltando a mitos tão antigos que parecem revelar algo de eterno, permanente e demasiado humano.

Na mitologia grega, Dédalo é o habilidoso engenheiro, condenado a ser prisioneiro no labirinto que ele mesmo construiu. Junto a ele, está seu filho, o jovem Ícaro.

Mas Dédalo é um homem sábio. Sozinho, junta madeira, cera e penas, criando asas para que possam levantar voo e escapar do enigmático cárcere.

Quando tudo está pronto, Dédalo finalmente dá orientações a Ícaro: voe sempre à meia altura – muito baixo, as asas podem se encharcar com a água do

mar; muito alto, o Sol derrete a cera e destrói as asas, como escreve o poeta romano Ovídio (2017, p. 429) nas *Metamorfoses*:

Aconselho-te, Ícaro, a que voes à meia altura,
não vá a água, se fores mais baixo, tornar-te as
asas pesadas, ou queimar-tas o fogo, se voares
mais alto. Voe entre um ponto e outro.

Mas, em algum ponto no meio do caminho, o jovem se encanta demais com as possibilidades do voo e esquece as orientações – “Quais eram mesmo? Meu pai disse alguma coisa?”. Voa muito próximo ao Sol, e morre no mar.

Dédalo é o símbolo do conhecimento que é aprendido, discutido, lapidado, validado e está em constante construção. Ícaro representa a consequência da busca ávida por colocar algo em prática, mas sem ter o conhecimento e a ética muito bem internalizados. Ele transfere toda a responsabilidade ao pai: o que exige menos esforço, certamente; mas que também é o que o faz cair.

Sem Dédalo, não temos asas. Sem Ícaro, falta o ímpeto que nos permite voar. Com Dédalo, temos uma teoria sem confirmações, que precisa se pôr à prova. Com Ícaro, uma prática sem embasamento, que se torna perigosa.

Como equilibrar Dédalo e Ícaro – teoria e prática – e extrair o melhor dos dois mundos? Essa alegoria ecoa o dilema que permeia a história dos currículos em Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A dicotomia entre dois modelos de abordagem: o *crítico*, preocupado com a pesquisa, com a ética e com o papel do profissional na sociedade; e o *funcionalista*, mais focado nas demandas do mercado e no comportamento do espectador.

Ao longo deste capítulo, examinaremos os currículos como evidências e discutiremos os caminhos e as escolhas que moldaram a formação em Comunicação Social no Brasil, especificamente no contexto da Universidade Federal do Espírito Santo. Entenderemos também a comunicação pelo tempo da oralidade e dos jornais manuscritos, passando pela era das máquinas de escrever e dos laboratórios improvisados, até o tempo digital do “ciberbarroco” – em que sentidos se perdem entre o claro e o escuro das telas, entre o excesso e a dissimulação, entre o fascínio mesmerizante e o labirinto dos algoritmos (MARTINUZZO, 2023). Afinal, o que faz de alguém um comunicador? E qual é o nosso espaço e missão neste mundo em contínua transformação?

O que é comunicação?

Antes de responder a essa pergunta, é preciso entender o que é, de fato, “comunicação”.

Como observa Muniz Sodré (2014, p. 38), a partir da década de 1960, “nenhuma palavra associada às ideias de Modernidade, vinculação social e democracia de massa teve maior penetração no espaço público do que *comunicação*, apesar de sua conhecida ambiguidade”.

A comunicação é, ao mesmo tempo, um fenômeno óbvio e onipresente, e um enigma. Todos a praticam, todos a demandam, mas poucos conseguem capturar sua essência em uma definição que não seja reducionista ou parcial.

O desafio de definir “comunicação” reside na ambiguidade de sua própria natureza, que escapa a categorias rígidas e se reinventa conforme as transformações sociais e tecnológicas.

Tradicionalmente, a comunicação foi entendida sob a ótica instrumental da transmissão de mensagens, herança de modelos norte-americanos que a reduziam a um fluxo linear entre emissor e receptor. Como destaca Sodré (2014, p. 15), desde o começo do século XX, tornou-se comum, especialmente entre estudiosos norte-americanos e nas obras lexicográficas modernas, a adoção desse hábito ou entendimento da “comunicação como transmissão de mensagens ou de informações, senão como um horizonte ético e psicológico, subsumido na palavra *comunhão*”. Essa visão, útil para descrever sistemas técnicos como o rádio ou o telégrafo, mostrou-se insuficiente para abarcar a complexidade das interações humanas.

A comunicação, portanto, é muito mais que um mero canal de envio e recepção passiva. Ela é partilha, interação e, sobretudo, o alicerce da vida social, a cola que pode unir a sociedade em torno de uma ideia, objetivo ou projeto; ou a tesoura que pode separá-la em polos opostos, errantes e desorganizados.

De qualquer modo, é impossível dissociar sociedade e comunicação; uma não existe sem a outra. Como explica Sodré (2014), a comunicação é a “organização originária do comum, o laço que tece a comunidade”. É por meio dela que padrões culturais são transmitidos, permitindo aos indivíduos internalizar modos de pensar, agir e crer (BARBOSA, 2013). Nesse sentido, a comunicação não é apenas um meio, ela é a própria tessitura do humano.

A comunicação no “ciberbarroco”

Se a comunicação sempre foi um pilar da organização social, sua centralidade foi radicalizada na era digital. Vivemos imersos em um fluxo comunicacional incessante, que se desdobra em novos espaços de interação.

O pós-doutor em Psicanálise, escritor e pesquisador José Antonio Martinuzzo (2023) denomina esses ambientes de ciberterritórios: ecossistemas constituídos por redes informacionais globais, que ganham forma e sentido a partir da ação comunicativa dos sujeitos. Esses não são meros suportes técnicos, mas arenas dinâmicas onde múltiplos interesses se encontram, disputam e produzem sentidos, gerando o que o autor chama de ciberterritorialidade – a experiência de viver e se relacionar nesses espaços.

Para decifrar a lógica que rege esses ambientes digitais, Martinuzzo (2023) elabora e batiza o conceito de “ciberbarroco”. A noção estabelece um paralelo direto com o paradigma ético-estético do Barroco histórico (séculos XVI-XVIII), caracterizado pela dramaticidade, pelo excesso, pela ilusão e por um intenso apelo aos sentidos. A tese central não é que a digitalidade se tornou barroca, mas que os ciberterritórios “nasceram barrocos por projeto e engenharia tecnológica”.

O “ciberbarroco”, portanto, representa a manifestação contemporânea de uma “categoria do espírito” que pode emergir em qualquer época, e que encontrou no ambiente digital o solo perfeito para florescer.

Essa lógica “ciberbarroca” se manifesta em um conjunto de características que definem tanto a estética da comunicação digital quanto as relações interpessoais que ela medeia. A marca-chave é o pictórico, o princípio de representar as coisas como elas parecem ser, em detrimento de como são.

No universo digital, o pictórico é o *modus operandi* por excelência, onde a vida é constantemente performada como um projeto de “parecer ser”, priorizando a aparência, o movimento e a fluidez em detrimento da substância e da solidez. A vida “instagramável”, meticulosamente editada e filtrada, é o sintoma mais evidente dessa sobreposição da aparência à essência.

A essa característica soma-se o excessivo. O “ciberbarroco” não tem noção de limites e padrões, operando em uma lógica de transitoriedade e em uma ânsia por novidades que alimenta um fluxo infinito de conteúdo. Isso nos conduz ao labiríntico, à sensação de desorientação diante do todo, onde é quase impossível prever o que se encontrará a seguir. O *scroll* infinito das redes sociais, como

os Reels do Instagram, funciona como um “ciberlabirinto audiovisual” que nos captura sem oferecer uma rota definida – não criamos esse labirinto, como Dédalo criou o seu próprio, mas o financiamos com a nossa atenção – negociada no *marketplace* das *big techs*.

A comunicação nesse ambiente é também dissimuladora. Tal como a técnica artística do *trompe-l’oeil* (“engana o olho”, em português) barroco, que criava ilusões de profundidade e presença, o “ciberbarroco” simula a realidade e aparenta não ter a intenção de enganar. Ele constrói uma versão “sensacional, com inspiração factual, mas coberta com todas as camadas de efeitos e filtros que, insidiosamente, mascaram os pormenores indesejáveis” (MARTINUZZO, 2023, p. 124). É uma comunicação que se torna pervasiva, manipulando e descontextualizando informações com enorme facilidade. Por fim, ela é mesmerizante: seu objetivo é encantar, fascinar e cativar o observador, imantando o olhar e magnetizando os olhos, os dedos e todo o corpo para a tela.

Contudo, essa estética não é um mero ornamento cultural. Ela é a engrenagem visível de uma poderosa máquina econômica e política. O “ciberbarroco” é, em sua essência, mercantil e imperial. Ele opera sob o signo da Economia da Atenção, um conceito antecipado pelo ganhador do prêmio Nobel Herbert Simon já em 1970: “o que a informação consome é bastante óbvio, consome a atenção dos seus destinatários. Assim, uma riqueza de informação cria uma pobreza de atenção” (MARTINUZZO, 2014, p. 20).

Nessa nova configuração, a atenção humana, finita e escassa, converte-se na *commodity* mais valiosa. As grandes corporações de tecnologia, as *big techs*, não apenas criaram os ciberterritórios; elas os governam. O modelo de negócio delas se baseia em capturar, gerenciar e mercantilizar o olhar.

Essas empresas (Meta, Google, Amazon etc.) constituem um “ciberimpério”, um projeto de poder que cria o próprio mundo que habita. Esse império exerce um biopoder específico: aprisionar olhares. O objetivo é a constituição de “olhares dóceis”, hipnotizados pelas telas para “nutrir o algorítmico negócio do espírito, do comportamento, da opinião” (MARTINUZZO, 2023, p. 14). A vida é transformada em informação coletável, e o viver passa a ser guiado pela disputa incessante por atenção no circuito do “ver e ser visto”.

Para os profissionais formados nos cursos de Comunicação Social – jornalistas, publicitários e cineastas –, a comunicação em tempo “ciberbarroco” impõe desafios inéditos e complexos. O campo profissional tornou-se um território

onde a ética, a verdade factual, a qualidade estética e a criatividade são imprescindíveis, pois disputam espaço com conteúdos projetados para sequestrar a atenção a qualquer custo. A arquitetura algorítmica “ciberbarroca” favorece a disseminação de *fake news*, publicidade antiética e conteúdo grotesco, precisamente porque esses materiais são eficazes em despertar emoções fortes e, consequentemente, gerar engajamento.

Como produzir jornalismo de qualidade quando a verdade factual é sistematicamente atropelada por narrativas sensacionalistas que os algoritmos impulsionam? Como criar publicidade ética quando as ferramentas permitem uma microsegmentação predatória e uma exploração calculada de vulnerabilidades psicológicas? Como fazer cinema relevante quando a linguagem audiovisual é dominada pela estética fugaz e superficial do excesso, da hiperestimulação e do labirinto?

A construção dessas respostas emerge da base de formação dos comunicadores. Além das habilidades técnicas, a profunda compreensão crítica e teórica do atual ecossistema da comunicação é o que forma profissionais que não são apenas competentes em suas práticas, mas, acima de tudo, cidadãos conscientes, que atuam com pensamento e força criativa para reafirmar o papel da comunicação como um pilar da cultura e da democracia.

Definir comunicação é como tentar segurar água nas mãos: quanto mais se fecha o punho, mais ela escorre. Seja como transmissão, partilha, experiência, vivência ciberbarroca ou ciência do comum, ela resiste a definições muito rígidas.

No entanto, é notório que assim como a comunicação tece a sociedade, “a história de cada sociedade e das suas instituições afeta diretamente a história dos meios de comunicação” (BARBOSA, 2013, p. 14) e, por consequência, afeta o processo de comunicar, criando peculiaridades e especificidades de acordo com cada contexto.

É justamente esse dialogismo que a torna tão fascinante e tão essencial para entender o próprio mundo em que vivemos.

A pré-história dos profissionais de comunicação no Brasil

Durante o período colonial, com a proibição de ter imprensa – uma medida instituída pela Coroa Portuguesa para controlar o fluxo de ideias na Colônia –, a comunicação no Brasil teve de se adaptar à oralidade. Desde o início, a oralidade

reinava como principal meio de transmissão de notícias, ideias e cultura, espelhando uma sociedade que, em grande parte, não tinha acesso à leitura e à escrita.

Para além disso, existiam os chamados “jornais manuscritos”, difundidos em pequenos círculos antes da instalação da primeira imprensa no país – e mesmo após. Esses documentos, muitas vezes produzidos de forma artesanal, eram veículos de debates políticos e sociais, demonstrando que a comunicação no Brasil sempre foi um campo de disputas (BARBOSA, 2013).

Em 1808, chega ao Brasil a família real portuguesa, trazendo consigo a primeira tipografia oficial. Com a abertura dos portos e a necessidade de administrar o novo centro do império, nasce a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal impresso no país. Esse momento inaugurou uma nova ordem comunicacional, mas não apagou a força da oralidade e da cultura visual, que continuaram a coexistir com a palavra impressa, influenciando-a (BARBOSA, 2013).

Nesse período inicial, a partir da proliferação dos periódicos, na segunda década do século XIX, não havia profissionalização para aqueles que trabalhavam como redatores dos jornais. Esses agentes vinham de esferas como a literatura e a política, e viam no jornalismo uma função secundária.

Como analisa Marialva Barbosa (2013, p. 80), muitas vezes, “a criação do periódico tinha como finalidade permitir a construção de um lugar na política para os seus redatores”. Por esse motivo, muitos políticos – tais como deputados – atuavam como cronistas, usando o poder do jornalismo para se projetar politicamente. Médicos, padres, professores, comerciantes, militares, magistrados e outros homens letrados também assumiam essa função de “intérpretes autorizados das opiniões e informações” que circulavam nas cidades.

A figura do repórter no jornalismo brasileiro se populariza em 1897, com a cobertura da Guerra de Canudos. E é na passagem do século XIX para o século XX que os periódicos começam a se tornar empresas de mídia, aumentando a demanda por profissionais e criando um novo ecossistema de associações para essa classe – como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundada em 1908, a primeira instituição a propor, em 1918, a criação de um curso superior de Jornalismo.

Já o campo da Publicidade teve sua história marcada pelo autodidatismo dos profissionais, que adaptavam para o mercado nacional modelos importados dos Estados Unidos. A partir da década de 1930, agências de publicidade começaram a oferecer cursos práticos, treinando seus profissionais a partir de programas de

trainees, em que o aprendiz deveria passar por todos os departamentos, adquirindo conhecimento prático sobre o processo de produção publicitária (PEDRINI; MALUSÁ, 2019).

Quanto ao Cinema, em 1896, houve a primeira exibição cinematográfica em território brasileiro, no Rio de Janeiro. Logo o endereço viraria sala fixa de exibição, observando um aumento crescente na demanda. Nas primeiras décadas do século XX, a ainda incipiente produção nacional começou a criar filmes de ficção, reconstituindo histórias de crimes – um gênero muito popular, de onde se originou o primeiro grande sucesso de público do cinema nacional (SOUZA, 2007).

A partir de 1920, surgiram iniciativas pioneiras de ensino da técnica cinematográfica, onde os interessados aprendiam a filmar, a revelar, a fazer cortes e montagens e se familiarizar com os procedimentos necessários à leitura dos filmes (GALVÃO, 1975).

Mas, apesar da imensa procura, essas escolas sofriam perseguição dos próprios profissionais de cinema, que defendiam ser impossível aprender o ofício nos bancos de uma sala de aula. Conviviam também com perseguição policial e fechamentos constantes. Algumas dessas escolas eram acusadas de explorar seus alunos, que teriam de financiar os filmes em que trabalhariam como atores (RODRIGUES, 2021).

Os primeiros cursos de formação superior

Seja por projeto político ou mercadológico, podemos ver que, até o início do século XX, todos os campos que hoje reconhecemos como Comunicação Social se sustentavam por improviso, adaptação e autodidatismo. Fazia-se o que podia com o que se tinha disponível para suprir as demandas. Um exemplo consistente da presença de Ícaro e da demanda por Dédalo.

No Brasil, os cursos superiores de formação em Comunicação surgem, inicialmente, não de uma conscientização acerca da responsabilidade social desse campo e das profissões a ele vinculadas, mas como resposta a uma demanda de mercado, em face a transformações econômicas, sociais e tecnológicas.

O crescimento industrial e urbano ocorrido nas décadas de 1920 e 1930 gerou uma classe média mais exigente, ampliou o público leitor de jornais, consolidou o rádio como tecnologia de comunicação de massa e acirrou a competição entre

as empresas de comunicação, criando uma busca por profissionais qualificados (ULIANA; RIBEIRO; BARONE, 2005).

Instituições de classe, assim como empresários da comunicação, pressionaram o Governo Federal para a criação de cursos, sobretudo de Jornalismo, no ensino superior, o que foi oficializado pelo Decreto-Lei nº 5.480, de 13 de maio de 1943 (ULIANA; RIBEIRO; BARONE, 2005).

Em 1947, é criado o primeiro curso de Jornalismo do país, com a Faculdade Cásper Líbero, no estado de São Paulo. O primeiro curso de Publicidade e Propaganda surgiria poucos anos depois, em 1951, com a Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo (MASP) (PEDRINI; MALUSÁ, 2019). E o primeiro curso superior de Cinema do Brasil, apenas em 1962, com a Escola Superior de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais e a Escola Superior de Cinema São Luiz, em São Paulo (RIBEIRO et al., 2017; RODRIGUES, 2014).

Ferreira e Gesser (2014, p. 69) destacam a “implantação improvisada dos primeiros cursos”, “em um ambiente nada democrático, em que a censura fazia-se presente desde as salas de aula até as salas de redação dos veículos de comunicação”.

De modo geral, os cursos de Comunicação no Brasil foram influenciados por dois modelos de abordagem: o norte-americano – funcionalista, focado na comunicação como transmissão de informação e pesquisa de comportamento do consumidor – e o europeu – crítico, preocupado com pesquisa social e questões ideológicas (GUEDES; MALCHER, 2021).

Currículos Mínimos

A partir de 1962, convencionou-se que os cursos superiores de Comunicação – inicialmente, apenas o de Jornalismo – seriam regidos por um Currículo Mínimo homologado pelo Ministério da Educação (MEC).

Ao longo das décadas, foram apresentados, ao todo, cinco currículos mínimos, instituídos pelo Parecer nº 323/62, Parecer nº 984/65, Resolução nº 11/69, Resolução nº 3/78 e Resolução nº 2/84 (MOURA, 2001).

Os Currículos Mínimos apresentavam um plano de ensino atrelado às legislações profissionais em vigor. A partir de 1969, eles começaram a compreender um tronco de disciplinas obrigatórias comuns a todas as áreas da Comunicação e também o estudo de áreas específicas de cada habilitação (MOURA, 2001).

De acordo com Cláudia Peixoto de Moura (2001), a princípio, nessas estruturas curriculares a divisão entre teoria e prática era feita de maneira rígida – com teoria nos anos iniciais e prática nos anos finais do curso. Perpetuava-se a divisão entre Dédalo e Ícaro, e a impressão de que o pensar estaria separado do fazer, e vice-versa.

Quando tudo virou Comunicação Social

Por influência de um projeto geopolítico internacional, a partir do final da década de 1960 – com o advento do terceiro Currículo Mínimo em 1969, Resolução 11/69 –, o governo brasileiro se alinhou ao modelo de ensino proposto pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Esse modelo – que moldaria por décadas o ensino da Comunicação no Brasil, em um retrato de como organismos multilaterais influenciaram a educação superior brasileira – reunia diferentes formações profissionais (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Editoração, entre outras – a formação em “Cinematografia” seria incluída posteriormente, no Parecer de 1977) sob um único guarda-chuva, o campo da Comunicação Social.

Art. 19º – A formação de profissionais para as atividades de Jornalismo escrito, radiofônico, televisado e cinematográfico, de Relações Públicas, de Publicidade e Propaganda, de Editoração, de Documentação e Divulgação Oficial e de Pesquisa da Comunicação será feita no curso de graduação em Comunicação Social, do que resultará o grau de bacharel, de habilitação polivalente, ou com menção apenas das habilitações específicas (Resolução 11/69, 1969, p. 5).

Como destaca Santana (2020, p. 180), esse modelo preconizava “a formação de um ‘comunicador polivalente’”, justificando que “como os países do ‘Terceiro Mundo’ não tinham o mesmo grau de complexidade das sociedades desenvolvidas, não havia necessidade de formar um jornalista especializado”.

Com isso, desaparecem as grades curriculares (ou são bastante reduzidos) conteúdos que aprofundam a história, teoria, ética e deontologia de cada habilitação específica, o que gera críticas por parte de alguns profissionais. Por outro lado, o agrupamento dos campos em um único curso fornece também interdisciplinaridade, integração, diálogo, e amplia as perspectivas dos futuros profissio-

nais, dando um entendimento estendido de todo o ecossistema comunicacional em que serão inseridos, tanto no mercado de trabalho quanto na vida acadêmica.

As fases do ensino de Comunicação Social no Brasil (1962-1984)

O Parecer nº 480/83 e Moura (2001) elencaram os Currículos Mínimos e sintetizaram em linhas gerais como eles demarcaram fases na trajetória do ensino da Comunicação no Brasil:

1. Fase Clássico-humanística (1962-1965): Com forte ênfase nas humanidades, na literatura, na filosofia e na história. Retrata o momento das universidades em que não havia equipamentos e laboratórios, portanto, a ênfase na preparação técnica do profissional era reduzida.

2. Fase Científico-técnica (década de 1960): Incorporava as demandas do mercado profissional. Iniciou-se a implantação de uma abordagem mais pragmática, com laboratórios e equipamentos para aprendizado da técnica. Também foram introduzidas disciplinas de pesquisa com base quantitativa.

3. Fase Crítico-reflexiva (década de 1970): Enfoque nos aspectos teóricos da Comunicação, buscando-se uma abordagem crítica que fosse além das influências estrangeiras e dialogasse com a realidade latino-americana, sobretudo regional brasileira. Nesse contexto, a prática foi mais uma vez deixada de lado.

4. Fase da Crise de identidade (década de 1980): Os currículos começaram a ser considerados engessados e ultrapassados, impedindo novos projetos de curso.

A partir da década de 1980, havia o questionamento crescente por parte de várias entidades da Comunicação por mais autonomia na formulação dos currículos. Mas a principal mudança chegaria em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Diretrizes Curriculares Nacionais

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) trouxe uma revolução: extinguiu os currículos mínimos, concedendo maior flexibilidade e liberdade às instituições para a formulação de seus projetos pedagógicos (FERREIRA; GESSER, 2014).

Com o Parecer CNE/CES nº 492/2001, estabeleceram-se diretrizes curriculares para diversos cursos. Isto é, orientações para a formulação de projetos pedagógicos por parte das instituições de ensino. A Resolução CNE/CES nº 16/2002 detalhou as diretrizes para o curso de Comunicação Social, especificando perfil profissional, competências, conteúdos, estágios, atividades complementares e estrutura do curso.

Um panorama dos currículos em meio século de Comunicação Social-Ufes

A trajetória do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) espelha, em microcosmo, as grandes transformações do campo comunicacional brasileiro.

Na década de 1970, a agricultura cafeeira que dominava o estado tornava-se negócio tipo exportação. Essa alteração gerou reflexos no incremento da vida urbana, que aumentou a população nas cidades e criou as condições para que as empresas de comunicação crescessem também, com concessões para agirem como afiliadas – transmitindo programação nacional de rádios e TVs – e criarem conteúdo local (ULIANA; RIBEIRO; BARONE, 2005).

Somando tudo isso à exigência da legislação à época de que os profissionais só poderiam atuar como jornalistas se tivessem formação superior (conforme estabelecido no inciso V do artigo 4º do Decreto-Lei 972, de 1969), o curso de Comunicação Social da Ufes é o resultado de uma forte demanda de mercado.

Em 11 de setembro de 1974, por meio da Resolução nº 16/74 do Conselho Universitário, o curso de Comunicação nasce, no papel – com data marcada para chegar ao fim. De acordo com o documento, o curso teria “caráter não permanente”, devendo formar apenas três turmas (80 profissionais por ano), depois das quais não haveria novos vestibulares (ULIANA; RIBEIRO; BARONE, 2005).

Mas isso não aconteceu, pois como resguardava o artigo 4º da Resolução: a universidade poderia abrir novas vagas “se comprovada a necessidade do mercado de trabalho e renovada a autorização ministerial”.

O primeiro vestibular foi realizado em 1975 e as primeiras turmas eram, em grande parte, constituídas por jornalistas experientes que buscavam pelo diploma. Com o tempo, o curso começou a atrair também a atenção de estudantes recém-formados na escola secundária.

Essa conjuntura, bem como as limitações específicas da Universidade Federal à época, fez com que os currículos do curso de Comunicação Social desenvolvessem peculiaridades e fases sutilmente distintas do contexto nacional no mesmo período:

1. Primeiro currículo | Fase da técnica (1975-1979): O primeiro currículo utilizado no curso de Comunicação Social da Ufes seguia as definições do Currículo Mínimo da Resolução nº 11/69 e contava com mais de 70 disciplinas.

O foco era uma abordagem pragmática, que preparasse o profissional para sair da universidade pronto para atuar no mercado de trabalho (televisivo, radiofônico ou impresso/gráfico). Matérias práticas eram vistas desde os primeiros semestres (“Expressão em Vernáculo”, “Prática de Redação”, “Redação Publicitária”, “Técnicas de Reportagem”, “Entrevista e Pesquisa em Jornalismo”, “Técnica de Redação e Expressão Oral em Jornalismo”, “Fotojornalismo”, “Técnica de Anúncio em Meios Eletrônicos”, “Técnica de Anúncio Gráfico”, “Preparação e Revisão de Originais”, “Provas e VT”, “Planejamento de Campanha”, só para citar alguns elementos desta grade que visavam à prática).

No entanto, paradoxalmente, faltavam recursos: equipamentos e laboratórios eram incipientes. A princípio, as aulas de redação eram feitas por meio de uma parceria com o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). A primeira sala de redação do curso foi equipada com máquinas de escrever “descartadas pelos setores administrativos da Ufes, por estarem danificadas e sendo substituídas por elétricas” (ULIANA; RIBEIRO; BARONE, 2005, p. 12).

A formação crítica e cultural ficava em segundo plano e tinha um caráter abrangente – algumas disciplinas apareciam de maneira repetitiva ou eram ofertadas sem aprofundamento na conexão com o campo da Comunicação em si (“Sociologia Geral”, “História da Cultura”, “Antropologia Cultural”, “Introdução à Filosofia”, “Psicologia”, “Introdução à Psicologia Social”, “Teoria Política”, “Prática Desportiva”, “Economia”).

A grade curricular refletia a ideia da formação do “comunicador polivalente”, o que tornava o currículo muito extenso e generalista, e encontrava empecilhos na prática, dada a dificuldade de contratação de corpo docente para as demais habilitações além do Jornalismo. A duração do curso era de três anos.

2. Segundo currículo | Fase da lapidação (1980-1984): Em 1978, a formação passa a ser organizada por habilitações: Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Seguindo a Resolução nº 3/78, a duração do curso aumenta para quatro anos

e a grade curricular que começa a valer em 1980 se divide em duas etapas: um ciclo básico – com matérias comuns às duas habilitações – e um ciclo profissionalizante, com disciplinas específicas, realizadas nos últimos semestres do curso, fazendo uma divisão temporal gráfica entre teoria e prática.

Comparado ao antecessor, este currículo reduziu significativamente o número de disciplinas, em uma tentativa de organizar de maneira mais sistemática a integração da Comunicação com as Ciências Humanas e Sociais –, o que levou à retirada de disciplinas que estavam em excesso, com pouco contexto ou ligação com o campo de estudos ou a prática profissional do comunicador.

No entanto, observa-se que foram introduzidas novas disciplinas de mercado e gestão (além de “Técnicas de Administração” para Jornalismo e Publicidade, foram incluídas também: “Técnicas de Mercado em Jornalismo” e “Técnicas de Mercado em Publicidade e Propaganda” – I e II –, “Administração Geral” e “Administração em Recursos Humanos”).

O eixo central desse currículo era a compreensão crítica da realidade, com foco nos problemas socioculturais e econômicos do Brasil – com destaque para as disciplinas “Cultura Brasileira”, “Economia Brasileira” e “Problemas Socioculturais e Econômicos Contemporâneos”, disciplina que aparecia duas vezes, I e II.

3. Terceiro currículo | Fase da consolidação (1985-2003): O terceiro currículo misturava disciplinas práticas e teóricas desde o início, numa tentativa de equilíbrio entre formação crítica/teórica e técnica/específica, e seguia o que fora estabelecido pelo Currículo Mínimo da Resolução nº 2/84. É neste momento que os Projetos Experimentais começam a ser mais bem delineados em ambas as habilitações.

Esse currículo marca a consolidação do que foi criado e lapidado nos currículos que o antecederam – validando a formação teórica e técnica em justa medida, o estudo da realidade regional e de disciplinas de gestão, metodologia de pesquisa de mercado e opinião pública.

É também esta época – entre 1992 e 1995 – que marca a chegada do processo de informatização e da melhora quanto à precariedade dos laboratórios, com a construção do edifício de laboratórios (ELC). O primeiro computador foi recebido pelo Departamento de Comunicação em 1992, dando fim ao sistema de diagramação manual do jornal laboratório *Primeira Mão* e substituindo o processo analógico pela editoração digital, por meio de *softwares* como *Ventura* e *Adobe Page Maker*. Em 1995, depois de muitos protestos, o curso receberia

mais 20 dessas máquinas e montaria seu primeiro laboratório de computadores (MARQUES, BORGES E BORGES, 2005).

4. Quarto currículo | Fase da reinvenção (2004-2022): A Lei de Diretrizes e Bases da Educação é outorgada em 1996 e, a partir de 1999, os professores do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo começam a elaborar um currículo próprio, que levasse em consideração a realidade local, as demandas profissionais, as abordagens teóricas da Comunicação e as mudanças tecnológicas que começam a se acelerar – a disciplina “Teorias e Práticas de Jornalismo Eletrônico (TV/on-line/CD)” via, por exemplo, o CD-ROM como um meio relevante de ser dominado à época.

Esse novo currículo entra em vigor em 2004, em substituição ao currículo anterior, instituído pela Resolução nº 2/84, sendo completamente implementado em 2008. Essa fase também marca a divisão das turmas de Jornalismo e Publicidade e Propaganda ainda no vestibular (MARQUES, BORGES E BORGES, 2005).

É a primeira vez que o currículo aborda a comunicação de uma maneira mais livre da compartimentalização por mídias e meios (disciplinas de TV, rádio, jornal), explorando o nascimento de uma mídia multimodal e convergente.

A busca de uma identidade própria para o currículo veio em um momento em que a própria Comunicação buscava se situar diante da descentralização ocasionada pela explosão dos blogs, sites e redes sociais, abrindo espaço para matérias como “Jornalismo On-line”, “Novas Tecnologias”, “Design para Mídia Digital”, “Planejamento gráfico digital” etc.

Pensando no mercado local e no mercado em expansão sob a égide da midiáticação, incluindo os meios digitais, foram incluídas também disciplinas como “Marketing e Comunicação”, “Comunicação Organizacional”, “Assessoria de Imprensa”, “Gestão de Empreendimentos” e “Projetos de Comunicação”, por exemplo.

É também nessa fase que o curso de Comunicação Social ganha uma nova habilitação: a primeira formação em ensino superior em Audiovisual do Espírito Santo, que nasceu em 2010, abarcando as novas tecnologias de vídeos e mídias interativas, assim como a TV e o cinema (em 2014, o curso passa a se chamar Cinema e Audiovisual, seguindo diretrizes apontadas pelo Ministério da Educação – MEC).

5. Quinto currículo | Fase da integração aplicada (2023-): O quinto currículo marca uma virada importante na formação em Comunicação Social. Ele organiza e integra teoria, prática e pesquisa desde os primeiros semestres, com uma forte ênfase na inovação prática, na cultura de projetos e na formação técnica voltada para os ecossistemas contemporâneos da mídia e da comunicação. Cada curso tem seu currículo estabelecido em eixos estruturantes de formação próprios.

A atual grade curricular do curso de Jornalismo foi implantada a partir de 2023 e o novo currículo de Publicidade e Propaganda começa a ser implementado neste 2025. Quanto ao Cinema e Audiovisual, o currículo é o inaugural do curso, com apenas ajustes de periodização de algumas disciplinas.

Com as atualizações, as habilitações passaram a uma divisão que possibilitou explorar melhor as especificidades teóricas de cada campo. Por exemplo, desde 27 de setembro de 2013, com a Resolução CNE/CES nº 1, foi estabelecido que o curso de Jornalismo se tornou uma graduação específica, formando “bacharéis em Jornalismo” (e não mais bacharéis em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo).

Essa fase, no entanto, prioriza a interdisciplinaridade, o uso intensivo de laboratórios, a personalização da trajetória formativa, a conexão com a prática produtiva e com a sociedade por meio da ampliação dos projetos de extensão, e a articulação entre pensamento crítico, criação e execução.

Os novos currículos foram concebidos a partir de diálogos contínuos com alunos, professores, técnicos administrativos, e uma análise aprofundada dos cenários profissionais (mundial, nacional e local), das mudanças globais em torno das tecnologias e culturas, e das condições estruturais da Universidade.

Ao longo de toda a formação, os alunos são inseridos em dinâmicas de criação e produção – seja em “Jornalismo transmídia” e “Realização em Documentário” (para alunos do curso de Jornalismo), “Produção Audiovisual na Publicidade” (para os alunos de Publicidade e Propaganda) ou “Mídias Interativas” no Cinema e Audiovisual – com atividades que simulam contextos profissionais e exigem articulação entre conhecimento teórico e resolução de problemas reais. A presença sistemática de oficinas, estúdios e práticas experimentais demonstra um compromisso com o desenvolvimento de competências técnicas atualizadas e sensibilidade criativa, o que demanda incremento em infraestrutura e equipamentos.

Disciplinas optativas foram ampliadas como estratégia para manter o currículo atualizado diante da dinâmica ultrarrápida de evolução das ferramentas e técnicas disponíveis. Houve também uma diminuição no número de disciplinas como pré-requisito, o que deixa maior flexibilidade para que o estudante planeje sua trajetória acadêmica, adaptando-a à sua realidade.

Outros diferenciais desses currículos incluem a ampliação da carga horária dedicada à inovação e às novas mídias e a valorização da responsabilidade social e ética da comunicação. Disciplinas optativas e obrigatórias abordam relações étnico-raciais, cultura indígena, questões ambientais, transtorno do espectro autista e direitos humanos, por exemplo.

Nesse contexto, no curso de Cinema e Audiovisual, há também disciplinas que refletem o cinema de e sobre minorias, cinema queer/LGBTQIA+, cinema de mulheres, cinema negro e de povos originários, questões ambientais e de memória e preservação cultural. Ainda sobre inclusão, a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi incluída como uma disciplina optativa para todas as formações.

Trata-se de uma fase que aposta na formação de profissionais criativos e criadores de novas possibilidades de atuação profissional, críticos e preparados para atuar com flexibilidade e consistência em um cenário de transformações contínuas. Profissionais adeptos do *lifelong learning*, que entendem que o aprendizado é uma constante em tempos de avanços ubíquos na tecnologia, na comunicação e na sociedade.

Os currículos atuais

Os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo mantêm sua organização curricular conforme as diretrizes vigentes.

Todos os cursos são presenciais e têm prazo ideal de integralização de oito semestres, podendo se estender até doze. O ingresso é realizado por meio de vestibular, com 40 vagas no primeiro semestre para os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, e 30 vagas para o curso de Cinema e Audiovisual.

A seguir, apresentam-se os atuais currículos completos dos cursos, com as respectivas disciplinas obrigatórias.

CURRÍCULO EM JORNALISMO

Primeiro Período

História do Jornalismo, Introdução à Psicologia Social, Arte e Cultura Visual, Técnicas de Reportagem, Fotografia.

Segundo Período

Laboratório de Fotojornalismo, Laboratório de Jornalismo, Teorias da Comunicação I, Introdução à Filosofia, Legislação e Deontologia do Jornalismo.

Terceiro Período

Teorias da Comunicação II, Estética e Linguagem Audiovisual, Práticas Textuais, Jornalismo Sonoro.

Quarto Período

Design em Jornalismo, Laboratório de Jornalismo Sonoro, Comunicação Organizacional, Jornalismo Audiovisual.

Quinto Período

Assessoria de Imprensa, Sociologia Geral, Semiótica e Comunicação, Laboratório de Jornalismo Audiovisual.

Sexto Período

Teorias do Jornalismo, Jornalismo Online, Antropologia Cultural, Gestão de Projetos de Comunicação.

Sétimo Período

Laboratório de Jornalismo Transmídia, Projetos de Pesquisa ou de Realização em Jornalismo, Realização em Documentário, Estágio Supervisionado Obrigatório.

Oitavo Período

Trabalho de Conclusão de Curso.

CURRÍCULO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Primeiro Período

Marketing, Introdução à Publicidade e Propaganda, Teorias da Comunicação, Legislação em Publicidade e Propaganda, Criatividade e Inovação.

Segundo Período

Fotografia, Arte e Cultura Visual, Práticas Textuais, Semiótica e Comunicação.

Terceiro Período

Direção de Arte em Publicidade e Propaganda, Redação Publicitária I, Introdução à Filosofia, Comunicação Organizacional.

Quarto Período

Produção de Áudio na Publicidade, Teorias Contemporâneas da Comunicação, Criação para Novas Mídias, Sociologia Geral.

Quinto Período

Gestão de Projetos de Comunicação, Antropologia Cultural, Planejamento e Gerenciamento de Contas, Redação Publicitária II.

Sexto Período

Produção Audiovisual na Publicidade, Planejamento de Mídia, Roteiro Audiovisual, Introdução à Psicologia Social.

Sétimo Período

Estratégias Contemporâneas de Propaganda, Comunicação, Inclusão e Responsabilidade Social, Projetos de Pesquisa em Comunicação.

Oitavo Período

Trabalho de Conclusão de Curso.

CURRÍCULO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Primeiro Período

Arte e Cultura Visual, Ateliê do Audiovisual I, Fotografia, História e Estéticas do Audiovisual I, Processos Criativos no Audiovisual.

Segundo Período

Ateliê do Audiovisual II, História e Estéticas do Audiovisual II, Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, Roteiro I, Teorias da Comunicação – Perspectivas Históricas.

Terceiro Período

Fotografia para Vídeo, Teorias da Imagem, Roteiro II, Teorias da Comunicação – Perspectivas Contemporâneas.

Quarto Período

Cibercultura, Linguagem Sonora e Produção de Áudio, Roteiro III, Teorias e Linguagens do Documentário.

Quinto Período

Direção em Audiovisuais, Edição, Planejamento e Produção de Set, Teorias Contemporâneas do Audiovisual.

Sexto Período

Ateliê de Edição, Edição de Som, Legislação e Ética no Audiovisual, Realização em Documentário, Introdução à Trilha Musical.

Sétimo Período

Ateliê de Audiovisual para Mídias Interativas, Infografia e Videografismo, Produção Executiva e Mercado Audiovisual, Elaboração de Projetos em Audiovisual.

Oitavo Período

Projetos Experimentais em Audiovisual.

O labirinto e as asas: sentidos da formação em comunicação

A trajetória dos currículos de Comunicação Social da Ufes, detalhada ao longo deste capítulo, serve como um microcosmo exemplar das tensões que fundam e remodelam o campo da comunicação no Brasil. Desde sua concepção, em 1974, e seu início, em 1975, o curso testemunhou e atuou nas tensões entre teoria e prática, formação generalista e especializada, demandas acadêmicas e exigências do mercado, e acompanhou o descompasso entre a agilidade das mudanças tecnológicas e a aquisição de equipamentos e laboratórios. O percurso de cinco décadas revela uma busca incessante pelo equilíbrio, uma tentativa contínua de construir asas que sejam ao mesmo tempo robustas e ágeis.

Ao longo de toda essa trajetória, um desafio se manteve constante: a difícil integração entre Dédalo e Ícaro, entre a solidez da teoria e o ímpeto da prática. As fases iniciais do curso na Ufes, marcadas por um currículo tecnicista, mas com recursos paradoxalmente precários, representam um Ícaro ansioso por voar, porém com asas frágeis, montadas com as peças disponíveis. A resposta, em momentos posteriores, foi reforçar a estrutura teórica, por vezes criando uma nova cisão, como se o pensamento de Dédalo e o voo de Ícaro pertencessem a momentos distintos da jornada.

Era ainda preciso superar a visão dos polos antagônicos e buscar processos efetivamente agregadores e dialógicos. A evolução dos currículos da Ufes, especialmente a partir da “Fase da Consolidação” e, de forma mais acentuada, na fase de “Reinvenção” e “Integração Aplicada”, demonstra um amadurecimento nessa direção. A integração de disciplinas práticas e teóricas desde o início, a centralidade dos laboratórios como espaços de experimentação e a ênfase em projetos que articulam criação e reflexão crítica são respostas diretas a esse desafio histórico.

Essa busca por equilíbrio tornou-se ainda mais complexa e urgente com o advento do tempo e das tecnologias “ciberbarrocas” (MARTINUZZO, 2023). O ecossistema comunicacional contemporâneo – labiríntico, dissimulador e mesmerizante – é o céu volátil onde o voo se dá hoje. Nesse cenário, a tentação de Ícaro é imensa: a busca incessante por engajamento, a performance da vida “instagramável” e a produção de conteúdo que prioriza o excesso em detrimento da substância. A arquitetura algorítmica que favorece o sensacionalismo e a desinformação é o próprio Sol que ameaça derreter as asas.

Diante disso, a inovação curricular não poderia ser apenas instrumental. A verdadeira inovação transcende a dimensão tecnológica, abrangendo também

transformações de ordem conceitual, estratégica e ética – um lembrete crucial para os currículos contemporâneos. Os currículos mais recentes da Ufes refletem essa compreensão ao fortalecer não apenas as competências técnicas, que abarcam até mesmo o ambiente digital, mas também a formação ética, a responsabilidade social e a capacidade de análise crítica. A resposta à percepção dos estudantes que valorizam mais as disciplinas práticas foi não só atender a essa demanda, mas qualificá-la, infundindo a prática com um propósito crítico e cidadão.

A democratização da produção de conteúdo trouxe oportunidades, mas também agudizou o dilema sobre o papel do comunicador profissional. Se todos podem comunicar, o que distingue o profissional formado? A resposta, como sugere a reflexão de Ramonet (2013, p. 68), está na responsabilidade: na apuração rigorosa, na pluralidade de fontes, na consciência ética, na profundidade estética e na compreensão estratégica do ecossistema em que atua. O currículo de um curso superior em comunicação não forma apenas operadores de ferramentas, mas cidadãos capazes de usar a comunicação para fortalecer a cultura e a democracia.

Considerações finais

Ao revisitar 50 anos de história curricular do curso de Comunicação Social da Ufes, a alegoria de Dédalo e Ícaro transcende a simples dicotomia entre teoria e prática para se tornar o símbolo da própria maturidade da formação. A jornada revela que o objetivo final nunca foi escolher entre o pai e o filho, entre a sabedoria e a ousadia, mas internalizar ambos. O profissional que emerge dos currículos mais recentes é um “Dédalo-Ícaro”, alguém que possui o ímpeto para alçar voo nas correntes velozes do “ciberbarroco” (MARTINUZZO, 2023), mas carrega consigo a sabedoria das asas bem construídas: uma ética-estética refinada, uma técnica apurada e uma consciência crítica.

Neste ponto, a mitologia grega nos oferece outro par simbólico: os irmãos Prometeu, aquele que pensa antes, e Epimeteu, aquele que pensa apenas depois. Por muito tempo, a formação em comunicação oscilou entre esses dois polos, sempre buscando viabilizar o melhor ensino para cada época. Um modelo puramente técnico-funcionalista age como Epimeteu, reagindo às demandas do mercado e às inovações tecnológicas, mas sem um planejamento crítico sobre suas consequências. Por outro lado, um modelo excessivamente teórico arrisca-se a

pensar tanto que perde o momento da ação. A trajetória da Ufes mostra uma evolução em direção a uma formação “prometeica” equilibrada.

Ser Prometeu, hoje, é dar aos futuros comunicadores o “fogo” não apenas da técnica, mas da antecipação, da estratégia e da responsabilidade. É formar profissionais que não apenas operam dentro da lógica da Economia da Atenção, mas que a compreendem criticamente e são capazes de criar alternativas a ela. Os novos currículos, com sua ênfase em projetos, inovação aplicada, flexibilidade e uma robusta formação em ética e cidadania, são a mais clara manifestação desse ideal prometeico.

A passagem de um modelo de “comunicador polivalente” para formações específicas e, mais recentemente, para uma estrutura que valoriza eixos estruturantes e a personalização da trajetória do aluno, reflete a compreensão de que o mundo da comunicação se tornou, ao mesmo tempo, mais especializado e mais interconectado. Não se trata de saber um pouco sobre tudo, mas de dominar profundamente sua área, compreendendo seu lugar no complexo ecossistema midiático.

Se o tempo é complexo e crises de todas as naturezas estão sempre à espreita, ele é também um tempo de oportunidades inéditas. Diferentemente das gerações que aprenderam em máquinas de escrever danificadas, descartadas por outros setores da universidade, os novos profissionais dispõem do mais potente laboratório de comunicação na palma da mão. O desafio é imenso, pois a mesma facilidade que democratiza a produção de conteúdo intensifica o ruído e a desinformação. Contudo, é precisamente neste cenário que o diferencial do profissional se impõe. Em um oceano de informações, deve-se ter a ética como bússola e a criatividade como motor.

O que podemos sublinhar, portanto, é que a história dos currículos da Comunicação Social da Ufes é uma narrativa de adaptação, resiliência e, finalmente, de inovação consciente. As asas que o curso oferece hoje são projetadas para um voo mais complexo: um voo que exige não apenas a meia altura recomendada por Dédalo, mas a habilidade de navegar por labirintos digitais, desviar de sóis algorítmicos e, acima de tudo, lembrar constantemente o propósito da viagem.

O desafio do *lifelong learning* permanece, mas a base está lançada: formar comunicadores que sejam, em essência, arquitetos de sentido em um mundo que desesperadamente precisa dele. Afinal, para atravessar o labirinto e evitar a queda, é preciso lembrar que, em meio ao excesso e a falta de todas as naturezas, nossas asas mais potentes são, e sempre serão, tecidas com o rico material simbólico das palavras.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva Carlos. *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. *Conselho Federal de Educação*. Resolução nº 11, de 11 de setembro de 1969. Fixa o currículo mínimo do Curso de Comunicação Social. In: Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/figueiredo/curriculo-do-curso-de-comunicacao-social-1984>. Acesso em: 1 jul. 2025.

FERREIRA, Ediene do Amaral; GESSER, Verônica. Do currículo mínimo aos novos referenciais curriculares de 2009: a trajetória curricular dos cursos de Comunicação Social no Brasil. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 69-80, 2014.

GALVÃO, Maria Rita E. *Crônica do Cinema Paulistano*. São Paulo: Ática, 1975.

GUEDES, Suelen Miyuki Alves; MALCHER, Maria Ataíde. Publicidade e Propaganda: história, conceitos e trajetória de ensino. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 10, n. 15, e196101522636, 2021.

MARQUES, Bruno; BORGES, Fabricia; BORGES, Felicia. Somos balzaquianos!. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). *Balzaquiano: Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo*. Vitória: Edição dos autores, 2005. p. 22-48.

MARTINUZZO, José Antonio. *Ciberbarroco: Biopoder na Digitalidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2023.

_____. *Os públicos justificam os meios*. São Paulo: Summus, 2014.

MOURA, Cláudia Peixoto de. Curso de Comunicação Social no Brasil: do Currículo Mínimo às novas Diretrizes Curriculares. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 14, p. 57-65, abr. 2001.

OVÍDIO (Publius Ovidius Naso). *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2017.

PEDRINI, Igor Aparecido Dallaqua; MALUSÁ, Silvana. O ensino e a aprendizagem antes do curso superior em Publicidade e Propaganda: o paradigma do ensino pela prática (1900 - 1960). *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v. 18, n. 38, p. 261-279, jan./abr. 2019.

RAMONET, Ignacio. Meios de comunicação: um poder a serviço dos meios privados? In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

RIBEIRO, D. C. L. et al. Mercado Audiovisual e formação profissional: o perfil dos cursos superiores em cinema e audiovisual no Brasil. *Cadernos do Forcine*, São Paulo, v. 3, p. 76-112, jan.- set., 2017.

RODRIGUES, Luciana. Proposta de história. *Cadernos do Forcine*, [s.l.], p. 33-55, 2014.

_____. *A década de 1920 e a formação em cinema no Brasil*. Portal Exibidor, 2021. Disponível em: <https://www.exibidor.com.br/artigo/292-a-decada-de-1920-e-a-formacao-em-cinema-no-brasil>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTANA, Flávio. Adaptações do Ensino frente às DCNs em Sergipe. In: MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana (Org.). *Pedagogia do Jornalismo: desafios, experiências e inovações*. Florianópolis: Editora Insular, 2020. p. 176-189.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Carlos Roberto de. Raízes do cinema brasileiro. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 20-37, jul.-dez., 2007.

ULIANA, Camila; RIBEIRO, Samara; BARONE, Suellen. Comunicação: história de interesses e poder. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). *Balzaquiano: Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo*. Vitória: Ed. dos autores, 2005.

CAPÍTULO 3

Comunicação e Territorialidades: A conquista da Pós-Graduação

ROBERTO TEIXEIRA DOS SANTOS

Mestre em Comunicação e Territorialidades, é formado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atua na gestão e capacitação em Comunicação Institucional

A criação de um programa de pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) representou um marco inédito para a pesquisa científica no campo da Comunicação no Estado. Resultado de um longo processo de formulações, reformulações e articulações institucionais, o tão desejado e buscado mestrado em Comunicação e Territorialidades (PósCom-Ufes) foi aprovado pela Capes em 2013, após quase uma década de tentativas.

Com dez anos em atividade, o PósCom conquistou a nota 4 na avaliação da Capes e avançou com a criação do curso de doutorado, em 2024, cuja primeira turma foi selecionada já em 2025. Esse percurso exitoso é resultado da formação de pesquisadores capazes de pensar a Comunicação em suas múltiplas articulações com territórios, culturas e redes contemporâneas.

As atividades do programa começaram em 2014, inaugurando uma nova etapa para a Universidade e colocando o Espírito Santo no mapa nacional da pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação. O PósCom, que nasceu com o desafio de consolidar uma proposta inovadora em sua área de concentração – Comunicação e Territorialidades –, firmou-se como um espaço de produção de conhecimento crítico voltado às transformações do tempo presente, sobretudo no que tange às novas tecnologias da informação e comunicação (TICs).

O percurso do PósCom, do sonho coletivo ao reconhecimento nacional, também é a história da construção de uma pós-graduação enraizada em demandas sociais e comprometida com o pensamento crítico e a transformação. Para compreender a relevância dessa caminhada, é preciso entender os fundamentos que sustentam a proposta do programa – especialmente, o que significa pensar a comunicação a partir do conceito de territorialidade.

Comunicação e Territorialidades

Considerando-se a área de concentração do PósCom, surge a pergunta: o que é territorialidade? Muitos, ao se depararem com o nome do programa, podem imaginar se tratar de um programa ligado à Geografia, devido à associação imediata entre *territorialidade* e *território* – um conceito tradicionalmente cultivado por geógrafos.

Para tentar compreender os conceitos, vamos recorrer aos apontamentos de Martinuzzo (2016). Uma forma inicial de compreender o termo é analisar a própria estrutura da palavra. O sufixo “-dade”, unido ao adjetivo “territorial”, forma um substantivo que expressa uma condição, uma maneira de ser, sugerindo dinâmicas, processos e relações complexas. Territorialidade, portanto, remete à vivência, à experiência e à organização do território – entendido aqui como espaço apropriado, vivido, compartilhado.

Assim é que, desde sua fundação, o PósCom propôs um caminho com um recorte específico: investigar a comunicação em suas conexões com os modos de habitar, ocupar, narrar, disputar e representar territórios. Ou seja, mais do que o espaço físico, interessam as relações simbólicas, políticas, culturais e comunicacionais que se constroem no e a partir do território.

O cerne do programa está, desse modo, na interseção entre dois campos: a comunicação e as territorialidades. Não se trata de limitar o campo comunicacional, mas de aprofundá-lo, ampliando as possibilidades de compreender disputas, discursos, práticas midiáticas, narrativas, linguagens e tecnologias nas dinâmicas territoriais.

Essa abordagem permite entender com mais precisão o papel do PósCom na formação de pesquisadores, no fortalecimento do campo da Comunicação no Espírito Santo e na construção de vínculos com os contextos sociais e culturais em que está inserido.

As territorialidades surgem da vida em sociedade em espaços determinados. Elas não são apenas geográficas ou cartográficas, mas o resultado das práticas humanas que dão sentido ao espaço, moldando-o como lugar de memória, identidade e convivência.

Territorialidade é sempre dinâmica, constantemente atualizada por transformações sociais, culturais, econômicas e políticas. É a vida organizada num espaço concreto, atravessada por relações de poder, disputas simbólicas e afetos coletivos. Territorialidade é o território em movimento – é cultura, história e sensibilidade inscritas no chão da vida.

O geógrafo Milton Santos (2000) amplia esse entendimento ao afirmar que o território não se limita à sua dimensão física, mas está profundamente relacionado ao modo como é apropriado, vivido e organizado pelas relações sociais. Trata-se de um espaço carregado de intencionalidade, onde se expressam formas de poder, identidade, cultura e pertencimento.

Sempre conforme Martinuzzo (2016), é justamente nesse ponto que comunicação e territorialidade se cruzam. Todo território é mediado por processos comunicacionais – desde a origem das comunidades até as dinâmicas do cotidiano. A comunicação é o tecido invisível que conecta indivíduos, instituições e imaginários – e, por isso, também constrói territórios.

Se é comum associar territorialidade a pedaços de terra delimitados por fronteiras, leis ou cercas, essa é uma visão parcial. O maior desafio do PósCom é justamente ampliar essa noção e abarcar os aspectos simbólicos, subjetivos, informacionais e digitais, com dimensões de pertencimento que não estão fixadas ao solo, mas à circulação de sentidos, discursos e realidades compartilhadas comunicacionalmente.

Novos territórios, novas territorialidades

Nesse contexto, a comunicação deixa de ser apenas mediadora para se tornar o próprio espaço em que as territorialidades emergem. Assim, os territórios não apenas acolhem a comunicação, mas são fundados por ela. Embora a comunicação sempre tenha participado da constituição das territorialidades, hoje ela assume uma centralidade inédita na vida social.

Sempre segundo Martinuzzo (2016), é nesse cenário de mediação intensiva que surgem novos conceitos de territórios e territorialidades, sustentados por

redes de informação e sociabilidades conectadas, e que configuram novas formas de existência.

Nos âmbitos do ciberespaço – segundo Lévy (2001, p. 17), conceito que surge da interconexão mundial de computadores e que “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” –, configuram-se, segundo Martinuzzo (2016), os ciberterritórios e suas ciberterritorialidades.

Em linhas gerais, concebe-se o ciberterritório como a “materialidade” formada por teias de redes informacionais dialógicas, ativadas por ação comunicacional e dinamizadas por múltiplos interesses, numa ambiência constituída a partir da interconexão computacional mundial.

A esses ciberterritórios correspondem ciberterritorialidades peculiares, efetivadas por meio de interações síncronas e assíncronas na paisagem digital, implicando experiências afetivas e significantes que emergem dessas conexões, criando-se pertencimentos simbólicos e comunidades imersivas (MARTINUZZO, 2016).

Esses territórios digitais são vivenciados por meio do que Sodré (2002) denomina vivência áptica – uma experiência sensorial mediada por telas, interfaces e aplicativos, que ativa a percepção visual, auditiva e até tátil de forma indireta, mas significativa.

Martinuzzo (2016) também fala de “territórios midiaticizados”, que são territórios geográficos intensivamente articulados a redes informacionais *on* e *off-line*. Todas essas novas territorialidades desafiam os modos tradicionais de pensar tanto o território quanto a comunicação. E é justamente nesse entrelaçamento conceitual e metodológico que o PósCom se firma como um campo fértil para novos estudos e pesquisas no campo da Comunicação, ampliando as fronteiras do *corpus* e do pensar comunicacionais.

A conquista do PósCom

A consolidação do PósCom, que já cumpre uma década de funcionamento e acaba de ter aprovado seu doutorado, se assenta num percurso de persistência e determinação para a conquista do programa.

Segundo a professora doutora Ruth Reis, docente do Departamento de Comunicação Social da Ufes e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, as primeiras propostas enfrentaram diversos desafios. Em entrevista ao autor, ela relembra que o primeiro projeto apresentado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 2005, era uma proposta interdisciplinar intitulada *Imagem e Cultura*, desenvolvida em parceria com professores do Centro de Artes e do Departamento de Comunicação, articulados em torno do GPeCA (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Artes), em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A proposta buscava estudar a imagem como mediação das práticas culturais e estava organizada em duas linhas de pesquisa: “Imagem, produção e sentidos” e “Imagem, mediações e territorialidades”, abordando, respectivamente, os processos de significação das imagens e as práticas culturais que constroem territorialidades sociais e simbólicas. No entanto, a proposta foi submetida à área Interdisciplinar da Capes e não foi aprovada (REIS, 2025).

Em 2007, uma nova tentativa foi realizada, desta vez com foco mais direto na área da *Comunicação*. O projeto propunha duas linhas: *Cultura e linguagem das mídias*, que investigava as linguagens midiáticas e suas dimensões subjetivas e estéticas; e *Sociabilidade e processos comunicacionais*, que tratava das interações e práticas sociais moldadas pela comunicação e pela experiência midiática. Apesar do aprimoramento, a proposta também foi rejeitada pela Capes.

A reformulação decisiva aconteceu a partir de 2007, com a importante participação da professora doutora Marialva Barbosa, da Universidade Federal Fluminense (UFF), convidada pelo professor doutor Fábio Malini. Marialva Barbosa colaborou na reestruturação da proposta, redirecionando a área de concentração para *Comunicação Regional*, o que trouxe novas perspectivas internas e possibilitou, posteriormente, a formulação da proposta com a área de concentração *Comunicação e Territorialidades*, aprovada pela Capes no final de 2013, na segunda tentativa dessa proposição específica.

Sempre de acordo com Ruth Reis, as definições referentes às linhas e áreas de concentração do PósCom foram resultado de um processo coletivo, construído com ampla participação e submetido à validação das instâncias institucionais da Ufes.

O pioneiro mestrado em Comunicação do Espírito Santo

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (PósCom-Ufes), sediado em Vitória, Espírito Santo, iniciou seu curso de mestrado em 2014, reconhecido pelo Ministério da Educação por meio do Parecer CNE/CES nº 154/2014.

Inicialmente, o PósCom tinha as seguintes linhas de pesquisa: “Comunicação e Poder” e “Práticas e Processos Comunicacionais”. Em 2018 houve uma mudança nesse conjunto, mantendo-se duas linhas, mas com atualização numa delas. Desde então, as linhas de pesquisa que refletem e desdobram a proposta da área de concentração são:

1. Comunicação e Poder

Investiga as relações entre fenômenos comunicacionais e dinâmicas de poder, com ênfase nas contradições, conflitos e disputas presentes em produtos culturais midiáticos. Analisa como mídias, discursos, tecnologias e imagens influenciam a formação de consciências, memórias, ideologias e formas de resistência. Estuda também o jornalismo como forma de conhecimento e observa os impactos das redes digitais sobre estruturas de poder e contrapoder, propondo uma leitura crítica das mediações que transformam territorialidades no contexto da globalização comunicacional.

2. Estéticas e Linguagens Comunicacionais

Com foco nas dimensões simbólicas e sensíveis da comunicação, essa linha de pesquisa aborda as linguagens, estéticas e discursos presentes nas práticas, processos e produtos comunicacionais como estratégias de construção de sentido na vida cotidiana. Contempla investigações em temas como cidade e cultura, corpo e imagem, consumo e publicidade, mídia e identidade, cibercultura, audiovisuais, educomunicação, e novos arranjos midiáticos. Seu objetivo é compreender como essas manifestações constituem territorialidades no entrelaçamento entre cultura, experiência e mediação.

A professora doutora Daniela Zanetti, do Departamento de Comunicação e do PósCom-Ufes foi a primeira coordenadora do programa, que se consolidou como o primeiro mestrado da área de Comunicação no Espírito Santo. Ela assumiu em dezembro de 2013, quando foram realizadas as primeiras reuniões do Colegiado.

O passo inicial para a consolidação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom-Ufes) foi a produção e divulgação do primeiro edital de seleção, em conformidade com o que previa a proposta original do curso. O documento estabelecia a oferta de dez vagas para a turma inaugural. O primeiro processo seletivo foi realizado entre os meses de janeiro e março de 2014, e marcou o início efetivo da trajetória acadêmica do programa. As aulas da primeira turma começaram em abril daquele ano.

Zanetti (2016) destaca que, com o apoio das políticas públicas de expansão do ensino superior, como o REUNI, o aumento no número de docentes, a ampliação de bolsas e os investimentos em pesquisa e na divulgação científica, “os caminhos da investigação em Comunicação se ampliaram, e o mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes se torna mais um ponto de chegada e de partida para novos pesquisadores interessados neste campo de estudos”.

Ainda segundo a professora, a criação do PósCom representa “um avanço significativo no campo da pesquisa científica em comunicação social no Espírito Santo”, por se tratar da primeira iniciativa de pós-graduação *stricto sensu* nessa área no estado. Ela o classifica como um programa de “terceira geração”, ao lado de outros mestrados mais recentes como o de Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA), Comunicação e Temporalidades (UFOP) e o mestrado Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais (UFS). Esses programas mais jovens têm contribuído para descentralizar a produção científica em comunicação no Brasil, ampliando os territórios acadêmicos para além dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde se concentram os programas tradicionais de “primeira geração”, com duas ou até três décadas de consolidação.

Segundo a professora Daniela Zanetti (2025), o processo de estruturação do programa envolveu múltiplos desafios, especialmente por se tratar de uma iniciativa pioneira no Espírito Santo. Como ela afirma, “a ‘cara’ do programa estava sendo criada ao mesmo tempo em que as demandas acadêmicas e administrativas surgiam, incluindo um segundo processo de seleção, para a turma de 2015, o que exigiu grande esforço de todo o colegiado do curso. A contratação da secretária Paula Ladeira Dutra, também realizou um trabalho fundamental neste período de implantação do mestrado.”

Desde sua criação, a coordenação do PósCom-Ufes assumiu uma série de atribuições fundamentais para o funcionamento e consolidação do programa. Entre elas, destacam-se a instalação da comissão de bolsas para discentes; a organização de novos processos seletivos para alunos especiais; a discussão e definição de

normas para o estágio docência; o estabelecimento de critérios para o credenciamento de novos docentes; a regulamentação do uso dos recursos disponíveis; o acompanhamento dos seminários da Capes e das reuniões promovidas pela PR-PPG (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufes); a gestão da Plataforma Sucupira – sistema nacional que reúne dados de todos os programas de pós-graduação do país –; além da solicitação de equipamentos, aquisição de materiais de consumo e o controle da concessão de bolsas de estudo.

Essas ações, conduzidas pela coordenação em articulação com a secretaria e o colegiado do curso, tornaram-se parte da rotina permanente de trabalho. No entanto, conforme ressalta a professora Daniela Zanetti (2025), para além das demandas administrativas e burocráticas, emergia uma necessidade igualmente urgente: “a reflexão e a discussão sobre o próprio conceito de territorialidade, e como esta noção se vincularia, teórica e metodologicamente, às primeiras pesquisas dos mestrados (e também dos docentes)”. Nesse sentido, os eventos acadêmicos e científicos assumiram papel estratégico, fortalecendo o debate conceitual e consolidando as bases epistemológicas do programa.

A aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom-Ufes), realizada em 2 de abril de 2014, marcou simbolicamente o início das atividades do mestrado. O evento contou com a presença da professora Nilda Jacks, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que ministrou a conferência intitulada “*Territorialidade, um conceito em expansão*”. Realizada no auditório do Cemuni IV, no Centro de Artes da Ufes, a aula reuniu cerca de 200 participantes, entre estudantes de graduação e pós-graduação em Comunicação. A fala de Jacks contribuiu de maneira significativa para o aprofundamento e problematização do conceito de territorialidades – um dos eixos teóricos centrais do PósCom.

Ainda em 2014, entre os dias 8 e 11 de dezembro, foi promovido o I Seminário de Pesquisas em Comunicação da Ufes. O evento abriu espaço para a apresentação de trabalhos de iniciação científica desenvolvidos por estudantes da graduação, além de fortalecer o protagonismo dos dez mestrados da primeira turma do PósCom. No total, participaram 27 alunos da graduação, além de um expressivo público ouvinte. Professores do programa e do Departamento de Comunicação atuaram como mediadores dos grupos de trabalho. O seminário teve início com uma mesa formada por docentes do mestrado, voltada à apresentação institucional do curso. Encerrando as atividades, foi realizada no Cine Metrôpolis uma

conferência aberta ao público com a professora Graciela Natansohn (UFBA), que abordou o tema do *ciberfeminismo*, provocando amplo debate sobre gênero, mídia e redes digitais.

Diante da excelente recepção do evento por parte da comunidade acadêmica, o colegiado do PósCom deliberou pela institucionalização anual do seminário, como forma de aprofundar debates teóricos e metodológicos e garantir maior visibilidade às pesquisas desenvolvidas por discentes e docentes do programa.

Em 2014, o PósCom passou a integrar oficialmente a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), reforçando seu compromisso com o fortalecimento da área em nível nacional. Nesse sentido, a professora doutora Daniela Zanetti também ressalta a importância da articulação institucional como estratégia para o fortalecimento da pesquisa em Comunicação.

Para Zanetti (2025), integrar redes nacionais e internacionais, estabelecer parcerias com outras instituições e grupos de pesquisa, e promover atividades acadêmicas em conjunto com colegas de outras universidades são ações fundamentais. Essas iniciativas ampliam o alcance do trabalho desenvolvido localmente, posicionando os docentes em redes de pesquisa que atravessam diferentes áreas, setores e subcampos da Comunicação. Trata-se, portanto, de uma movimentação que contribui para a circulação do conhecimento, o intercâmbio científico e o reconhecimento da produção acadêmica em múltiplas escalas.

Além das turmas regulares, o PósCom também ampliou o acesso ao mestrado por meio da oferta de vagas para alunos especiais – modalidade que permite cursar disciplinas isoladas sem a necessidade de ingresso por meio de processo seletivo regular. Entre 2014 e 2015, foram realizadas quatro seleções para essa modalidade, acolhendo cerca de 50 estudantes externos, entre profissionais, egressos e interessados em ingressar futuramente no programa.

Como parte da política de expansão e interiorização do ensino de pós-graduação em Comunicação, o edital 2015/2016 passou a oferecer 15 vagas para alunos regulares. A medida visou atender a uma demanda reprimida que já se delineava há pelo menos uma década, permitindo que professores, recém-formados e profissionais do setor possam dar continuidade à formação acadêmica sem precisar deixar o estado do Espírito Santo.

Conforme observa a professora Daniela Zanetti, que esteve à frente da coordenação do mestrado em seus dois primeiros anos, o programa apresenta dois

pontos fortes fundamentais, além de ser o único mestrado acadêmico em Comunicação do Espírito Santo. O primeiro é a proposta de uma abordagem contemporânea da comunicação social a partir do conceito de territorialidade, que estabelece diálogos com campos como as ciências sociais, a economia e a arte. O segundo é a presença de um corpo docente qualificado, com sólida produção acadêmica e atuação em grupos de pesquisa consolidados (ZANETTI, 2016).

No primeiro semestre de 2025, o PósCom já acumulava 117 defesas de dissertação. As temáticas mais frequentes abordam os conteúdos veiculados pela mídia, com predominância das áreas do jornalismo e das mídias digitais. Em relação às metodologias adotadas, destacam-se os estudos de discurso, a análise de conteúdo e outros métodos voltados à compreensão das produções midiáticas. Nos últimos anos, temas como as questões de gênero, étnico-raciais e os segmentos minorizados têm se tornado centrais nos estudos realizados. Também estão em evidência os debates sobre as mídias digitais e as novas formas de sociabilidade advindas do ecossistema comunicacional contemporâneo, marcado por megaestruturas transnacionais, processos de vigilância e controle, além do fenômeno da desinformação, com impactos significativos sobre a cidadania.

Em entrevista concedida por e-mail, a professora doutora Ruth de Cássia dos Reis compartilhou uma profunda reflexão sobre a trajetória da pós-graduação em Comunicação na Ufes: “Os dez anos que hoje celebramos só se tornaram possíveis porque foram precedidos por uma década de tentativas sistemáticas de implementação da pós-graduação. E essas, por sua vez, só aconteceram graças aos trinta anos anteriores dedicados à consolidação do campo acadêmico da Comunicação. Foi ainda na graduação que iniciamos nossas experiências de pesquisa, plantando as sementes que agora podemos colher. A comemoração de hoje também representa o reconhecimento do papel pioneiro da Ufes na construção da Comunicação no Espírito Santo – seja no ensino, na pesquisa ou na extensão. A universidade formou pessoas que, em outras instituições, contribuíram para a criação de novos cursos e para o avanço das investigações na área. Também formamos profissionais que atuam no universo da Comunicação, tanto local quanto nacional e internacionalmente. Essa trajetória, por vezes sinuosa, reflete não apenas os desafios enfrentados, mas também a evolução das políticas públicas e do próprio campo científico, no Brasil e no estado. Já vivemos contextos muito mais carentes de recursos e oportunidades. Hoje, é difícil imaginar a compreensão que temos das dinâmicas comunicacionais sem o protagonismo do campo acadêmico e o esforço coletivo de quem se dedica a decifrar a realidade, formando

competências e saberes para a prática profissional. Podemos nos considerar privilegiados por vivenciar este momento de profundas transformações no século XXI, em que a Comunicação transita de um domínio restrito a especialistas para um espaço amplamente acessado por multidões. Por outro lado, é fundamental termos consciência da magnitude dos desafios que se colocam ao campo acadêmico: superar obstáculos de diversas ordens e construir chaves interpretativas, conceitos e metodologias capazes de dar conta dos novos fenômenos comunicacionais. Relembrar o percurso até aqui e reconhecer o legado deixado por quem nos antecedeu é essencial para manter vivas as condições – materiais e simbólicas – que possibilitam o conhecimento sistemático da área. Sem isso, não há como desenvolver práticas que sejam, de fato, éticas, socialmente relevantes e comprometidas com o bem coletivo” (REIS, 2025).

O doutorado

No Brasil, os programas de pós-graduação *stricto sensu* são avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculada ao Ministério da Educação. Todos os novos programas iniciam suas atividades com nota 3 e são reavaliados em ciclos quadrienais, podendo ter suas notas mantidas, elevadas ou rebaixadas, de acordo com o desempenho apresentado.

Foi no contexto da avaliação referente ao quadriênio 2017–2020, divulgada em 2021, que o PósCom da Ufes obteve uma conquista significativa: a elevação de sua nota para 4. Esse avanço foi determinante para que o programa pudesse pleitear a criação do curso de doutorado.

No ano de 2023, o PósCom apresentou à Capes o projeto para a implementação de seu curso de doutorado. A aprovação se deu em 2024, com o reconhecimento oficial do curso de doutorado tendo sido feito por meio do Parecer CNE/CES nº 177/2025 e Portaria MEC nº 213, de 20 de março de 2025.

Segundo a professora doutora Flávia Mayer (2025), ex-coordenadora do PósCom (2020-2022), “o programa vinha em um processo, desde o primeiro ano do quadriênio 2017-2020, em que estava atento aos parâmetros em debate para a pós-graduação brasileira. Em 2017, o programa passou por uma revisão curricular, por exemplo, para adequação ao que se projetava para o período. Desde o início, então, o programa entendia a importância desses quatro anos, da necessidade de uma construção sólida que conduzisse o programa a elevar

sua nota, condição indispensável para que tivesse a oportunidade de pleitear o curso de doutorado. Dito de outra maneira, sem esse resultado, o sonho do doutorado seria adiado por quatro anos, passando a depender do êxito na quadrienal seguinte”.

Flávia Mayer enumera ações fundamentais no processo que levou à conquista do doutorado: “o indispensável suporte da PRPPG/Ufes; o diálogo com a Coordenação da área de avaliação; a troca de experiências com programas consolidados; o trabalho de comissões para tratar das várias necessidades do programa afinadas com as diretrizes da avaliação; a contribuição de colegas de programas de outros estados nas nossas comissões (como a de autoavaliação e planejamento, de credenciamento); e a grande mobilização do corpo docente, discente e técnico”.

Para a professora, “o esforço permitiu novas articulações, crescimento e amadurecimento do programa”, salientando as dificuldades impostas pela covid-19: “o último ano do ciclo – 2020 – foi marcado pela pandemia do coronavírus. Assim, a avaliação do quadriênio 2017-2020 ocorreu em um contexto de grande instabilidade em várias dimensões. Os reflexos dessa instabilidade foram vistos, também, na avaliação, na construção do detalhamento das diretrizes, na mudança de prazos, entre outros. Assim, em meio a uma tensão gigantesca, foi realizado o preenchimento das informações referentes aos últimos anos da avaliação e a revisão dos dados de todo o quadriênio. Apesar do contexto, reunimos detalhadamente as informações do programa e conseguimos demonstrar nossas forças. Já o processo de construção da proposta de curso de doutorado se deu durante a coordenação da professora doutora Gabriela Alves”.

Segundo Gabriela Alves, coordenadora do PósCom no período de 2023-2024, esse salto de avaliação representou mais do que um reconhecimento técnico: “A nota 4 nos impôs um compromisso social, especialmente por sermos o único programa de pós-graduação na área da Comunicação Social em todo o Espírito Santo. Havia uma demanda represada, não só do Estado, mas também de regiões vizinhas, como o sul da Bahia e o norte fluminense” (ALVES, 2025).

O programa, criado em 2013, já contava com uma década de formandos quando a proposta do doutorado começou a ser estruturada. Com a nota 4, tornou-se possível redigir a Apresentação de Proposta de Curso Novo (APCN), documento exigido pela Capes para solicitação de cursos de doutorado. Sob coordenação da professora Gabriela, a equipe elaborou uma proposta com

mais de 130 páginas, detalhando a estrutura, os objetivos, as linhas de pesquisa e os critérios acadêmicos do novo curso.

O documento foi submetido no final de 2023 e passou por um rigoroso processo de avaliação por diferentes instâncias da Capes e do Ministério da Educação. A aprovação foi concedida no segundo semestre de 2024, sem exigência de ajustes, o que, segundo a professora, representou “uma vitória expressiva, resultado do esforço coletivo de todo o corpo docente” (ALVES, 2025).

A professora relembra, com emoção, o processo de elaboração do documento entregue à Capes para a criação do doutorado. Segundo ela, foi um trabalho intenso e exigente, mas que resultou, já na primeira tentativa, na aprovação do curso. Um momento marcante que sintetizou décadas de história, dedicação e construção coletiva: “Deu muito trabalho, mas conseguimos, na primeira tentativa, entregar à Capes um documento que fizesse jus à história do nosso programa”.

A emoção da conquista foi profunda. Gabriela compartilha que chorou emocionada ao receber a notícia da aprovação, não apenas pela realização de um projeto acadêmico, mas pela consciência crítica de seu significado: “Quando me dediquei a esse trabalho, eu tinha plena consciência do nosso cenário. Antes da aprovação do doutorado, as pessoas que queriam seguir na pós-graduação me diziam que teriam que sair do Estado. E quem não pode sair? Essas pessoas têm gênero, têm cor, têm classe”.

Entusiasta das políticas de inclusão, a professora Gabriela atuou na comissão responsável por elaborar a resolução que instituiu as ações afirmativas no âmbito da pós-graduação da Ufes. Sua fala reforça o compromisso ético e político com a democratização do acesso e a valorização da diversidade no ambiente acadêmico.

Gabriela destaca que as linhas de pesquisa foram mantidas em coerência com aquelas desenvolvidas no mestrado, respeitando a identidade acadêmica construída ao longo do tempo. Para ela, essa continuidade era fundamental, sobretudo por estarem ancoradas na área de concentração “Comunicação e Territorialidades” – eixo que estruturou o desenvolvimento do programa desde sua origem.

De acordo com a professora Gabriela Alves, a elaboração da proposta contou com contribuições importantes. O professor doutor Sérgio Rodrigo, então bolsista do programa, participou ativamente do processo, mesmo já tendo sido

aprovado em concurso na Universidade Federal da Paraíba. A servidora Liana Kumm, técnica em ações educacionais e secretária do programa, também teve papel decisivo na organização administrativa da proposta, assim como a professora doutora Larissa Zanin, diretora do Centro de Artes; a professora Eliza Bartolozzi Ferreira, então vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação; e a docente Ana Carolina Temer, da Universidade Federal de Goiás.

Apesar do sucesso da aprovação do doutorado, o processo não foi isento de desafios. Um dos principais obstáculos durante a redação da APCN foi a redução temporária do corpo docente permanente, decorrente de afastamentos para estágios pós-doutorais. Como explica a professora Gabriela: “É um direito dos professores, uma necessidade para qualificação acadêmica. Mas coincidiu com o momento da construção do documento, o que nos deixou com uma equipe muito enxuta. Tivemos que dividir tarefas com poucos nomes disponíveis” (ALVES, 2025).

A proposta foi construída com a atuação direta das professoras Ruth Reis, responsável pela linha de pesquisa *Comunicação e Poder*, e Flávia Mayer, da linha *Estéticas e Linguagens Comunicacionais*, além da coordenação geral da professora Gabriela Alves. “Juntos, construímos uma proposta robusta, fiel aos princípios do programa e às necessidades do campo da Comunicação”, conclui (ALVES, 2025).

Para ela, a criação do doutorado simboliza não apenas o amadurecimento institucional, mas também o compromisso com a formação crítica e com a produção de conhecimento socialmente relevante no campo da comunicação: “A conquista do doutorado fortalece nosso compromisso com a sociedade capixaba e amplia as possibilidades de formação de alto nível na área da Comunicação. Nosso programa é pioneiro ao adotar a territorialidade como eixo de concentração, e agora amplia sua atuação com o doutorado” (ALVES, 2025).

As aulas da primeira turma do doutorado, em agosto de 2025, marcaram um novo ciclo na história do PósCom: “Foi uma conquista bravamente construída por toda a equipe. Um trabalho coletivo que exige muito da coordenação – não só liderança, mas dedicação intensa, com muitas horas diante do computador para garantir que tudo aconteça”, afirma a professora Gabriela Alves (2025).

A professora Flávia Mayer (2025) resume: “vejo o percurso rumo ao doutorado contendo um grande esforço conjunto. Agarramos a chance com todas as

forças, porque essa etapa nos permitiria avistar no horizonte o doutorado em comunicação”.

No dia 11 de julho de 2025, a gestão do programa foi renovada, com o retorno da professora Daniela Zanetti assumindo como coordenadora e tendo como vice-coordenadora a professora Ruth Reis. Com uma atuação já reconhecida ao longo da trajetória do PósCom, as doutoras assumiram com o compromisso de consolidar o recém-aprovado doutorado e ampliar as estratégias de internacionalização do programa, fortalecendo seu reconhecimento acadêmico dentro e fora do país. O mandato é de dois anos.

Coordenadores e coordenadores-adjuntos do PósCom

Período: 2025-2027

Coordenadora: Daniela Zanetti (11/07/2025 a 10/07/2027)

Coordenadora-adjunta: Ruth Reis (11/07/2025 a 10/07/2027)

Período: 2024-2025

Coordenador: Antônio Carlos Queiroz do O. Filho (10/07/2024 a 10/07/2025)

Coordenador-adjunto: Arthur Felipe de Oliveira Fiel (10/07/2024 a 10/07/2025)

Período: 2023-2024

Coordenadora: Gabriela Santos Alves (17/08/2023 a 16/06/2024)

Coordenador-adjunto: Fábio Gomes Goveia (17/08/2023 a 17/06/2024)

Período: 2023-2023

Coordenador: Rafael da Silva Paes Henriques (02/05/2023 a 04/08/2023)

Coordenadora-adjunta: Daniela Zanetti (02/05/2023 a 16/08/2023)

Período: 2022-2022

Coordenador: Rafael da Silva Paes Henriques (17/03/2022 a 13/09/2022)

Coordenador-adjunto: Edgard Rebouças (03/08/2022 a 13/09/2022)

Período: 2022-2022

Coordenador: Rafael da Silva Paes Henriques (17/03/2022 a 13/09/2022)

Coordenadora-adjunta: Flavia Mayer dos Santos Souza (17/03/2022 a 03/07/2022)

Período: 2020-2022

Coordenadora: Flavia Mayer dos Santos Souza

Coordenador-adjunto: Rafael da Silva Paes Henriques

Período: 2018-2020

Coordenador: Edgard Rebouças

Coordenadora-adjunta: Flavia Mayer dos Santos Souza

Período: 2016-2018

Coordenador: Fabio Luiz Malini

Coordenadora-adjunta: Daniela Zanetti

Período: 2014-2016

Coordenadora: Daniela Zanetti

Coordenador-adjunto: José Antonio Martinuzzo

Professores do PósCom

Antônio Carlos Queiroz do O. Filho – *permanente*

Arthur Felipe de Oliveira Fiel – *permanente*

Cicilia Maria Krohling Peruzzo – *permanente*

Daniela Zanetti – *permanente*

Elisa Fabris de Oliveira – *permanente*

Emerson Campos Gonçalves – *permanente*

Fábio Gomes Goveia – *permanente*

Flávia Mayer dos Santos Souza – *permanente*

Gabriela Santos Alves – *permanente*

José Edgard Rebouças – *permanente*

Lívia Silva de Souza – *colaboradora*

Pedro Silva Marra – *permanente*

Rafael Bellan Rodrigues de Souza – *permanente*

Rafael da Silva Paes Henriques – *permanente*

Ruth de Cássia dos Reis – *permanente*

Ex-professores do PósCom

Alexandre Curtiss Alvarenga – *colaborador*

Aparecido Jose Cirilo – *permanente*

Erly Milton Vieira Junior – *permanente*

Fabio Luiz Malini de Lima – *permanente*

Gabriel Menotti Miglio Pinto Gonring – *permanente*

Isabel Regina Augusto – *visitante*

José Antonio Martinuzzo – *permanente*

Maria Bernadette Cunha de Lyra – *visitante*

Maria Nazareth Bis Pirola – *colaboradora*

Moema Lúcia Martins Rebouças – *permanente*

Patrícia Gomes Rufino Andrade – *colaboradora*

Victor Israel Gentilli – *permanente*

Virginia Crisp – *visitante*

Viviana Mónica Vermes – *colaboradora*

Mestres pelo PósCom, por ordem de Defesa de Dissertação

2015

Wagner Piassaroli Mantovaneli

2016

Roberto Teixeira dos Santos

Rafaela Freitas Belo

Ana Paula Vieira de Souza Dias

Edson Alves Rangel

Marialina Côgo Antolini

Jean Maicon Rickes Medeiros

Danielly de Souza Campos

Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira

Marcela Tassarolo Bastos

2017

Lorena Lucas Regattieri

Karina Inacio de Araújo Lambert

Angelo Bortolon de Alvarenga

Fabricio Ferreira Fernandes

Ana Clara Magnago Bianchi

Heryck Luiz Jacob Sangalli

Luna Maria Pacheco do Nascimento

Adriano Domingos Monteiro

2018

João Cláudio de Santana Guerra

Pâmela Rocha Vieira

Amanda Meschiatti Vasconcellos

Sidney Spacini Pereira

Milena Mangabeira da Silva

Viviane Ramos Machado

Elaine de Lima Castro Garau

Patrik Camporez Mação

Renata Fernandes Rocha Marcelino

Elizabeth Nader Simões

Bianca Bortolon Gonçalves

Elaine Rodrigues Dal Gobbo

Ana Paula Pereira Coelho

Weber Kirmse Caldas

2019

Lucas Bragança da Fonseca

Ursula Dart Bottrel do Nascimento

Delio Freire Rocha
Isabella Silva de Freitas Mariano
Ana Carolina Ronchi
William Silva de Oliveira
Girley Vieira da Silva
Allan Cancian Marquez
Ricardo Aiolfi Barone
Arthur Gomes de Castro
Ana Paula Miranda Costa Ribeiro
Michael Rosa Figueiredo
Mariana Batista de Jesus
Leandro Nossa Guanandy
Ademar Possebom Pessini Junior
Weliton Toledo

2020

Marcio Martins Calil
Juliana Bellia Braga
Alice Barcellos
Glauber Pinheiro Rocha
Camila Fregona Rocha
Gilliard Zuque da Fonseca
Nathália Esteves da Silva Gomes
Carolina Ofranti Sampaio
Veronica Aparecida Ribeiro Haacke
Tasso Gasparini de Souza
Johanna Inácia Honorato
Priscila Bueker Sarmento
Alexsandro de Oliveira Torres
Frederico de Souza Ramos Carneiro

2021

Iza Marcialina Meireles Rosemberg
Tadeu Barbuto Bousada
Caroline de Marchi Pignaton
Letícia Gomes Barroso
Thalita Mascarelo da Silva
Thiago Scarpato Mozer
Raysa Calegari Aguiar
Alena Moreira Menegusso
Yara Karolinne Sousa Lopes
Ivana Sonegheti de Mingo
Herbert Pablo Bastos
Constantino Gabriel Buteri Neto

Luiz Eduardo Neves da Silveira

2022

Stéphane Figueiredo Ferreira

Lunélia Amaral Lima

Vitor Jubini Venturin

Amanda Milan Câmara Pinto

Liliana Rocha Fernandes

Máyra Belem Tavares de Brito

Guilherme Paulino Gonçalves

Matheus Effgen Santos

Maurilio Mendonça de Avellar Gomes

Maíra Mendonça Cabral

Lais de Mello Rocio

2023

Adriana Amantino Damasceno De Souza

Mariah Friedrich Dadalto

Karlili Freire Trindade

Thamara Machado Pinto

Luiz Gustavo de Jesus Dantas

Rita de Cassia Vitoria Benezath

Alexandre Lemos Júnior

Vitor Carletti Evangelista

Júlia Tiengo Zumerle

Wander Salgado Macedo Junior

Roger Gomes Ghil

Lucas Guimarães Blunck Schuina

Marcus Vinicius de Souza Vieira

Ana Gabriela Oliveira Lima

Daniel Rossmann Jacobsen

Tatiana Matias de Moura

Elisa Lacerda Silva

Karolyne Mendes Gomes

Isaac de Sousa Ribeiro

Debora Sonegheti Bonicegna

2024

Kennedy Anderson Cupertino de Souza

Gilson Arão Júlio Neto

Adriana Esperanza Blanco Gonzalez

Priscilla Schimitt Huapaya

Jonathan Neves Amaro

Larissa Rais Celeste

Fernanda Couzemenco Ferreira

2025

Melissa Barbosa Peixoto

Maxieni Muniz de Souza Bianco

Thaís Guimaraes Cortes

Mayra Fernandes Scarpi

Referências bibliográficas

ALVES, Gabriela Santos. *Entrevista concedida por e-mail ao autor*. Vitória, 2025.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2001.

MAYER, Flávia. *Entrevista concedida por e-mail ao autor*. Vitória, 2025.

MARTINUZZO, José Antonio. Territorialidades, o que é isso? In: Martinuzzo, José Antonio; TESSAROLO, Marcela (Orgs.). *Comunicação e Territorialidades: As pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo*. Vitória: Ufes, 2016.

REIS, Ruth. *Entrevista concedida por e-mail ao autor*. Vitória, 2025.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZANETTI. Depoimento obtido em: MARTINUZZO, José Antonio. Territorialidades, o que é isso? In: Martinuzzo, José Antonio; TESSAROLO, Marcela (Orgs.). *Comunicação e Territorialidades: As pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo*. Vitória: Ufes, 2016.

ZANETTI, Daniela. *Entrevista concedida por e-mail ao autor*. Vitória, 2025.

CAPÍTULO 4

Diversidade e inclusão acompanham a trajetória do curso

SIMONE AZEVEDO

Mestra em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), doutoranda em Mudança Social e Participação Política na Universidade de São Paulo (USP), Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Ufes, onde é servidora junto à secretaria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom). Tem trajetória de pesquisa voltada para a interface entre políticas públicas na área da educação e questões étnico-raciais

O direito de acesso ao ensino superior foi ampliado nas universidades federais pela política de ações afirmativas sancionada na Lei de Cotas (Lei 12.711/2012¹). Depois da lei que imprimiu a obrigatoriedade a uma política que estava sendo adotada de forma pioneira desde 2002 por instituições de ensino superior como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), entre outras, tem crescido no ensino superior no Brasil o número de estudantes negros, negras e indígenas, entre outros grupos marcados por desigualdades e opressões estruturais (ALMEIDA, 2021) e interseccionais (COLLINS, 2021) na nossa sociedade. Pela primeira vez na história da educação brasileira, a população autodeclarada preta ou parda passou a representar mais da metade dos matriculados nas universidades públicas e isso reforça o entendimento de que a lei ainda é necessária para reduzir as disparidades² raciais no país, pois tem de fato promovido mudanças significativas

1 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: jun. 2025.

2 Estudo mais recente realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020)

no perfil discente no ensino superior, inclusive na Ufes e, automaticamente, no curso de Comunicação Social.

Desde 2001, o debate sobre as ações afirmativas no ensino superior, que remonta à década de 1980 com a militância negra já fazendo essa reivindicação, ganhava corpo e se amplificava no país como consequência da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, realizada em Durban na África do Sul, naquele ano, sete anos após o fim formal do regime do Apartheid no país africano. Com isso, muitos protestos e reivindicações se intensificaram na Ufes naquele e nos anos seguintes. O Movimento Negro e o movimento de mulheres negras no Espírito Santo, articulados com as reivindicações levadas a Durban, foram tão persistentes que, em 2008, a Ufes precisou aprovar um modelo de ações afirmativas como resposta à pressão social e às disparidades entre brancos e negros no acesso à universidade que já não era mais possível ocultar ou ignorar. Contudo, o modelo aprovado estabeleceu a reserva de 40% do total de vagas de cada curso para alunos oriundos de escolas públicas com renda familiar inferior a sete salários mínimos, mas não adotou o critério racial, com o argumento de que a reserva de vagas por renda incluiria naturalmente a população negra. Foi, portanto, uma transformação incompleta, uma vez que o combate ao racismo, que é estrutural, ultrapassa a questão da classe social, pois são opressões interseccionais e não se esgotam em si mesmas. Isso significa que raça, classe e também gênero³, entre outras avenidas identitárias, produzem condições de vida singulares tanto para mulheres negras periféricas, quanto para homens negros periféricos, além de outras minorias políticas, como indígenas e quilombolas. Mas, mesmo assim, foi uma política importante porque de fato iniciou uma mudança no perfil racial discente da Ufes.

mostra que o percentual de discentes negros nas universidades federais subiu de 34,2%, em 2003, para 51,2%, em 2018, embora o acesso continue desigual entre brancos e negros. Apesar dos avanços, em 2017, a população negra ainda correspondia a 32% das pessoas com ensino superior completo. E considerando a população com 25 anos ou mais, apenas 9,3% dos negros tinham ensino superior completo, enquanto na população branca esse percentual havia chegado a 22,9%. Um dos entraves para a ampliação do acesso ao ensino superior tem sido a não conclusão do ensino médio. Para as pessoas acima de 25 anos, mais de 60% da população negra não completou o ensino médio, enquanto para a população branca corresponde a 45,6%. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf. Acesso em: jun. 2025.

3 Dados de 2020 do Ipea revelam que, embora tenham elevado a participação recente, mulheres negras com ensino superior completo (19,7%) ainda são praticamente metade do contingente de mulheres brancas – 38,2%. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf. Acesso em: jun. 2025.

Nas pesquisas de Azevedo (2019) e Coutinho (2018), é possível identificar que, entre 2006 e 2007, 61,65% dos alunos da Ufes se autodeclararam brancos e 34,37% negros (27,87% pardos e 6,49% pretos). Com a implantação das cotas por critério de renda em 2008, 54,68% se autodeclararam brancos e 41,12% negros (32,26% pardos e 8,86% pretos). Depois da Lei de Cotas, esse ingresso ampliou-se, uma vez que entre 2013 e 2017, ingressaram 24.036 alunos em 64 cursos de graduação na Ufes e, deste total, 50,56% se autodeclararam negros (39,96% pardos e 10,60% pretos). Em números absolutos, separando o total de ingressantes negros por grupo de cotistas e não cotistas, somadas as faixas de renda, Coutinho (2018) observou que, entre 2013 e 2017, ingressou um total de 4.674 estudantes negros na Ufes. No grupo de cotistas pretos e pardos, ingressou na universidade, entre 2013 e 2017, um total de 6.608 estudantes.

Na Comunicação Social, esse processo de implementação tanto das cotas por renda em 2008 quanto das cotas raciais com a Lei de Cotas em 2012, embora vivenciado pela Ufes como um todo, também representou a construção de uma nova configuração racial dos estudantes, muito mais diversa, justa e democrática. Segundo dados da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), em 2009, ano de ingresso dos primeiros cotistas por critério de renda, de um total de 113 ingressantes, 31 foram aprovados pela reserva de vagas, somadas as duas habilitações – Jornalismo e Publicidade e Propaganda –, o que equivale a um percentual de pouco menos de 28%. Mas esses números foram crescendo a cada ano, conforme a política se consolidava na universidade, como mostra a tabela a seguir, confirmando que ela funciona e que é necessária para garantir uma maior diversidade. Os dados apresentados também consideram a inclusão da terceira habilitação criada em 2010, do curso de Cinema e Audiovisual, e mostram o somatório de alunos ingressantes em todas as modalidades de reserva de vagas que foram implementadas em 2008, depois em 2012 e em 2023, a partir da revisão⁴ feita na Lei de Cotas.

4 Em 2022, a Lei de Cotas completou dez anos, e, em 2023, passou pelo processo de revisão prevista em seu texto. A espinha dorsal da lei foi mantida e ela sofreu alterações fundamentais, como a inclusão de estudantes quilombolas, a ampliação da política para a pós-graduação e a prioridade aos cotistas no recebimento de auxílio estudantil. Outra mudança importante é que agora os cotistas vão primeiro disputar as vagas gerais, destinadas a todos os estudantes. Se não conseguirem a vaga na ampla concorrência, usam as notas para disputar as vagas das cotas.

INGRESSANTES NA COMUNICAÇÃO SOCIAL/ CURSOS DE GRADUAÇÃO TODAS AS HABILITAÇÕES				
Ano de ingresso	Total	Ampla concorrência	Reserva de vagas	Percentual de cotistas
2010	134	89	45	33,5%
2011	146	94	52	35,6%
2012	107	67	40	37,3%
2013	135	67	68	50,3%
2014*	34	19	15	40,5%
2015	87	46	41	47,1%
2016	162	95	67	54,9%
2017	154	86	68	44,1%
2018	157	88	69	43,9%
2019	152	84	68	44,7%
2020	136	67	69	50,7%
2021	140	73	67	47,8%
2022	133	71	62	46,6%
2023	123	68	55	44,7%

Fonte: Prograd/Ufes

*Considerados apenas os ingressantes em Cinema e Audiovisual, porque em 2013 o MEC suspendeu⁵ os cursos Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

Na outra tabela, os dados mostram os números de cotistas e não cotistas por raça/cor, considerando a autodeclaração dos estudantes no momento da matrícula. Estudantes que não quiseram ou não souberam declarar seu pertencimento étnico-racial não foram incluídos no cálculo. Os números totais podem ser maiores que os da tabela anterior em virtude de outras formas de ingresso, como reopção e transferência, por exemplo, ou podem ser menores, em função dos estudantes que não responderam.

5 Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2013/12/ufes-tem-que-fechar-vestibulares-de-jornalismo-e-publicidade-diz-mec.html>. Acesso em: jun. 2025.

INGRESSANTES NA COMUNICAÇÃO SOCIAL/ CURSOS DE GRADUAÇÃO TODAS AS HABILITAÇÕES					
	Ampla concorrência		Reserva de vagas		
Ano de ingresso	Brancos	Pretos, pardos e indígenas	Brancos	Pretos, pardos e indígenas	Percentual PPI total
2004	77	29			37,6%
2005	78	21			26,9%
2006	69	39			56,5%
2007	70	40			57%
2008	67	40			59,7%
2009*	54	27	17	15	37,1%
2010	55	29	21	24	41%
2011	61	28	14	18	38%
2012	46	36	10	35	55,9%
2013	47	19	18	49	43,6%
2014**	13	6	2	12	54,5%
2015	27	15	9	30	55,5%
2016	59	33	19	48	50,9%
2017	40	29	21	45	54,8%
2018	53	31	18	51	53,5%
2019	50	28	17	51	54,1%
2020	49	17	19	45	47,6%
2021	30	12	16	49	58%
2022	55	24	17	45	48,9%
2023	50	15	20	35	41,6%

Fonte: Prograd/Ufes

*Até 2009, primeiro ano de ingresso de cotistas, são considerados apenas os ingressantes nas duas habilitações existentes: Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

**Considerados apenas os ingressantes no curso de Cinema e Audiovisual.

É importante observar que o percentual de pretos, pardos e indígenas começa a aumentar após 2012, com a Lei de Cotas, ultrapassando 50% dos ingressantes na Comunicação Social e se mantendo sempre próximo desse patamar. Contudo, considerando que a maioria da população brasileira é negra – 55%

de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado em 2022 –, ainda é necessário avançar no enfrentamento às desigualdades, sobretudo com as populações preta e indígena. Por isso, em 2022, a Diretoria de Ações Afirmativas e Diversidade da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assistência Estudantil realizou o primeiro Censo⁶ Estudantil para as Ações Afirmativas para produzir dados relacionados à diversidade de estudantes de graduação da Ufes. As informações foram coletadas durante o processo de matrícula no segundo semestre de 2022. Ao todo, 16.816 estudantes responderam a 32 perguntas que abordavam temas sobre pertencimento identitário e trajetória universitária.

Embora seja um recorte do perfil discente de 2022 e que nem todos os estudantes que se matricularam tenham respondido ao censo, é interessante observar que, somando as respostas de estudantes das três habilitações do curso da Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Cinema e Audiovisual –, 239 se autodeclararam de cor/raça branca, 163 parda, 109 preta e 4 amarela. Com isso, o percentual de pretos, pardos e indígenas dos estudantes da Comunicação Social que responderam ao censo correspondeu a 53,5%, independentemente da modalidade de ingresso. Todavia, considerando que o racismo no Brasil tem como elemento disparador o fenótipo e que quanto mais escura é a cor da pele mais vulnerável está essa população (ALMEIDA, 2021), o ingresso de pessoas pretas na universidade e na Comunicação Social – assim como de indígenas – ainda precisa avançar, até porque a Lei de Cotas também garante o ingresso de cotistas brancos por critério de renda e oriundos de escolas públicas e por deficiência física. A segunda tabela apresentada mostra que, assim como ingressam estudantes negros pela ampla concorrência, não são somente as populações negra e indígena que são contempladas pelas cotas, por isso a discussão sobre a desigualdade racial tem as cotas raciais como elemento disparador, mas vai muito além delas.

Na pós-graduação, o futuro

Sem uma legislação específica como a Lei de Cotas, a pós-graduação não acompanhou as mudanças impulsionadas pelas cotas raciais da graduação nas duas últimas décadas. Em 2015, o Ministério da Educação (MEC) criou um gru-

⁶ Disponível em: <https://acoesafirmativas.ufes.br/projeto-mapeamento-socio-cultural-da-ufes>. Acesso em: jun. 2025.

po de trabalho para propor mecanismos de inclusão em programas de pós-graduação no país, o que resultou na publicação da Portaria Normativa nº 13/2016, a qual estabelecia que as instituições de ensino superior deveriam apresentar propostas para inclusão de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência nos cursos de pós-graduação. Acompanhando as iniciativas pioneiras de universidades que já estavam adotando essa modalidade de ações afirmativas, o documento baseia-se no Estatuto da Igualdade Racial⁷ e na própria Lei de Cotas, que diz que as instituições federais de educação poderão, por meio de políticas específicas de ações afirmativas, instituir reservas de vagas suplementares ou de outra modalidade (AZEVEDO, 2019).

Com isso, a Portaria Normativa determinou um prazo de 90 dias da data da sua publicação para as propostas serem apresentadas pelas universidades. Mas na Ufes isso somente foi definido em 2024, portanto quase dez anos depois, com a atual resolução⁸ aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). O documento institui a Política de Ações Afirmativas nos Cursos e Programas de Pós-Graduação da Universidade, por meio da oferta de vagas para pessoas negras (pretas e pardas); indígenas e quilombolas; pessoas com deficiência; pessoas travestis e transexuais; e refugiados. Segundo a resolução, as vagas serão reservadas em todos os processos seletivos para os cursos de mestrado e doutorado, sejam acadêmicos ou profissionais, ou cursos de especialização *lato sensu*.

Todavia, antes da Ufes fazer essa regulamentação geral, cinco programas⁹ de pós-graduação foram pioneiros adotando políticas próprias de ações afirmativas, entre eles o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, o PósCom¹⁰, já em 2016, no seu terceiro ano de funcionamento. E isso significou dar início a um intenso debate em diversas instâncias da universidade, uma vez que a Procuradoria-Geral da Ufes havia emitido parecer “atribuindo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) a competência para a criação de políti-

7 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: jun. 2025.

8 Disponível em: https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no_80.2024_-_reserva_de_vagas.pdf. Acesso em: jun. 2025.

9 Outros programas de pós-graduação que adotaram ações afirmativas próprias antes da Ufes regulamentar uma política geral foram os cursos de Ciências Sociais, Artes, Psicologia e Política Social.

10 Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/09/programas-de-pos-graduacao-da-ufes-adotam-cotas-raciais.html>. Acesso em: jun. 2025.

ca de cotas”¹¹. Portanto, foi a iniciativa do PósCom que movimentou a discussão sobre ações afirmativas na pós-graduação da Ufes, pressionando os órgãos superiores da universidade a se posicionarem sobre o tema, o que fez toda a diferença para a mudança que hoje é assistida em todos os cursos.

Em setembro de 2016, quando o colegiado do PósCom aprovou a adoção das cotas, foi publicada a primeira resolução¹² de ações afirmativas do programa, reservando 25% das vagas para alunos pretos, pardos e indígenas (cotas PPI) pelo critério da autodeclaração. Em junho de 2018, o PósCom aprovou uma nova resolução¹³, incluindo o processo de verificação das candidaturas PPI por uma comissão de heteroidentificação composta por docentes, alunos e servidores técnicos administrativos do programa, para garantir a lisura do processo e evitar tentativas de burlas, no mesmo molde do que é feito na graduação. E em 2020, foi aprovada a terceira resolução¹⁴, mais completa e detalhada, ampliando a reserva para 50% das vagas de cada processo seletivo e assegurando uma maior diversidade, com a inclusão de pessoa trans: travesti, transexual e/ou transgênero; pessoa com deficiência; e pessoa em condição de refúgio político. Por incluir outras minorias na política de ações afirmativas, essa última resolução serviu de inspiração para o documento aprovado pelo Cepe em 2024, o qual passou a valer para todos os cursos.

Estudante cotista da reserva PPI na graduação de Cinema e Audiovisual e no mestrado no PósCom, Karol Mendes, de 30 anos, graduada em 2019 e mestra em 2023, vivenciou a universidade como a maioria das mulheres negras vivencia quando consegue quebrar a barreira do racismo e acessar o ensino superior no Brasil: com mais idade que os colegas de turma e tendo de trabalhar e estudar ao mesmo tempo para se sustentar e ajudar a sustentar a família. Já

11 Ata da reunião realizada no dia 13 de junho de 2017 da Câmara de Pós-Graduação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) com o teor da contestação do procurador-geral da Ufes. Disponível em: https://prppg.ufes.br/sites/prppg.ufes.br/files/field/anexo/ata_3a_reuniao_da_cpg_2017.pdf. Acesso em: jun. 2025.

12 Disponível em: https://comunicacaosocial.ufes.br/sites/comunicacaosocial.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_acao_afirmativa.pdf. Acesso em: jun. 2025.

13 Disponível em: <https://comunicacaosocial.ufes.br/sites/comunicacaosocial.ufes.br/files/field/anexo/resolucao02-2018-vagasppi.pdf>. Acesso em: jun. 2025.

14 Disponível em: https://comunicacaosocial.ufes.br/sites/comunicacaosocial.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_01.2020_acoes_afirmativas.pdf#overlay-context=pt-br/regimentos-e-resolucoes. Acesso em: jun. 2025.

no mercado de trabalho aos 20 anos, quando Karol ingressou na graduação na Ufes, para além de realizar um sonho, ela precisou aprender a lidar com toda a complexidade de ser uma mulher negra no espaço universitário.

“Nosso curso de Cinema é noturno, então eu já saía muito cansada. Na época, eu trabalhava na Serra e morava em Vila Velha. O sistema de cotas me proporcionou ingressar nesse ambiente, transformar esse território e transformar a minha realidade e a da minha família, então eu lembro desse sentimento de realizar um sonho e ser muito agradecida por conseguir viabilizá-lo a partir do sistema de cotas. A minha percepção é que era mais acessível e mais aberto para ver pessoas como eu neste espaço, pelo menos na graduação, embora não necessariamente na minha turma, mas em outros cursos mesmo. E aí quando eu chego no mestrado em 2021, eu também tenho a política de cotas muito bem mais definida, com o acolhimento de refugiados e transexuais, mas eu senti um impacto diferente. Eu não sei se foi por causa da época, porque estávamos vivendo uma pandemia, mas no mestrado a gente teve mais dificuldade com os professores em relação a ter uma turma tão diversa. Nossa turma foi muito bem organizada e muito unida, mas parte dos professores não conseguiu entender a complexidade que era ter uma turma de mestrado na Comunicação Social tão diversa, e eu não consegui perceber o acolhimento de maneira tão presente”, avalia Karol.

Também cotista PPI na graduação de Cinema e Audiovisual, concluída em 2021, e no mestrado do PósCom, concluído em 2023, Gê Gomes Ghil, ou GG Fakolade, como ela prefere se identificar, negra, 28 anos, defende que a importância em ser cotista na Ufes é, antes de tudo, entender que pessoas negras constroem saberes, epistemologias e ciência, a partir de vivências que têm muita força, e isso muda os paradigmas da academia.

“A gente ainda está engatinhando bastante em relação à pauta da diversidade, não somente enquanto alunos, mas também enquanto quadro de professores. Eu fui perseguida por alguns professores na graduação e hoje fico pensando que existe um fetiche desses professores com a nossa experiência, com a nossa vida. E quando chega o momento de lidar com uma pessoa que fala e se recusa a ser cativa e ser um objeto de pesquisa, há um estranhamento. Existe um movimento de armadilha da representatividade. Ahhh, ‘porque temos e fazemos’ e tudo mais, mas na prática é outra coisa. Eu passei por vários apertos na graduação e no mestrado com professores que tinham falas como ‘eu baixei muito a régua do curso para vocês darem conta’. Coisas assim de uma soberba intelectual que são muito graves. E eu estou falando de racismo mesmo. Racismo, misoginia e transfobia

estruturam as relações, então a partir do momento em que a gente entra na universidade e começa a desobedecer a ordem e afirmar um mestrado e afirmar um doutorado, como eu estou fazendo agora, é justamente um movimento de dizer assim: ‘olha, estamos aqui e continuaremos sim. Conseguimos pensar e construir e seremos validadas nesse lugar a partir das nossas epistemologias e pelas nossas e nossos pares de pensamento’”, afirma GG Fakolade.

Apesar desses desafios, ela destaca que o sentimento de não estar sozinha na graduação e na pós-graduação permite criar uma importante rede de apoio e de existência. “Em um desses quadros de perseguição, uma professora falou ‘vem meia hora antes da aula que eu vou te ensinar a fazer um artigo’. E eu me juntei ao bonde das gatos pretas e a gente falou ‘não, a gente vai chegar junto com você’. E quando o bonde chegou na sala, a professora chamou para outra sala para conversar em particular e a gente falou que não, ‘você vai conversar com todo mundo junto’, e aí foi um bate-boca, uma discussão... Por isso, eu acho importante dizer isso. Criamos uma rede de proteção capaz de enfrentar essa dinâmica racista na qual em um trabalho em grupo todos tiravam 10 e eu tirava 7, por exemplo. Quanto mais a gente consegue afirmar a diversidade, mais a gente chega num lugar de triunfo social no sentido de coletividade. Ser cotista e ter bolsa imputa em quase ser refém. A bolsa não dá conta de manter a gente viva, e a gente precisa se desdobrar em muitos personagens para poder dar conta de tudo que tem pra fazer. Para além disso tudo, tem esses mecanismos institucionais que são racistas. Para ter uma bolsa você não pode fazer mais nada ou você tem que fazer muito mais que os outros porque você é cotista”.

Em seus depoimentos, tanto Karol quanto GG Fakolade destacam uma problemática que vai além da ampliação do ingresso de minorias políticas: a construção de um universo acadêmico que garanta permanência, acolhimento e pertencimento. As cotas são o primeiro passo institucional para transformar a universidade e o curso, mas elas não são um fim em si mesmo. A diversidade segue sendo um desafio em outras frentes para além do ingresso. Para as egressas que trouxeram parte de suas trajetórias, outras vozes precisam ser ouvidas para que haja uma transformação social completa.

“Por sermos cotistas, a academia muitas vezes quer fazer uma amálgama. ‘Ahh, você fala por todos os cotistas, você fala pelo grupo que você representa’. Eu não falo pelos grupos que eu represento, porque eu sou uma pessoa. Eu não consigo ancorar toda uma complexidade de um discurso diverso. Mas eu acredito que colocar as pessoas em posição de destaque serve apenas para as pessoas que

estão realmente comprometidas em construir saberes, então é importante dizer que não se trata de uma fala indulgente”, pondera GG Fakolade.

Para Karol, a maior lacuna que a Comunicação Social tem para resolver a partir de agora são as demandas de acolhimento da pluralidade. “A gente ouviu coisas como ‘o nível da turma é diferente’. Isso não é inocente. Falta preparo e cuidado no trato com quem ingressa no mestrado. É a primeira vez que a gente vê um mestrado na Comunicação Social receber alunos tão diversos. É sempre muito importante e maravilhoso abrir o curso para pessoas negras, travestis, mas de que maneira se garante a permanência desses corpos e dessas vivências?”, finaliza.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

AZEVEDO, Simone Lima. Quando pretos pintam na Ufes, a universidade se pinta de preto: Reflexões sobre racismos e antirracismos institucionalizados. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

BRASIL, *Congresso Nacional*. Lei nº 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial, 2010.

BRASIL, *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2020.

BRASIL, *Congresso Nacional*. Lei nº 12.711/ 2012. Lei de Cotas, 2012.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COUTINHO, Arthur Lemos. Afirmção política e política afirmativa: cotas para negros na Universidade Federal do Espírito Santo. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018.

CAPÍTULO 5

Docentes em 50 anos do curso de Comunicação Social da Ufes

JESSY KOUMBA, 8º período de Jornalismo

PEDRO H. ALTAFIM, 8º período de Jornalismo

YARA GUIDINI, 8º período de Jornalismo

Este capítulo é dedicado a registrar a história e a contribuição dos docentes que marcaram e continuam marcando o curso de Comunicação Social da Ufes. Ao longo de meio século, professores efetivos, substitutos e visitantes formaram um corpo docente diverso, que fortaleceu o ensino, a pesquisa e a extensão, garantindo a vitalidade acadêmica do curso.

Nos diferentes momentos dessa trajetória, novos concursos e contratações trouxeram ao departamento profissionais que ampliaram as áreas de estudo e pesquisa, enquanto docentes substitutos e visitantes, em períodos distintos, asseguraram a continuidade das atividades.

Essas mudanças acompanharam o movimento natural do tempo: licenças, aposentadorias e reestruturações internas abriram espaço para que novos nomes se integrassem ao quadro, renovando e expandindo uma história já consolidada.

As experiências vividas pelos professores do curso de Comunicação Social da Ufes revelam diferentes olhares sobre a docência universitária, o processo de formação e as transformações do próprio campo da comunicação. Aos 50 anos, o Departamento de Comunicação Social conta com 27 professores efetivos, abarcando três graduações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e

Audiovisual), além de referenciar o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades.

O professor efetivo Fernando Manhães destaca: “Passei a maior parte da minha vida no curso de Comunicação Social da Ufes. Entrei como aluno em 1980, formei-me em 1984 e, cinco anos depois, voltei como professor. Dos 50 anos do curso, vivi 41 aqui”.

Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso destaca que “ter sido professora substituta do curso de Comunicação Social da Ufes foi uma experiência marcante e transformadora. O curso sempre foi, para mim, um espaço vivo, cheio de afeto, trocas e aprendizados. Fazer parte dessa história, ainda que por períodos breves, deixou marcas profundas na minha vida e reafirmou a certeza de que a universidade pública é um lugar de encontros transformadores”.

A trajetória dos docentes é, portanto, inseparável da história do curso. Cada ingresso representa não apenas a ocupação de uma vaga, mas a chegada de novas perspectivas, experiências e formas de pensar a comunicação. Os processos de seleção, concursos e avaliações refletem o caráter público da universidade, pautado pela transparência, pelo mérito e pelo compromisso com a qualidade acadêmica.

Celebrar os 50 anos do curso é, também, celebrar o papel de cada professor e professora que, em diferentes períodos, contribuiu para a formação de gerações de comunicadores. Ao reunir seus nomes e trajetórias, este capítulo reconhece que são eles, os docentes, os pilares que mantêm viva a missão coletiva de uma comunicação crítica, ética e socialmente engajada na Ufes.

Para apurar os nomes dos docentes, consultamos diferentes fontes, visando a produzir uma lista completa, mas ressaltamos que, num período de meio século e com diferentes formas de armazenamento de dados, pode haver lacunas, infelizmente.

Reunir os nomes dos professores que passaram pelo curso de Comunicação Social da Ufes ao longo de meio século é também revisitar a própria história do curso. Estão aqui, por ordem alfabética, sete docentes pioneiros (1975), 70 efetivos, 89 substitutos e 24 voluntários e visitantes – cerca de 180 – que, em diferentes momentos, contribuíram com o ensino, a pesquisa e a extensão, ajudando a formar gerações de profissionais – mais de três mil graduados – e a fortalecer o compromisso público e social da universidade.

Docentes 1975 – 2025

Pioneiros (1975)

Antônio Carlos Ortega
Antônio Coelho Sampaio
Domingos Freitas Filho
Euzi Rodrigues Moraes
Namyra Carlos de Souza
Nilo Martins da Cunha
Sibylla Baeske

Efetivos¹

Afonso Braga de Abreu e Silva
Alexandre Curtiss Alvarenga
Antônio Carlos de Oliveira Neves
Antônio David Protti
Arlete Silveira da Silva
Arlindo de Castro Filho
Arthur Felipe de Oliveira Fiel
Aurélio Jacques Batista
Bajonas Teixeira de Brito Junior
Beatriz Coelho da Silva
Carlos Eduardo Zanatta
Cicília Maria Krohling Peruzzo
Cláudio Renato Zapalá Rabelo
Cleber José Carminati
Daniel da Zanetti
Desirée Cipriano Rabelo
Elizabeth Rodrigues Santos Fagundes
Erildo dos Anjos
Erly Milton Vieira Junior
Fábio Díaz Camarneiro
Fábio Gomes Goveia
Fábio Luiz Malini de Lima
Flávia Mayer dos Santos Souza
Gabriel Menotti Miglio Pinto Gonring
Gabriela Santos Alves
Giovandro Marcus Ferreira
Gleicy Helena Coutinho da Silva

¹ Inclui professores contratados nos primórdios do curso. Em 1981, o Governo Federal efetivou os professores e o ingresso passou a ser por concurso público.

Hésio Alaor Pessali
Isabel Regina Augusto
Ismael Thompson Paula
Janaína Frechiani Lara Leite
Jane Mary de Abreu Marques
Jorge Arturo Villena Medrano
José Antonio Martinuzzo
José de Moraes Carvalho
José Edgard Rebouças
José Irmo Gonring
José Soares de Magalhães Filho
Juçara Gorski Brittes
Júlio César Martins da Silva
Juliana Hollerbach de Aguiar
Klaus'Berg Nippes Bragança
Lívia Silva de Souza
Luis Guimarães Monforte
Luis Paulo Maia
Luis Sérgio Galdi Ferreira
Luiz Fernando Manhães da Silva
Lygia Maria Perini Muniz
Maria Cidade Agra
Maria Dalva Ramaldes
Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira
Maria Nazareth Bis Pirola
Maurício Nogueira Tavares
Patrícia Cardoso D'Abreu
Patrícia Mollo Menandro
Paula Morgado C. Buaiz
Pedro Silva Marra
Rafael Bellan Rodrigues de Souza
Rafael da Silva Paes Henriques
Renato Viana Soares
Renata de Rezende Ribeiro
Ricardo R. Conde
Rosane Vasconcelos Zanotti
Ruth de Cássia dos Reis
Ruy Roberto Ramos
Sibyla Baeske
Sylvia Raquel Chiabai
Tania Mara Corrêa Ferreira
Victor Israel Gentilli
Xerxes Gusmão Neto

Substitutos

Ademir Ramos dos Santos
Alba Livia Tallon Bosi
Alexandre Damásio da Silva
Amanda Laís Pereira Noletto
Ana Karina de Carvalho Oliveira
Andréia Curry Carneiro
Aparecida de Paiva
Arthur Felipe de Oliveira Fiel
Bruno Saiter Zorzal
Cassiano Ferreira Simões
Cicilia Maria Krohling Peruzzo
Daniel da Caniçali Martins Pinto
Daniela Zanetti
Dário de Azevedo Nogueira Junior
Dirceu Gilberto Sarcinelli
Eliana Martins Marcolino
Elisa Aparecida Leite Quadros
Emerson Campos Gonçalves
Erly Milton Vieira Junior
Evandro Campos da Rocha
Fabiano Mazzini Bonisem
Fábio Gomes Goveia
Fabiola Zardini Ribeiro
Felipe Campo Dall'Orto
Felipe Maciel Tessarolo
Flávia Daniela Pereira Delgado
Flávia Magalhães Barroso
Gabriel Perrone Vianna
Guilherme Oliveira Curi
Herbert Pablo Bastos
Hervacy Brito
Hugo Leonardo Castilho dos Reis
Isabele Santos Eleotério
Janine Figueiredo de Souza Justen
João Carlos Simonetti Junior
Joel Soprani
Jorge Carlos Felz Ferreira
José Irmo Gonring
Júlia Almeida de Mello
Julio César de Oliveira Valentim
Juliana Hollerbach de Aguiar
Kátia de Lourdes Fraga

Karla Monteiro S. de M. Fonseca
Leandro Correa Queiroz
Leandro Silva Lopes
Leonardo Andrada de Mello
Letícia Nassar Matos Mesquita
Luís Enrique Cazani Júnior
Luziane Cristiane Coelho da Silveira
Lygia Maria Perini Muniz
Manuela Lopes Santos Neves
Manoela Pagotto Martins Nodari
Marcileni Forechi
Marcello Francisco Miranda
Marcelo Guimarães Castanheira
Marcio Telles da Silveira
Marialina Côgo Antolini
Maria Cristina Dadalto
Maria Helena de Almeida Macedo
Maria Lúcia da Silva
Mário Augusto da Silva Bonella
Nathalia Brunet Procópio da Silva
Otávio Kucht
Paulo Roberto Soldatelli da Silva
Rafael da Silva Paes Henriques
Renata de Rezende Ribeiro
Ricardo Néspoli Coutinho
Ricardo Eduardo Albert
Ricardo Luís Gomes
Ricardo Salles de Sá
Roberto Carlos Castelluber
Roberto Gomes de Sousa Filho
Rosemary Martins Duarte
Roberta Caldas Simões
Rodrigo Hipólito dos Santos
Rodrigo Rossoni
Rodrigo Scherrer
Rosana Mauro
Rose Mara Vidal de Souza
Sáskia Aparecida Maciel Lavinas de Moraes Correia de Sá
Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira
Teófilo Augusto da Silva
Vanei Nascimento da Cunha
Victor Reis Mazzei
Vilma Neres Bispo

Virgílio César de Mello Libardi
Virginia Jorge Silva Rodrigues
Yasmine Hofmann Rodrigues
Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso

Voluntários/Visitantes

Carlos Alberto Moreira Tourinho
Cinthia Ferreira
Eduardo Luiz de Oliveira Fonseca
Fabiola Zardini Ribeiro
Francisco Edilberto de Oliveira Filho
Gabriel Herkenhoff
Gabriela Silva Ribeiro
Getúlio da Costa Hilário
Guillermo Néstor Mastrini
Hérica Lene Oliveira
Ivana Esteves
Jobson Lemos
José Irmo Gonring
Letícia Orlandi Abrantes
Lia Scarton
Lohaine Jardim Barbosa
Luciano dos Reis Frizzera
Lucyano Ribeiro
Mauro Lúcio Nascimento
Nathalia C. Ceccon
Rafael de Angeli
Rose Vidal
Wagner Piassaroli Mantovaneli
Whilzilene dos Santos Gonçalves

CAPÍTULO 6

Diplomadas e diplomados em meio século

DANIELA RAMOS RIBEIRO

*Especialista em Comunicação Corporativa e Marketing Digital,
é formada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade
Federal do Espírito Santo (Ufes).*

*Soma 20 anos de experiência em comunicação institucional,
cultura e saúde. Atuou na realização de mais de mil concertos e coor-
denou a publicação de 15 livros enquanto assessora da Faculdade de
Música do Espírito Santo. Atualmente, é assessora
de entidades médicas e profissionais liberais*

O curso de Comunicação Social da Ufes foi criado para formar apenas 240 jornalistas e fechar as portas. Seriam apenas três vestibulares. Novas vagas, só com comprovada demanda e nova autorização do Ministério da Educação.

De Curso a Departamento de Comunicação Social, abrigando três graduações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual), já receberam o canudo nas colações de grau oficiais mais de três mil alunas e alunos. Estão aqui listados 3.043 graduados.

Este capítulo reúne, segundo dados repassados pela Pró-Reitoria de Graduação da Ufes, além daqueles compilados nos dois livros comemorativos anteriormente publicados (*Balzaquiano* e *Balzaquiano + 10*), os nomes desses personagens de uma história real que vem ajudando a formatar e feição capixaba nas últimas décadas.

A listagem foi organizada por ano/semestre da colação de grau/curso. Em função de diversificados tipos de registro, processamento e informatização de dados nos últimos 50 anos, a lista pode não estar completa, apesar de nossos esforços de apuração. Pela mesma razão, em alguns períodos não foi possível determinar o semestre da formatura nem o curso do graduando.

Necessário esclarecer que “*In Absentia*” diz respeito a alunos que não colaram grau com uma turma, tendo realizado esse ato legal à parte, em solicitação direta à Pró-Reitoria de Graduação. Muitos desses casos estão registrados neste capítulo.

TURMA 1978/01

Ângela Maria de Souza
Annie Cicatetelli dos Anjos
Antônio Alberto Redigueri
Antônio Baptista Filho
Antônio César Herkenhoff Vieira
Arnaldo Gonçalves Barros
Carmem Cecília Mendes Rodrigues
Clodomir Antônio Bertoldi
Edvaldo Euzébio dos Anjos
Francisco Carlos Gomes Velasco
Glecy Helena Coutinho da Silva
João Luís Caser
José Antônio Mansur
José Heraldo Costa Santos
José Irmo Gonring
Marcos Antônio Cade
Maria Christina de Moraes Carão
Maria Dalva Ramaldes
Maria José Ribeiro Novaes
Marlene Sueli Furtado Vianna
Nazareth Aguiar Pessanha
Rita de Cássia Bassetti de Abreu
Sílvia Terezinha Fardim
Stela Magda Coser

TURMA 1978/02

Adalberto Fialho Mota
Aldomar Roberto Ramos Brilhante
Andreza Gianordoli Pinto
Dilza da Silva Celin

Dinah Lopes
Elimar Guimarães
Élson Pereira da Silva
Jeane D'Arc Campelo Lima
Maria Helena de Almeida Silva
Maria da Penha Nunes da Rocha
Marya Dilurde Sebastianes Figueiraujo
Paulo Nogueira
Robson Fagundes Moreira da Silva
Salomé Souza da Silva
Sandra Beatriz Rosito Mercio
Sônia Pires Dias
Vanize Calmon Rodrigues

TURMA 1979/01

Abdo Chequer Bou-Habib
Ademir Ramos dos Santos
Álvaro José dos Santos Silva
Ana Cristina Ângelo Martins
Ângela Maria Izoton Vieira
Arister Rubim dos Santos
Cenira Cecília Berger
Elaine Maria Pena Vieira
Ismael Thompson Paula
Leila de Araújo Oliveira
Maria Inês Pavan
Maria Terezinha Bertollo
Marinete Coelho Pereira
Orlandina Dalapícola
Paulo Roberto de Abreu Vaz
Rita de Cássia Sarcinelli

Suzana Tatagiba Fundão
Tanit Figueiredo Souza Mario

TURMA 1979/02

Carlos Henrique Gobbi da Silva
Cássia Maria Lima Castro
Iolanda Pinheiro de Lima
Izilda Portela de Miranda
Márcio Castro Lobato
Maria Ângela de Oliveira Pellerano
Maria da Conceição Bordini Braga
Maria da Penha Santos
Maria do Carmo Souza Gonçalves
Maria Celeste Franceschi Espíndola
Maria Elisa Costa Pereira
Maria Madalena Cometti
Maria Teresa Mendes Athayde
Marisa Ghidetti Alvarenga
Rita Bridi
Rose Mary Louzada
Sandra Maria Wernersbach Cola
Selma Rodrigues Dias
Venilson Ferreira de Oliveira

COLAÇÃO DE GRAU ***“In Absentia” em 1979***

Joelson Peres Souza
Laurinho Goltara Lino
Lino Geraldo Resende

TURMA 1980/01

Ana Cristina Vieira Pompei
Antônio Fernando Salaroli
César Pandolpho Chaia
Elizabeth Maria Pelicão Romanha
Maria das Graças Goltara
Maria Genoveva Ileana B. de Assis Fonseca
Maria José Silveira da Silva
Maria Luíza Rocha
Marise Braga Machado
Marta Janeth Figueiredo
Nelsa Amaral da Silva
Nely Criste Wandekoken
Penha Maria Lyrio Athaydes
Rosemary Tedesco Tristão

TURMA 1980/02

Ana Lúcia de Rezende Ayub

Arlindo de Castro Filho
Carlos Roberto Orletti
Dório Antunes de Souza
Eliezer Vieira da Silva
Fernando Machado Ferreira
Francisca de Fátima Proba Soares
Jéferson Miranda
Júlio César Alves dos Santos
Layr Wander de Abreu Mafra
Márcia de Araújo Rangel
Márcia de Castro Louback
Marcos José Mendes
Maria de Fátima Côgo
Maria de Lourdes Silva
Maurilen de Paulo Cruz
Ricardo Hermeto Coelho
Rosângela Moço da Silva
Sílvia Rachel Chiabai
Suely Lievori do Rego
Vera Lúcia Coutinho dos Santos
Vitor Hugo Pires Nogueira
Wolfgang Schutt

COLAÇÃO DE GRAU ***“In Absentia” em 1980*** Vitor Alen G. Magalhães

TURMA 1981/01

Alda Cátia Lyrio Bernardes
Ana Lúcia Randow Silva
Arlindo Chagas
Claudia dos Santos Feliz
Eliane Rodrigues dos Santos
Eliza Maria Zagnade Oliveira
Jane Lourdes Vieira Fraga
Jonas Rosa dos Reis
Jurimar Denise Euzébio de Moraes
Luciana Santos
Luíza Pêgo de Palácios
Marcelo Ferreira da Silva
Maria de Fátima Cabral Perpétuo Soares
Maria Nazareth Duque
Maria Teresa Oliveira Abaurre
Marinalva Ramos
Mariza Curtolo Cavalcanti
Octávio Kucht
Oeliton Scopel Silva
Luiz Carlos Borges

Paulo Roberto Soldatelli da Silva
Rosângela Lorencini
Rosemary Martins Duarte
Sandra Regina Gomes de Souza
Wilson Carneiro Júnior

TURMA 1981/02

Adalberto Coutinho Rocha
Álvaro Muniz Neto
Antônio dos Santos Júnior
Denise Zandonadi
Elisa Lucinda Campos Gomes
Glicer Dúvel da Penha
Joaquim Luis de Freitas
Magna Maria Alvim Cardoso
Marcelene D'Ávila Saiter
Maria do Perpétuo Socorro Real P. Monteiro
Milair de Abreu Xavier
Rosana Santos Martins dos Santos
Sandra Maria de Aguiar

COLAÇÃO DE GRAU

“In Absentia” em 1981

Elio de Castro Paulino
Maria da Penha Lopes
Gilberto Rabelo
Elizabeth Maria Dalcomo Simão

TURMA 1982/01

Adilson Vilaça de Freitas
Alexander de Oliveira Fernandes
Andréa Maria Ferrari Baião
Christina Daher de Biase
Cláudia da Costa Honorato
Denise Pereira Eisenlohr
Ed Caiado Fraga
Gerusa Azevedo Rodrigues
Gilda Soares Miranda
Luciana Corrêa da Costa
Marisa Gomes Neves
Maria Edite Campi
Maria Tereza Paulino
Marília Gonçalves
Raquel Beatriz Costa Rocha
Ricardo Rosetti Conde
Sandra Virgínia Capelli de almeida
Solange Maria Forecchi
Tatiana Gianordoli Teixeira Gomes

Terezinha Allochio Zucoloto
Terezinha de Oliveira Calixte
Valdelina Maria Freitas Hemerly
Volgano da Rocha Júnior

TURMA 1982/02

Andréa Mesquita de Resende
Elizabeth Geralda Spinasse
Júlio César Alves dos Santos
Karla Rego Oliveira
Maria Alice Rangel

COLAÇÃO DE GRAU

“In Absentia” em 1982

Márcio do Vale Depes
Ângela Maria Perini Cuzzuol
Jussara Viana Carvalho
Míria Sandra da Costa
Sandra Medeiros Vieira Gomes
Vandira de Oliveira Santos
Carlso Magno Ribeiro de Godoy
Maria Alice Paoliello Lindenbergl
Ruth de Cássia dos Reis

TURMA 1983/01

Ademir Barcelos
Alcelon da Silva Amaral
Ducimaura Amorim Buarque
Kendali Feliz da Silva
Lecy Maria de Almeida Leandro
Maria Bernadete de Moraes Viana
Maria da Penha Martinelli
Rose Kelly Bermudes Moraes
Roseane Salvador Lobo
Rosiene Mattos Vieira
Viviane Machado Pavan

TURMA 1983/02

Almir Trancoso Vieira
Consuelo Dalla Bernardina
Eliane Alves de Mello Rezende
Ivonete Vilanova de Souza
Janete Gobbi
Maria da Penha Souza
Maria Teresa Lengruber Sesquim
Paulo César Sárria
Rita de Cássia Passamani
Ronaldo Roque Furlan

COLAÇÃO DE GRAU***“In Absentia” em 1983***

Kátia Maria Loureiro Silva

Essuêle Ramos Valadão

José Nicolau Dal-Col

TURMA 1984/01

Ana Emília Moraes Rettore

Ana Ilza Taquetti Margon

Ângela Guimarães Angius

Carlos Alberto Moreira Tourinho

Cássio Grillo

Débora Schwartz Soares

Giovandro Marcus Ferreira

Gisele Belesa Nascimento

José Carlos Garcia Cruz

José Carlos Mattedi

Marcella Menicucci

Margareth Cock Passoni

Maria Ângela Costa Siqueira

Maria Aparecida Barcelos Rangel

Maria Auxiliadora Silva de Oliveira

Maria Cristina Bravo de M. da Cruz

Maria da Penha Saviatto Borba

Maristella Moreira

Rita de Cássia Ferreira Passos

Rosa Maria Trevas Azevedo

Sueli Campo

Tânia Maria Bassetti de Abreu

TURMA 1984/02

Aldi Corradi Tristão

Aníbal José de Souza

Deumilson Brás Saneio

Dilma Maria Brioschi

Jorge Alencar Tavares de Freitas

Jorge Luiz Martins dos Santos

Jussara Fátima Benfica Neves

Leni Barbosa Guidine

Magda Teresa Sperandio

Marco Antonio Antolini

Marília Targueta

Paula de Fátima do Vale Afonso

Ubervalter Coimbra

Vera Lúcia Carlos

Walter Conde Filho

William Rangel Bandeira

COLAÇÃO DE GRAU***“In Absentia” em 1984***

Maria Rosilene Spalenza

Gláucia Cola Sarres

Fabiola dos Anjos

1985/01 - JORNALISMO

Ana Maria Magalhães

Anete de Oliveira Lacerda

Aureadene Maria Nunes

Carlos Délio da Silva Ferreira

Débora Cardoso Rubim

Fátima Negrelli de Campos

Jaqueline Salcides Gonçalves

Maria Cristina Dadalto

Maria Ocarlina Pontes Cardoso

Maria Uliana

Marta Cristina Sant’Anna

Míriam Stelzer

Raquel Rodrigues Ferreira

Renato Heitor Santoro Moreira

Sandra de Lima Andrade Santos

Sylvio Romero Corrêa da Costa

1985/02 - JORNALISMO

Adnalva Serafim Batista

Alcione Menezes Lobato

Clésio Marcos de Moraes

Cristina Leal D’Ávila

Edmara Barbosa dos Santos

Flávia Regina Dallapicola Teixeira Mignoni

Izabel Cristina Aarão Bastos

Jacqueline de Araújo Santos Vitória

José Antônio Sarcinelli

José Milton dos Santos Silva

Lenira Wanderley Rodrigues de Miranda

Lorena da Cruz Paterlini

Magda Maria Carvalho da Fonseca

Maria da Penha Falcão

Maria da Penha Tristão Calmon

Maria Emília Pelisson Manente

Maria Laura Renoldi Murad

Mônica Luz Leal Lima

Tânia Maria Trento

Tatiana Serra de Almeida

Viviane Campos Sarmento

1985/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Anselmo Luiz Ventorim
Júlio César Martins da Silva
Patrícia Dantas Silva
Talma Marsico Correia
Vânia Damasceno de Lima

**COLAÇÃO DE GRAU
“*In Absentia*” em 1985**

Luiz Fernando Manhães da Silva
Nilo José Rezende Tardin
Márcia Helena Iamonde
Mauro Paste
Rita de Cássia Lyrio
Guiomar Freitas Machado
Elizabet Nely Leite Praça
Elizabeth Moreira Dias
Friederich Brum Vieira

1986/01 - JORNALISMO

Andrew Chukwudi Emenekwum
Ângela Ottoni Teatini Salles
Dirceu Gilberto Sarcinelli
Elisabeth Orletti
Jorge Lellis Bomfim Medina
Julius César Carvalho da Silva
Lam Shuk Yee
Luciene Campos Rocha
Rita de Cássia Pereira Diascanio
Solange Cardoso Malta
Wagner Luiz Barbosa da Silveira

1986/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adriana Brumana Tótaró
Ana Lúcia Mascarenhas Bonfatti
Carlos Alberto Antolini
Cristiane Rizo Scandian
Emília Augusta Bicas Miranda
Honório Antônio Rebello D’Avilla
Letícia Maria Alvarenga Taveira
Margarete Endlich
Maria da Glória Palácio
Maria Paula Lugon Dall’Orto
Mária Lacerda Santos Neves
Nilda Miranda da Silva
Rita de Cássia Ventorim

Verônica Marchon Zago

1986/02 - JORNALISMO

Francisco José Noia Maciel
Giselle de Paiva Rodrigues
Luciani Nascimento
Márgia Chianca Mauro
Maria José Conti
Maria Valdívia Fernandes dos Santos
Marilda Gonçalves da Rocha
Vera Lúcia Caser

1986/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Andréa Lima São Mateus
Adriana Valadares Pessoa
Alair Caliarí
César Augusto Cruz Nogueira
Cláudia Cristina Pitanga Leite
Lia Mônica Delpupo
Luciene Behber Grigato
Wellington Nunes Jevaux

**COLAÇÃO DE GRAU
“*In Absentia*” em 1986**

Liliana Alves Francisco
Célia Soares Marques
Gilcéia Lima Gonçalves
Maria do Carmo Chiapano Souto
Rita de Cássia Paste (Rita Camata)
Rosane Volpini

1987/01 - JORNALISMO

Aurelice Aguiar Silva
Cláudio José de Mattos Rocha
Etelni Ferreira da Silva
Evandro Sérgio Ferrari
Jorge Rodrigues Buery
Maria Madalena Fernandes Caetano
Mário Sérgio Moreira
Moisés Ramalho
Ricardo da Silva Rodrigues
Soraia Bonicem Chiabai
Sérgio Ricardo Guizardi
Thelmo Scarpine de Andrade Almeida

1987/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Gercione José Rocha
Giovannini Fassina
Luciana de Oliveira Farias
Maria das Graças Silva
Maria Goreth Cadete
Maria Inês Moratori
Rosiani Furtado
Tânia Lúcia Barbosa Santos

1987/02 - JORNALISMO

Cecília Maria Crivilin
Elimar Guimarães Cortes
Fabiano Mazzini Bonisem
Fernando Schneider Künsch
Francisca Selidonha Pereira da Silva
Jane Stela Ferregueti
João Barreto da Fonseca
Joaquim Welley Martins
Joel Soprani
Leonel Vasconcelos Ximenes
Luciane Ventura da Silva
Lygia Maria Sarlo Wilken
Olívia Tereza Crisostomo Prates
Renata Andréa Barboza Forte
Rivone Francisco Roriz
Sayonara Henriques Calhau
Sílvio Antônio Bispo dos Santos

1987/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adriana Maciel da Silva
Andréa Lillyan Brozovic
Archimino Siqueira Mencher
Brígida Batista Alexandre
Cleide Ferreira de Freitas
Débora Cecília Dias
José Roberto Duarte Godoy
Luciana Andrade Haddad
Mônica Salgado Rocha
Rita Elvira Paste
Tatiana Silva Brioschi

**COLAÇÃO DE GRAU
“In Absentia” em 1987**

Guilherme Santos Neves Neto
Karla Fontana

Margarida Maria Ravara Monjardim
Maria Regina Nolasco
Paulo Sérgio dos Santos

1988/01 - JORNALISMO

Aída Bueno Bastos Evangelista
Ana Cristina Vieira Dockhorn
Ana Elvira Fermiano Meneguelli
Anilton Cândido Trancoso
Carlos Alberto Batista
Everson Martins Rodrigues
Flávio Sarlo
Gilvan Rodrigues Gonçalves
Giovana Fontanella
Hércules Mattos de Souza
Marco Antônio Faustini de Oliveira
Maria Auxiliadora Dalmásio
Maria Auxiliadora Gonçalves
Mariloize Ambrozim dos Santos
Nilcelene Verbeno Vargas
Nilza de Fátima Aguiar
Ricardo Luiz Gomes
Ricardo Salles de Sá
Rogéria Gomes
Tânia Márcia dos Santos Mariano
Waleska Merçon dos Santos

1988/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Deodato M. Ramos
Gladson Dalmonech Modesto
Jussara Moraes
Lorena da Cruz Paterlini
Marco Aurélio Moraes Rettore
Mônica Castilho Calmon
Roberto Gomes de Souza Filho

1988/02 - JORNALISMO

Adriana Julia Janon de Assis
Adriana Marcondes de Souza
Ana Paola Dessaune Carlos
Anderson Laranja Fragoso
Angèle Murad
Antônio Carlos Quinteiro Lopes
Danilo Corrêa da Fonseca Filho
Deuel Azolin da Silva
Edson Francisco do Rosário
Isabel Regina Augusto

Márcia Aparecida Rocha
Maria Tereza Ramos de Caldas Brito
Maria Verônica do Nascimento Gomes
Marília Eloá Poletti Dutra
Mônica Loureiro Jorge
Nelito Falcão da Silva
Rubem Luiz Côgo
Sinval Soares Paulino

**1988/02 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Eliziane Andrade Paiva
Judas Tadeu Bianconi
Mariângela Juarez Dib
Sérgio de Araújo Medeiros

**COLAÇÃO DE GRAU
“*In Absentia*” em 1988**

Andréia Curry Carneiro
Namy Chequer Bou-Habib Filho
Sofia Cristina Sant’Ana
Marli Moras Garcia
Roselani Bassini Frizzera
Roberto Vereza de Oliveira
Alexsandra Maria Almeida Ribeiro
Samir Há Tum de Almeida
Mônica Zorzanelli Costa

1989/01 - JORNALISMO

Ana Cristina Nascimento Givigi
Cileide Firme Zanotti
Cláudia Gregório
Darcy Werneck
Guilherme Klauss F. M. da Costa
José Cláudio Cruz Figueiredo
José Maria Trazzi
Kátia de Lourdes Fraga
Luiz Carlos Veiga Alves
Milton Sampaio Júnior
Patrícia de Souza Mosé
Petter Wíllyan Falcão da Silva
Rosângela Venturi

**1989/01 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Cassiano Ferreira Simões
Daisy Dellatorre
Denise Pazito Alves Francez

Eliane Ribeiro de Carvalho
Georgea Detoni Barroca

1989/02 - JORNALISMO

Alvarito Mendes Filho
Ana Margarette Martins Guimarães
Antônio Carlos de A. Barbieri
Carmen Nair Flor
Diana Bernardes Rocha
Lendreválter dos Santos Loyolla
Luís Carlos Damião
Marina Filetti
Marli Aparecida Malacarne
Oscar Ornar C. Delgado
Regina Célia Freitas e Silva
Ricardo W. Mignone
Robson Monteiro Teixeira
Rodrigo Nunes do Couto
Rosiani Agostini Vescovi
Solange da Silva Thuler
Wellington Nunes Jevaux

**1989/02 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Alcimar Guerra
Ângela Cristina Pereira Xavier
Celso Cláudio Busato Ávila
Denise Cristina dos Santos
Franz Silveira de Queiroz
Frederico Vescovi Leão
Maria Aparecida Q. de Araújo
Maria Cristina Cezar Gomes
Maria Inês Altoé
Rosana de Arruda
Silvana César Vargas

**COLAÇÃO DE GRAU
“*In Absentia*” em 1989**

Nilo Miguel M. Gomes
Sandra M. Freitas
Zémer N. R. de Andrade
Lenise Cheibub Costa
Marlúcia Salgado R. Mota

1990/01 - JORNALISMO

Adriana Ribeiro Pereira
Alaísia Cristina Schinaider Rigoni
Berilo Basílio dos S. Neto

Denise de Paula
Éden Rocha Salgado
Inês Simon Ferreira
Isabele Santos Eleotério
Ivana Esteves Passos
Jaqueline Ramalho Nogueira
José Edgard Rebouças
José Soares de Magalhães Filho
Jovana Mazioli Saccani
Lauricéa Alves Aparecida
Márcia Christina de Brito
Maria Amália de Rezende Fiorot
Maria Lúcia da Silva
Nágil da Penha Siqueira
Rafael Pigatti Filho
Tatiana Moraes Buticooky

1990/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Márcia Leal
Margô Devos Martin
Maria Emília Hermeto Coelho
Rosângela Bortot Lopes
Viviam Almeida Campos

1990/02 - JORNALISMO

Alelvi Carneiro de Andrade
Andreia Lara Tose
Aymée Sánchez Bitencourt
Gustavo Alves da Silva
Jeder Silveira J. Júnior
Marinete do Carmo Arcanjo
Soraya Cristina Wandekoken
Suzy Faria Gomes
Valéria Rocha Coelho

1990/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Cid Luiz Travaglia
Gyselle Ferreira Macedo
Hélio Carlos M. de P. Júnior
Ilvan C. de Oliveira Filho
Patrícia Ribeiro Junqueira
Roberta Dessaune Carlos
Sortevano Araújo Diniz
Vanessa Septimio Alves

COLAÇÃO DE GRAU “*In Absentia*” em 1990

Cléber José Carminati
Antônio Carlos Horta Moraes
Mareluz Celeste
Glória Prata Ferreira de Godoy
Vladimir Barbosa de Godoy
Izabela A. Monjardim Cavalcanti
Maria Marta Santana Santos
Paulo Sérgio de Souza
Denise Gonring

1991/01 - JORNALISMO

André Hees de Carvalho
Cláudia Cristina Belchior
Cláudia Malini Gaigher
Fabiana Santos Batista
Fabrício Rancalli Araújo
Jorge Carlos Felz Ferreira
Nety Façanha da Costa
Nuciclêa do R. B. dos Santos
Raquel Salaroli de Araújo
Rosa Adriana Oliveira Blackman
Sara Aguiar Gama
Silvana de Vargas Holzmeister
Sueli Checon de Freitas
Susana Loureiro M. de Castro
Valéria Mareia Roseiro
Vandique Torres Magalhães

1991/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Carlos Alberto S. Gama
Paulo César Nascimento

1991/02 - JORNALISMO

Almir Tristão Schuwartz Filho
Antônio Carlos Quinelato
Cláudia Rejane Soares
Elizabeth Caetano de Souza
Elzecly Sessa
José Divino Ferreira
José Miguel Herrera Allende
Lúcia Helena Rocha Gonçalves
Maria Helena Fabríz
Nair da Silva Martins
Renata Pinto Coelho Vello
Simone Barcellos da Silva

Síndia Rezende Castro
Tamara Rosa Abelha
Thereza Christina Abelha Vivacqua

1991/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adriana Acácio Chammas
Cíntia Coelho Dias
Gustavo Giordane de Almeida
Ulisses Louzada Mantovani

COLAÇÃO DE GRAU

“In Absentia” em 1991

Haveraldo Ferreira Vargas Júnior
Luciano Roberto Camatta Rangel
Mirian Estela Nogueira Tavares
Ana da Graças Lacorte
Alexandre Afonso Krusemark
Wesley Vieira Sathler

TURMA 1992

Ademar Salcides Pinheiro
Alexandre Henrique de Calais
Amanda Carla Bastos Goulart
Ana Claudia de O. Vianna
André Mantelli
Cilmar C. Franceschetto
Daniela de Abreu
Elise da Ros Malacarne
Emerson Cabral Peterle Souza
Enyaly Christian Poletti
Flavia Andrade de Araújo
Gilson Teixeira
Giovanna Faria dos Santos
Giselda Botelho Chacur
Helenilda Loubach Fernandes
Hudson da Cunha Moura
Janine Venancio Ribeiro
José Antonio Martinuzzo
José Cláudio Cruz Figueiredo
Luci Mayre Silva Lima
Lúcia Saad Moreira
Luciana do Amaral Gurgel
Luiz Roberto Campos da Cunha
Márcia Rita Bertoldi Motta
Maria Nazareth Bis Pirola
Neuvitor Mazoco
Patrícia Caretta Martins

Sandresa G. Cortes Carvalho
Selmo Cristo
Shirley de Oliveira Coelho
Vânia Meiry Trindade Santos
Wanda Lúcia Elias de Oliveira

COLAÇÃO DE GRAU

“In Absentia” em 1992

Beatriz Paoliello Lindenberg
Waldir Santana Sarmento
Marlécio Matos
Luiz Alberto Malta de Barros

TURMA 1993

Alexssander Corrêa R. de Souza
Anderson Chagas Neto
Andreia Afonso Zuqui
Andreia Delfino
Antônio Carlos Pasolini
Antônio Marcos F. de Souza
Bianca de A. Franco Corteletti
Carla Maria Osório de Aguiar
Cintia Roberta Bento Alves
Cristina Rodrigues Mendonça
Dan Emerson Z. Sampaio
Denis Tocafundo
Edmar Lucas do Amaral Júnior
Fabiano Souza Gonçalves
Fernanda de Queiroz Castro
Fernanda Horacio Hertel
Fernando Wagno de O. Goes
Gustavo Silva Dias
Iluska Maria da Silva Coutinho
Júlio César Campanha Lorenzoni
Leandra Carla M. dos Santos
Lena Márcia Brandão
Luciana Tonon Barbosa
Luiz Cláudio K. do Nascimento
Marcos Ribeiro Santos
Mirela Adams Canosa
Patrícia Del Piero de Almeida
Rejane Gandine Fialho
Roberto Carlos Castelluber
Roberto Teixeira dos Santos
Rogério Mansur Ferreira
Rosane da Cunha Freitas
Saskia A. M. L. de Moraes C. de Sá
Saulo Simonassi Torres

Sérgio Moreira Ferreira
Vanessa Melo Torres

COLAÇÃO DE GRAU

“In Absentia” em 1993

Viviane Silva Pianna
Luiz Cláudio Kelly do Nascimento

TURMA 1994

Adriana Ferreira Pedreira
Alessandra Martins de Souza
Ana Lúcia Negri de Almeida
André Luiz Rego Oliveira
Áurea Cristina da Silva
Cândido Ferreira de Souza Júnior
Carla Aparecida F. de Souza
Eduardo Ortega Tavares
Elizabeth Nader Simões
Ernandes Zanon Guimarães
Geisa Rodrigues Leite da Silva
Gisele Servare dos Santos
Giseli Roberts Vargas
Giuliane Maria Calvi
Josenildo Luiz Guerra
Louise Alves Machado
Lucyano Jesus Ribeiro
Paula de Miranda Portella
Paulo Eduardo Bezerra Rios
Rita de Cássia Xavier Chebabe
Roberta Ribeiro
Sandra Mara Daniel
Sílvia Zanotti Gobbo
Simony Leite Siqueira
Sussen Gazal Queiroz
Tatiana Mota Sodré
Vilmara Ramos Fernandes

TURMA 1995

Adolfo Miranda Oleare
Adriana Andrade Vello
Adriana Júlio do Carmo
Adriani Raymundo
Alcione Vazzoler
Ana Izabel Lacourt Costa
Ana Maria Masuki
Andréa Lisboa Piraja
Carla Rita A. C. de Barcellos
Carlos Eduardo L. Guimarães

Cátia Leal Daros
Cíntia Coelho Dias
Claudia Buzzette
Cláudia R. Fim Camporez
Cláudia Rodrigues Vianna
Clotildes Machado Costa
Cynthia Gontijo Dessaune
Edilson de Oliveira Lenk
Eduardo Caliman Rangel
Elaine de Franca Marcena
Elen Cristina Queiroz
Elvany Ferreira Lopes
Evandro Campos da Rosa
Fabiana Rauta Pizzani
Fernando Cavalcante Rocha
Flávia Daniela Pereira Delgado
Flávia Rodrigues Tristão
Francisco José Noia Maciel
Giovana Antunes Franca
Giovana Madureira Rangel
Ivanilson Frazão Tolentino
Janaína Frechiani Lara Leite
Janice de Freitas Delunardo
João Carlos Simonetti Júnior
Júlia Duarte de Souza
Levy Pretti Filho
Luciana Vieira
Luciano Villaschi Chibib
Lúcio César Loyola
Luiz Carlos da Silva
Márcia Regina Branki
Marcilene Forechi
Marcus Valério de O. Trancoso
Maria Aparecida T. Abreu
Marilene Lemos Mattos
Mauro Paste
Paulo Henrique A. Pelissari
Ranieri da Silva Aguiar
Renato Zacche
Rodrigo Pimenta Moraes
Rosane Vasconcelos Zanotti
Rosiane Aparecida Victor
Sandro Roberto Rocha
Sérgio Carvalho de Lírio
Taiz Monteiro Borges
Tânia Pereira de Aguiar
Tarcísio Emilio e Lins Costa
Vanessa Maia Barbosa de Paiva

Vanessa Vilarinho Moraes
Vera Lúcia Tose

TURMA 1996

Alexandra A. de Figueiredo
Alexandre Caetano
Aline Alvarenga Nunes
Ana Paula Novaes da Silva
Andréa Nacari Maioli
Andréa Nogueira Batalha
Andressa Rebonato de Sousa
Beatriz Schwartz Borges
Christianne Leal Santos
Claudney Pessoa Teixeira
Cornélia Rodrigues de Medeiros
Daniela Meneghelli
Denya Pandolfi A. da Conceição
Elda Vassimon Ferreira Jorge
Fabrício Araújo Faustini
Fabrício Taufner Corrêa
Fernanda Baracho Rodrigues
Francisco Feu Nascimento
Frederico Mendes Hudson
Gisela H. Tápias Bissoli
Hellen Silva de Paula
Jeanine Gonçalves Pimentel
Jorge Dorval Espejo
José de Andrade Supupira Filho
Joviana Venturini Pinto
Juliana Gasparini Cardoso
Juranda Alegro e Gomes
Letícia Cola Cariello
Liana Vidigal Rocha
Lilia de Souza Barros
Luciana Almeida Cardoso
Luciana Canuto de Faria
Luciana Teles Moura
Luiz Mario Dutra
Magda Júlio Zamprognio
Mara Cristina Gasparini
Mara Helena Leite Avanza
Marcio José Pella
Michele Gonçalves Carasso
Nara Silva Campo Dall Orto
Neusely Fernandes da Silva
Odilon Paes Siqueira
Raquel Pessanha Orlandi
Roberta Coutinho Chagas

Roberto Riccio
Robson Richa
Rodrigo Alves da Silva
Rosilane Oliveira Costa Braga
Sandro Costa Barbosa
Vanessa Almeida Schmidt
Vanessa Braun
Vanessa Drumond da Costa
Victorine Anne Argollo Leão
Wladja Moreira Vervloet

TURMA 1997

Alcione Coutinho Carvalho
Alessandra Bertolani e Santo
Alexandre Pinto Affonso
Alexsander Pandini
Almir Santana Soares Neto
Ana Claudia S. Nascimento
André Passamani dos Santos
Andrea Rodrigues
Andreia Pegoretti
Bianca Faccini
Daniela Zanetti
Elaine de Lima Castro
Evandro Lopes Costalonga
Flávia Mayer dos Santos Souza
Gabriela de Souza Bonella
Gabriela Mochel Piccolo
Germano José Peçanha da Silva
Geysa Machado Guarconi
Giovani Soares Bonela
Giovanni Tadeu Albino
Gláucio Rodrigues Motta
Helena Maria Santos Rodrigues
Herica Lene Oliveira Brito
Humberto Cláudio da S. Campos
Jadyr Moraes Júnior
Janaína Torres Lessa
Jean Calmon Modenesi
Jefferson Luiz da Trindade
José Augusto de Castro
José Maria N. de Farias
José Renato Rodrigues
José Roberto Santos Neves
José Wallace dos Santos Brandão
Juan Carlos Gera de Barros
Karina Borgo da Silva
Karine Oliveira Neves

Leandro Corrêa Queiroz
 Luciana Volpato Dorigueto
 Luciene Gonçalves da Silva
 Maggie May Marques Guimarães
 Maria Carmen P. de B. Nogueira
 Marise Brostel Corrêa
 Maristhela B. de Oliveira
 Marlon Neiva Loures Gonçalves
 Marlon Sandro Ferrari Pagoto
 Marluse Vazzoler
 Matheus Cezare Nascimento
 Matheus Rodrigues Rody
 Mônica Santos Azevedo
 Nides Alves de Freitas
 Ozenildes Alves Rodrigues
 Priscylla de Angeli Moreira
 Rachel Martins
 Rafael Fundão Maioli
 Rodrigo Machado Prado
 Rodrigo Rossoni
 Rosiane Barcelos de Oliveira
 Sandra Helena Pacheco Silva
 Sandra Mara de Castro Alves
 Sandro Márcio Fuzatto
 Sandro Silva Martins
 Sayonara Nunes Pereira
 Silvana Mara Ribeiro
 Simone Carão Lucas
 Sthefania Mara Rodrigues da Penha
 Terezinha Jovita Coelho

TURMA 1998

Ademir Pereira da Cruz Júnior
 Adriana Menezes
 Alba Lívia Tallon Bozi
 Albertino Borges C. dos Santos
 Alessandra Bruno de Assis
 Alessandra Peroni
 Alessandra Rodrigues
 Alexandre Damázio da Silva
 Alexandre de Jesus Serafini
 Ana Paula Costa Mill
 Ana Paula da Silva Bonella
 Ana Paula Lopes Alcântara
 Anderson Antônio Andreato
 Anderson Gonçalves
 Andreia da Silva Lopes
 Andrezza Kamille Régis

Breno Areas Moraes
 Bruno Martins Ribeiro Bastos
 Carine da Silva Cardoso
 Caroline Baptista Polese
 Cristyan Karla Nogueira Leal
 Débora Magna Vicentini
 Deyvison Longui Batista
 Edna Fadlalah Bernardo
 Elisa Aparecida Leite Quadros
 Erika Fabiana Almenara Silva
 Fabiana Moreira Junquillo
 Fabíola Giuberti Bergi
 Federico Nicolai M. Teixeira
 Fernanda Barreto de Prá
 Fernanda Bechara Castilho
 Flávia da Silva Fernandes
 Flávio Henrique Moreira Barros
 Franz de Lima Machado
 Gabriel de Freitas Frizzera
 Giovana Rafael a B. de Rezende
 Gleice Matos Bueno
 Handerson da Silva Siqueira
 Ingrid Schwartz Dias Duarte
 Jobson Lemos Batista
 Kátia Cristina Moreira
 Kelly Ramos Espicalsky
 Kênia Pinto Horsts
 Leila Coimbra de Souza
 Leonardo Ribeiro de Oliveira
 Leonelle Lamas Silva
 Leonêncio Nossa Júnior
 Luciana Barbosa Regattieri
 Luciana Bricio
 Luciana Miranda Lima Barcelos
 Ludmila Rigo de Mendonça
 Luiz Alexandre Lellis Mees
 Luiz Gastão de Andrade Freitas Pacheco
 Marcela Lopes Ferreira
 Marcelo Pereira da Vitoria
 Marcelo Silva dos Santos
 Maria Paula Venturim Cosate
 Mariana Cabral Nogueira de Sá
 Monia Eller
 Naira Almeida Scardua
 Nara Falqueto Caliman
 Nataly de Souza Lucas Ribeiro
 Raquel Lucena Paiva
 Renata Barros Souza

Renata Rasseli Zanete
Renato Pereira da Costa Neto
Rennée Emiliane B. da Silva
Ricardo Bromerschenkel
Sidney de Freitas
Silvanna Borges de Sousa
Tárcia Fernanda Cora Rocha
Tatiana Martinelli Loureiro
Ulla Milla Lopes Iacono
Valéria Cristina de Sousa
Victor Reis Mazzei
Vinícius João R. de C. Jorge
Viviam Cutrim
Weber Kirmse Caldas

TURMA 1999

Adriano Trigo Lopes
Alessandra Fornazier
Alessandra Martins Toledo
Álvaro de Vargas Ferreira Filho
Ana Laura Nahas
Ana Paula Garcia Barros
Ana Paula Rodrigues Morais
Anapaula Folha Simões
André Luiz Morena da Gama
Andréa Alves Moreira
Andrea de Araújo Pena
Aracely Aparecida Cometti
Camila Krohling Colnago
Carlos José Ribeiro Magre
Carolina de Carvalho Veiga
Christiane Valeria M. Rodrigues
Claudia Andrade Judice
Claudia Moreira Rangel
Cláudio Renato Zapalá Rabelo
Cristiane Simões Ferraz
Denise Consuelo A. dos Santos
Denise Gonring
Edson das Chagas Júnior
Eduardo Marques Porto Sá Pinto
Eduardo Vieira Rabelo
Elaine Cristina Ferreira da Silva
Emmanuelle Gama Tessinari
Erly Milton Vieira Junior
Evaldo Salera Faria
Fernanda Casagrande Martineli
Fernanda Porcaro
Fernanda Rasseli Pretti

Fernando Cezar Gonçalves Laranja
Franciane Barbosa
Frederico Gímenes Leal Silva
Gisselle Zordan de Carvalho
Guilherme Espíndula da Rocha
Gustavo de Oliveira Mendonça
Gustavo do Carmo Tristão
Gustavo Pontes Barreira
Hélio Roberto do Nascimento
Hervacy Brito
Jacques Douglas Mota
João Carlos Cristo Coutinho
Joelma de Riz
Jorge Porcaro
Joubert Jorge Jaccoud Junior
Juliana Vieira Motta
Júlio César de Oliveira Valentim
Jussara da Silva Baptista
Kamile de Almeida Guariento
Karina Guimarães dos Santos
Karina Heid Rocha
Katuscia Rocha Wilcki
Kelly Matosinhos Cardoso
Leonardo José Gomes Kolaga
Lúcia Aparecida Paraíso Carvalho
Luciana Cristina Pereira
Luciana de Oliveira Colodete
Luis Augusto Tauffer Filho
Luis Fernando Taylor de Carvalho
Maira do Vale Machado
Manuela Bremer Severo
Manuela Ferreira Nunes Pereira
Marcela Pimenta Pavan
Marcela Tessarolo Bastos
Márcia Monteiro Rocha
Marcos Ferreira Santos
Marta Moreira
Martha Bonadiman Abrão
Maurício Barbosa e Castro
Mauro Fábio Monteiro Vilela
Michelly Lauer Fernandes
Monia Lavra Vignati
Mônica Cavarra Bortolon
Nelson Soares Pereira Júnior
Neusa Cristina Vinc Boldt Berger
Palova Souza Brito
Patrícia Becalli Salume
Paulo Roberto da S. de Souza

Paulo Roberto Silva Volpato
Plínio Uhl Vieira
Renato Simões Pimentel Avelar
Ricardo Eduardo Albert
Roberta Pechinho
Robson Santos Barros
Rúbia Kelly Dela-Fonte Durval
Sérgio Denicoli dos Santos
Sizue de Freitas Itho
Thaiz Queiroz Sabbagh
Valeria Calmon Soeiro Semeraro
Vanessa F. Espírito Santo
Yasmine Hofmann Rodrigues
Zeliane Sacramento de Oliveira

TURMA 2000

Alessandra Dopazo Gomes da Silva
Alessandra Secchin Marques
Alessandro Vinícius Duque Mota
Alexandro Celestino Xavier de Souza
Alexsandro de Oliveira Pereira
Aline Rezende de Almeida Lima
Ana Cristina Murta
Andressa Dambroz Lirio
Camila de Melo Baptista
Camila Malacarne de Souza
Carlos Manoel Benedito Vasconcelos
Caroline Rossi Tardin
Claudia Nicoli Bergamin
Cristiano Amigo Vidal
Cynthia Brandão da Costa
Daniel Rodolfo Tristão
Daniele Tõnoni Bolonha
Daniella Ardito Sanchez
Délio Freire Rocha
Diego de Resende Paredes
Edson Fernando Dalmonte
Edson Pereira dos Santos Júnior
Eliete Alves Nascimento
Elisa Junko Fujii
Érico Miranda Coutinho
Fabio Gomes Goveia
Fábio Luiz Malini de Lima
Fernanda Couzemenco Ferreira
Fernanda Guimarães de Albuquerque
Fernanda Portela Alves
Fernanda Zoboli Dalmácio
Flávia Coutinho Rodriguez

Flávia Meneguelli Ribeiro
Flávio Sarcinelli Neves
Gabriela Egito Soares
Geórgia Nader Fafa
Gilberto Marques Martins
Gleberson Coutinho do Nascimento
Gustavo Tenório Pinheiro
Jair Rodrigues Altoé Filho
Janaína de Assis Barbosa
Joel Vieira Júnior
Josy Anne dos Santos Mariano
Julieta Magda Rodrigues Leonor
Karine Nobre Bragio
Karyna Amorim Gonçalves
Kathia Natalie Gomes
Katia Maria Corrêa de Carli Ramos
Larissa Beatriz Lamego
Larissa Regina Machado e Silva
Luciana de Assis Gama
Luciana Faria Raymundo
Ludmila de Carvalho Ferreira
Luis Paulo de Sá Barboza Pereira
Luiz Gustavo Cheluje
Maita Ferreira Silva
Manoela Vieira de Carvalho
Marcela Bergamine Lodi
Marcelo Domingos dos Santos
Márcio Machado Martins
Marcius Gomes Cardoso
Marina Claudia Cunha
Mario Augusto da Silva Bonella
Marisol Salles Barbosa
Melissa Bravin Setúbal
Michelle de Almeida Bissoli
Paula Mattos Araújo
Paula Rubia Lubiana Lacerda
Pedro Bullos Ilmenroeder
Radanezi Marcelo Figueira de Amorim
Renata Germello de Almeida
Renato Gonçalves Vieira Filho
Rodrigo Alves de Araújo
Rodrigo Linhales
Rodrigo Rosa Miranda
Ronaldo Luiz Cassunde
Sandro Campanha Scardini
Solange Barros de Alcântara
Taísa Alves Quadros
Tatiana Gava Presoti

Thaiz Vieira Moraes
Tiago Nogueira Felsky
Urbano Barros Pereira
Virgínia Jorge Silva Rodrigues
Wolmyr Aimberê Alcântara Filho

TURMA 2001

Adriana Piazzarollo
Adriana Souza Ribeiro
Amanda Miranda de Melo
Ana Paula Herzog Simões
Ane Araújo Ramaldes
Augusto Drumond Moraes
Augusto Fernandes Lemos
Bruno Athayde Soares
Bruno Fae
Carolina Teixeira Ribeiro
Caroline Rodrigues Ferreira
Célia Cristina Vellozo
Conrado Tadeu Melo Piccin
Cristiane Altoé Carvalhido
Daniel Galvão Simões
Danielle Claudino de Freitas
Danielly de Souza Campos
Danielly Pereira da Silva Medeiros
Dulciane Florêncio Vieira
Eliana Lopes Teixeira
Elisa Rocha Rangel
Elisângela Bello Pereira
Érika Souza Campagnaro
Evelyn Trindade da Silva
Fabiana Kristina Franzini Chagas Barros
Fabiana Tostes de Souza
Fábio Baeta Nassif Moreira
Fernando Machado Júnior
Flávia Reis Renon
Flávio Dias Junqueira
Frederico Waehneltd Nunan
Gicelly Aparecida D. Oliveira
Giselle Costa Belinossi
Gláucia Regina Loriato do Nascimento
Gustavo Feu de Freitas
Gustavo Franchiani de Oliveira
Gustavo Pinto Herkenhoff
Hedder Bollivar de Freitas
Hélio Henrique Marchioni
Henrique Hamerski
Herhert Pablo Bastos

Ingrid Bastos Pagani
Jânio Luiz Malacarne
Jaqueline Daumas Felix
João Gabriel Albani
João Manoel Del Antonio Cajueiro
Jorge Moyses Monteiro
Jovana Moreira da Conceição
Júlia Gava Tedesco
Juliana Andrade Audi
Juliana Araújo Baptista
Leandro Neiva Loures Gonçalves
Leonardo Silva e Leite
Letícia Aquino Steinkopf
Letícia Baptista Polese
Letícia Barbosa Nóbrega
Letícia Vanzo
Lívia Coelho Gonçalves
Loureta do Nascimento Samora
Luciana Bicalho Pereira
Luciana Guerra Arantes
Luciana Prata Borges
Luciano Baitella de Oliveira
Luciano Santos Nascimento
Luziane Cristine C. da Silveira
Maira Pires Cabral Piccin
Maira Pizetta Dias
Manaira Frota de Abreu
Manuela Bergamim de Oliveira
Mara Lúcia Lira
Marcella Silva de Andrade Sucupira
Marcus Augusto Bernardes Barbosa
Mariana Rivero Araújo Silva
Mariana Siqueira Campos
Mauro Lúcio Nascimento
Melissa Barbosa Peixoto
Nadia Caus de Souza
Nathalia Torezani Silva
Neyla Tardin
Noelma Polesi da Silva
Paula Fernando Duarte
Paula Vieira Moura
Pedro Paulo Flores Marques
Priscila do Nascimento Alves
Rafaela Sibien Marquezini
Raquel Cotta D'Avila
Raquel Massete Trevezan
Renata Alves de Oliveira
Renata de Rezende Ribeiro

Renata Lopes do Nascimento
 Renata Martins Nascimento
 Renata Saavedra Castro
 Renato Liberato
 Rodrigo Gerhardt
 Rodrigo Rangel Costa
 Samira Maria Ferreira Pinto
 Sandra Márcia Xavier Tavares
 Silvio José de Alencar
 Simone Aparecida Devens
 Suzana Capute Toscano
 Tadeu Harckbart
 Taiane Luz Bouhou
 Tatiana Esteves Rabelo
 Tatiana Hofacker Wu
 Tatiane Loureiro Godinho
 Tiago Pinheiro Teixeira
 Valesca Silva de Monteiro
 Vandique Santos de Souza
 Vaney Nascimento da Cunha

TURMA 2002

Ademar Possebom Pessini Junior
 Alessandro Bastos Barboza
 Andressa da Silva Freitas Branco
 Andrey Junca Gonçalves
 Aracele Lopes Mesquita
 Belchior Monteiro Lima Neto
 Brauna Vilaça Conti
 Bruno Cola Greggio
 Bruno Marreco Weigert
 Bruno Saiter Zorzal
 Camila Bezerra de Carvalho
 Caroline de Marchi Pignaton
 Clauher Santos Guterres
 Cynthia Moraes Santos
 Danielle Frinhani dos Santos
 Darcy Anderson Daltio
 Érica Cristina Lage da Silva
 Evandro Denzin
 Fabiano Junior Coelho Moreno
 Fábio Gomes
 Fábio Martineli
 Fabrício Brandão Arnorim Oliveira
 Fernanda de Oliveira Koehlert
 Fernanda Oliveira Brunoro
 Fernando Gasparini
 Flaviano Caetano Pereira das Posses

Gracielli Duarte Teixeira
 Ingrid Cristina Ferreira
 Janaina Serra da Costa
 João Manuel Comério Vieira
 Joelson Silva Ribeiro
 José Alves de Almeida Sobrinho
 José Carlos Braz Machado Ramos
 José Cláudio Tavares de Arruda
 Juliana Silva Prado
 Karla Milene Barcelos Lima
 Karla Monteiro Sanches de Moraes
 Kate Amélia Carregosa Parker
 Leonardo Coutinho Pereira
 Leonardo Santos e Silva
 Letícia Canceglieri Lamberti
 Liandra Zanette Tavares
 Liliane Moreira Ramos
 Lizandro Nunes Machado
 Luciana Marquesini Mongim
 Maira Mansur Martinello
 Manuella Siqueira Romeiro
 Marcello Francisco Miranda
 Marcelo Ferreira Braga
 Márcio Fernandes Merlo
 Marcos Antônio Sacramento de Oliveira
 Martha A. Sarmento Cavalcanti
 Melissa Luchi
 Melissa Stelzer de Figueiredo
 Pablo de Castro Araújo
 Paola Pinheiro Bernardi
 Patrick Muniz Reis
 Paula Denti Adnet
 Pedro Mario de Augusto Costa
 Rafael Gama e Dasilio
 Rafael Tuguio Almenara Andaku
 Reia Sílvia Gonçalves Pereira
 Renata Oliveira Lacerda
 Ricardo José de Souza
 Rodrigo Daher Ferreira Sales
 Rodrigo Neppel Coutinho
 Sheila Machado Gomes
 Sophia Eugenia Arruda B. Soares Brandão
 Thais Cristine Krischer
 Valesca Endringer Paiva
 Vanessa de Moraes Ribeiro
 Victor Perin Ribeiro

TURMA 2003

Ana Paula Miranda Costa
Christina Helida do Nascimento
Daniela Caniçali Martins Pinto
Danielly dos Santos Magioni
Denise Gomes Klein
Evie Ferreira Costa Negro
Fabrícia Kirmse Caldas
Gabriel Menotti Miglio Pinto Gonring
Gabriela Rolke
Gilliard Zuque da Fonseca
Gisele Arantes Valladão de Azeredo
Iara Xavier Carvalho Silva
Isabela Sampaio Nucci
Joanna Mucelli Ferrari
Luciana do Couto Ferreira
Luciane Fassarella Agnez
Luiziana Flavia Moraes do Carmo
Maxieni Muniz de Souza
Olivian Carlesso Trassi
Paula Grilo Lima
Paula Stange Rosi
Patrick Preato
Rafael da Silva Paes Henriques
Rubia Marchetti Trevizani
Tarcísia Zavarize Minette
Thiago Zanetti de Barros
Vera Entringer Ferraço
Viviane Veronez

2004/01 – JORNALISMO

Ana Paula Pimenta Santanna
Anderson Cacilhas Santiago
Andre Lopes Taquetti
Barbara Deps Bonato
Betania dos Santos Cordeiro
Ednalva Silva de Andrade
Fabiola Zardini Ribeiro
Fernando Machado Tonani
Geraldo Nascimento Ramos
Jaqueline de Oliveira Vianna
Marcela Bof Colombi
Mirella Paes Barreto Lima
Renato Firme Loose
Rodrigo Scherrer
Rubia Marchetti Trevizani
Stephanie Rita de Oliveira
Thais Mello de Souza

Wilson Pecanha Igreja Campos

2004/01 – PUBLICIDADE E

PROPAGANDA

Andre Varnier Balarini
Raphael Fernando C Rocha Pinhati
Victor Machado Scherrer

2004/02 – JORNALISMO

Adriana Cavachini Nobre
Alexandre Verbeno Vargas
Almir Thiago Casagrande Pagotte
Evelize Bosio Calmon
Fabiana Aparecida da Conceição
Fabiola dos Santos
Fabricio Ribeiro Pimenta
Flavio Silva Goncalves
Gisele Eustaquio Ferreira
Glaucia Maria de Assis Ramos
Helia Joseph Anestino
Joana Angelica Pellerano
Luciano Coelho Charles Gomes
Luciene Pereira Da Silva
Luiza Sylvan Ferri
Marcus Campagnaro Martins Dos Santos
Marina Duarte Castro
Martha Cristina Caus Simoes
Orestes de Locatel Moreira
Rodrigo Binotti Salucci
Samira de Moraes de Barros
Simone Barbosa da Silva
Thalles Tadeu Brunello Zaban
Vinicius Goncalves Langa

2004/02 – PUBLICIDADE E

PROPAGANDA

Carlos Vagner Bissoli
Danubia Rocha da Silva
Elias Antonio Barboza Polcheira
Gilbia Santos Portela
Guidson Gomes Renoldi
Larisse Correa Costa da Silva
Lorena Milaneze Altoe Bastos
Luciana Faria Silva
Marcilu Sandrina Da Cunha Rodrigues
Mariana Freitas Salomão
Michela Gasparini Santiago

Priscila Bermudes Coradi
Renata Braga Oliveira
Reney Prates Nery
Thiago Moulin Ribeiro
Veridiana Bortolini

2005/01 - JORNALISMO

Ana Claudia Silva Mielki
Andressa Azevedo De Souza
Camila Menezes Torres
Cinthia Ferreira de Souza
Felipe Rebuli Procopio
Fernando Carlos Graf
Helena Santos Souza
Jacson Jose Maria Segundo
Jorge Luiz Stein Lamas
Karina Dal Col Vieira
Marcelia Alves Pieper
Marcelle Altoé Duarte
Marialina Cogo Antolini
Maurilio Mendonça de Avellar Gomes
Priscila Nivea Leite Cavalcante
Roberta Nunes Andrião
Rosana Penha Figueiredo Soares
Wallace Capucho Cardoso

2005/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alexandre de Pinho Uliana
Daniella Escocard de Pádua
Flavio de Freitas Barreto
Franciano Fiorese
Gabriel Costa Labanca
Giovanna da Silva Provedel
Juliano Borgo Aguiar
Keila Correa Gomes do Nascimento
Klaus'Berg Nippes Bragança
Liliane Brunoro Barroso
Louis Serges Veltem Debbane
Ludmila Dias Magro
Natalia Fracalossi
Rafael da Costa Garcia
Raquel Falqueto Caliman
Renata Barbosa da Silva
Renatha Marques de Souza
Ricardo D'Andrea
Rogerio Magalhães Coutinho
Stela Mara Soares do Amaral

Wanessa Lins Borges Azevedo

2005/02 - JORNALISMO

Alexandre Bonadiman Galvéas
Amanda Joyce Almeida Negreiros
Andressa Couto Zanandrea Nunes
Camila Uliana Donna
Cimara Ribeiro Pinheiro
Cynthia Mara Silva
Fernanda Neves Gomes
Franciani Bernardes
Gabriela Battisti Knoblauch
Guilherme Valentim Nunes Machado
Hellen Kaniski Bodart
Henrique Alves
Luciano dos Reis Frizzera
Samia Alves Pedraça
Vinicius de Andrade Mansur

2005/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adriana Calmon Drummond Amorim
Alexandra Maria Santana
Alexandre Rizzi Bernabé
Arthur Ruy de Brio
Fernanda Vassoler Silva
Flavio de Almeida Santos
Jose Junior de Almeida
Liliane Brunoro Barroso
Louise Bragatto Trazzi Ribas
Luis Carlos Ayres Fonseca
Magda Lena Caliar
Marcia Baroni Nader Costa
Maxwell de Oliveira Lopes
Paulo Bolzan Lindoso
Rafaela Secato Dalcumune
Vinicius Baptista de Souza

2006/01 - JORNALISMO

Almir Alves Barbosa da Cruz
Brunelli Casali Duarte
Bruno Marques
Claudia Silva Lopes
Elaine Vieira
Fabio Correa Botacin
Fabrícia Borges Ruy
Felicía Borges Ruy
Fernanda Farina Fraga

Fernando Caulyt Santos da Silva
Larissa Breda Bazílio de Souza
Lia Pereira Galvêas
Ligia Maria Fiorio Custódio
Luciana Mongin Boasquevisque
Michele Saura Felix da Silva
Rodrigo Daniel Alves de Melo
Samantha Lievore Zanotelli
Suellen Martins Barone
Suen de Andrade e Silva
Tiago Zanoli Garcia
Zainer Rodrigues da Silva

2006/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Gyuliano Vieira Eccher
Janaína Silva Oliveira
Kamila Carla de Carvalho Miranda Rosa
Marcelo Cade Guerzet
Tatiana Fragoso Galdino da Silva
Teófilo Augusto da Silva

2006/02 - JORNALISMO

Amanda Guimarães Garcia
Claudia Pedrinha Pádua
Euler Mota Alvarenga
Fernanda Auxiliadora Coutinho
Fernanda Patrícia Pontes
Flávia Carpanedo Monteiro
George Vianna Silva Souza
Gleyson Tete
Hugo Leonardo Castilhos dos Reis
Jaider Manoel de Miranda
Julia Fregona Elias da Silva
Juliana Bourguignon Vogas
Luciana Wernersbach Nascimento
Ludmila Kobi Ghil
Marcus Vinicius André Pantaleão
Maxlander Dias Gonçalves
Mikaella Campos Almeida
Milena Simões Murta
Natália Beatriz Honorato
Patrícia de Arruda Santana
Patrícia Gonzales Machado
Raquel Machado Galvão
Roger Santana Santos Silva
Rogéria de Carvalho Nippes
Wilson Vieira Junior

Vitor de Azevedo Lopes
Vitor Graize Magalhaes Batista

2006/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

André Rocha de Albuquerque Maranhão
Daniel Sarcinelli Furlani
Fernanda Botan Costa
Fernando Chiabai Bento
Herberth Andrade de Paiva Goncalves
Nathalia Catarinozi Ceccon
Olyvia Venturim Monerat Fagundes
Revan Berger Gomes de Souza
Roberta Calazans Medeiros
Roberta Ponzio Vaccari
Verônica Antônia Freitas
Wesley Menezes Guimaraes
Yaçana Lopes Obermuller

2007/01 - JORNALISMO

Carlos Roberto Calenti Trindade
Ceciana Ferreira França
Katarine Rosalém Lorencini
Kênia Cardoso Vilaça de Freitas
Keyla Fabiana Cardoso Papa
Leticia Rezende de Abreu
Luciana Silvestre Girelli
Marcelo Marconsini Rossi
Marcio Scheppa de Souza
Patrícia Baptista Galletto
Priscilla Thompson Pessini
Ronald da Silva Alves
Thama Boldrini da Silva
Thiago Dal Col Costa

2007/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Carolina Pretti Aguiar
Elisa Ribeiro dos Santos
Fabio Amorim Rabelo
Fernanda Vieira Sofiatti
Juliana Drosdoski Ferreira Camillo
Ligia Moro Fonseca

2007/02 - JORNALISMO

Abdo José Bertollo Chequer
Amanda Soares Zambelli
Ananda Barcelos Bisi

Anny Karollinny Riva Giacomini
 Claudio Humberto Vereza Lodi
 Daniella Zanotti do Couto Teixeira
 Dayane Assis de Freitas
 Geise Frigini de Marchi
 Graziella de Azevedo Garcia
 Guido Nunes Giovanini
 Iani Eleuterio
 Igor de Oliveira Carneiro
 Jackeline Lima Gama
 Leandro Tagliate Tedesco
 Leonardo Vieira Soares
 Leticia Orlandi Abrantes
 Liege Nunes dos Santos Nogueira
 Luanda dos Santos Vazzoler
 Ludmila Pecine dos Santos
 Marcele Alvarenga Falqueto
 Marília Danielly da Silva Marques
 Melina Viana Mantovani
 Nabila Pinto Correa
 Nathalia Poloni Cabral
 Renata de Souza Murari
 Sabrina Beatriz Rodrigues
 Thassiana Siqueira Pinheiro
 Vanessa Ribeiro Pizzol
 Wagner Pinheiro de Carvalho Junior

2007/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Caroline da Silva Calatroni
 Cinthia Caetano da Silva
 Daniel Rerisson de Amorim
 Eglalciane de Lyrio Tongo
 Ezen Nascimento Tavares de Carvalho
 Jacqueline Lucia Viana
 Jaena Lucia Campos Cremasco
 José Alves de Azevedo Neto
 Leomar José Miranda Damasceno
 Leonardo Borgo Machado dos Santos
 Letícia Gama da Silva
 Lorena Geambastiani Conceição
 Marcelo Perin Neves da Silva
 Marcus Vinicius Jacob Paiva
 Maria Goreth Fernandes
 Oséias da Silva Iapequino
 Priscila Ricardo dos Santos da Silveira
 Rafael Simas Farias Oliveira
 Renata Cristina Pinto Pazzini

Rodrigo Pegoretti Lyrio
 Rodrigo Scheidegger de Souza

2008/01 - JORNALISMO

Ana Célia Alves Alvim
 Ana Perini Muniz Fabris
 Camila Fregona Rocha
 Elaine Rodrigues Dal Gobbo
 Gabriely Sant'Ana da Costa
 Gustavo Moulin Gouvêa
 Joao Tarcísio da Costa Pereira
 Juliana de Farias Batista
 Kamila Rangel Costa
 Karina de Moura Oliveira
 Letícia da Silva Gonçalves
 Lunélia Amaral Lima
 Lygia Haynes Bellotti
 Marianna de Aguiar Ribeiro
 Thalita Dias
 Vitor Taveira Rocha

2008/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Anderson Rios de Souza Macedo
 Barbara Altoé Marques
 Bruna Altoé Marques
 Bruno de Santa Cecilia Massa
 Bruno Piazzarollo Vietchesky
 Camille Correa Coutinho
 Deborah Melo Chamovitz
 Eder Werneck Machado Marçal
 Fernanda Dias Perin
 Geovana da Silva Pereira
 Greice Grativol Venturi
 Guilherme de Oliveira Castor
 Igor Pontini Mesquita
 Lais Jaccoud Grijó
 Melina Trivelin Klein
 Verônica Marchezi Nogueira

2008/02 - JORNALISMO

Alexsânder Nakaoka Elias
 Ariani Caetano Parpaiola
 Gabriela Conti Figueiredo
 Glacieri Carraretto Pereira
 João Paulo Pereira
 Lívia Cristina de Freitas Cunha
 Lyvia Ribeiro Cavalcanti

Nádia Cristina Vaccari Garcia
Thaíssa Aparecida da Vitória Azevedo

2008/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

André Ayres Fonseca
Arthur Serra Pinto Campos
Atila Martins Maia
Aysle dos Santos
Caroline dos Anjos Pereira
Fernanda Izoton Coelho
Gabriel Bourguignon Vogas
João Vitor Vilaça Knop
Juliana Bellia Braga
Lucas Albani Rosa
Luiz Gustavo Barachi
Mariana Roberta da Silva
Monick Barbosa Ribeiro

2009/01 - JORNALISMO

Beatriz Toso
Cristiana Carneiro Euclides
Gabriel Herkenhoff Coelho Moura
Helbert Paulino dos Santos
José Maria Casagrande Junior
Lorena Silva Fafá de Carvalho
Ludmylla Altoé Gomes
Maria Inês Dieuzeide Santos Souza
Mariana Natalli Montenegro
Monique Mansur Valinho
Mykon Rosa Figueiredo
Nádia Baptista dos Santos
Natalia Gadiolli Carneiro da Silva
Thiago Emanuel Lourenço Barbosa
Yara Farias Jorge Silva

2009/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Clarissa Ribeiro Pagani
Julia Santana Zanotelli
Leandro Marchiori de Oliveira
Maria de Moreira Guimaraes
Mayron Goetze Rosa
Mirna Moulin Reis
Vinicius Massini Freitas

2009/02 - JORNALISMO

Aline Beatriz de Oliveira

Ana Rafaela Pereira Brotto
Cibele Piazzarolo Lana
Jacyara Pianes Henriques Carvalho
Lorena Guerra Martins
Luiz Eduardo Neves da Silveira
Mariah Machado Simonato
Mariana Rodrigues Carlos
Mônica de Oliveira Silva
Paula Guanaes Varejão
Susana Kohler

2009/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Carolina Gaigher dos Reis
Felipe Fernandes Novaes
Janine Moraes do Nascimento
Júlia de Andrade Gonçalves
Juliana Vieira Valentim
Lucas Pereira Campos
Pedro Martins Marchezini
Rodrigo Rubens da Silva
Vinicius Silva Bastos

2010/01 - JORNALISMO

Anna Beatriz Alves Brito
Anna Karla Mendes Lerbach
Bruna Mesquita Gati
Brunella de Lima Franca
Carolina Rocha Alvarenga
Cezelina Chagas Gomes
Cristina Oliveira dos Santos
Daniel Nogueira Vargas
Danielle de Oliveira Ewald
Danilo Ronaldo Alves dos Santos Bicalho
Flávia Lima Frossard
Flávia Rangel Pimenta
Frederico Silva Goulart
Gabriel Almeida Torobay
Getúlio da Costa Hilario
Giselle Pereira da Silva
Guilherme Alberto Ferreira
Haroldo Ferreira Lima
Janaina Thaina da Silva
Jirlan Biazatti
Joyce Silva Meriguetti
Juliana Souza Tinoco
Katilaine Chagas Garcia
Katler Dettmann Wandekoken

Laila Pimenta Magesk
 Lara Abib Santos
 Lis Vicente Trancoso
 Luiz Alberto Rasseli Junior
 Maria Elisa Silva de Almeida
 Marlon Marques Bernardo
 Pedro Augusto Carneiro Mesidor
 Rafael Arcanjo dos Santos Junior
 Ramon Zagoto Mariano
 Raphael Scaramussa de Angeli
 Regina Lúcia Trindade Costa
 Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira
 Stefânia Masotti
 Sylvia Ruth Ferreira de Oliveira
 Tamara Freire Cardoso
 Thais Paoliello
 Tielly Nogueira Zen
 Victor Duarte Alvarenga
 Vitor Bourguignon Vogas
 Wanderson Lima Mansur

2010/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adenilton Antônio Nunes
 Alex Rosa de Andrade
 Amanda Fagundes Alves
 Amanda Fonseca Rodrigues
 Breno Maciel Souza Reis
 Bruna Ribeiro Nascimento
 Caio Henrique dos Santos
 Danielle Marchioni Pinto
 Danyelle Pazinato Galletti
 Deborah Pinto Correa
 Douglas Macedo Anholeti
 Ellen Carvalho Maganhi
 Érica Signorelli Ferreira
 Fabio dos Santos Chagas
 Felipe Antunes Pereira Batista
 Gabriel Bernabé Bona
 Jaqueline Borchardt Felix
 Jesse Martins Cardoso
 Júlia Giacomini Cani
 Karina Inácio de Araujo
 Leonardo Leite Basoni
 Letícia Parmagnani do Nascimento
 Manoela Pagotto Martins
 Ofelia Raquel Romam Lemos
 Paulo Henrique Baque Berton

Paulo Henrique Keijock Muniz
 Priscila Aparecida de Andrade Pires
 Raquel de Oliveira Frois
 Raysa Dantas Loureiro
 Renata Gravata Nicoli
 Thiago Sotero da Silva Moreira

2010/02 JORNALISMO

Aline Oliveira Coelho Dias
 Carolina Ruas Palomares
 Catarina Mattedi Carneiro
 Daniela Ramos Ribeiro
 Fabiana Fracarolli Tessinari
 Gabriela Zorzal
 Geize Ana de Miranda
 Kássia de Aguiar Salazar
 Leonardo de Almeida Çarto
 Marcela Artiles Turra Rangel
 Natasha Silva Siviero
 Rafaella Rodrigues Patta
 Roberta Goncalves Duarte
 Shamylle Alves Conceição
 Simone Lima Azevedo

2010/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alline Depollo Andrade
 Amanda Guimarães Tito
 Beatriz Magri Tomasi
 Camila Frizera de Melo
 Cintia Meneguelli Rodrigues
 Fabio Araujo Turbay
 Frederico Chiabai Zottich
 Gabriel Aguiar Valadão
 Higor Cesconeti Pinheiro
 Igor de Almeida Rizzo Mariano
 Ítalo Ângelo Pereira Galiza
 Lia Scarton Carreira
 Lorena de Matos Machado
 Maithe Scherrer Sathler
 Mayara Junquillo Ribeiro
 Nikoly Santana Carneiro
 Rafael Rizo Scandian
 Roberta Alessandra Endring Penha
 Rodrigo Vasconcelos Santos
 Taciana Botelho de Oliva Pedrosa
 Tais Sarmento Valle
 Thayara Santanna Ferreira

Thiago Coutinho

2011/01 - JORNALISMO

Aghata Avanza Penha
Alexandre Lemos Junior
Camila Bellon Botacin
Carla Caçador Ferreira Sa
Cintia Vargas Bringhamti Spinelli
Cristiane da Silva Brio
Darshany de Loyola Vieira
Eduardo Fernandes dos Santos
Elton Lyrrio Morati
Érica da Silva Vaz Souza
Filipe Moreira de Paula
Fiorella Nunes Gomes
Flávio de Almeida Santos
Flora Viguini do Amaral
Gabriela Leal Chaves
Joao Cláudio de Santana Guerra
Júlia Sacramento Fernandes
Letícia Braga Bazet
Letícia Simões dos Reis
Luísa Guimaraes Torre
Luma Poletti Dutra
Marcus Vinícius de Souza Vieira
Mariana Anselmo Barbosa
Maurício Reis de Sousa Silva
Pablo Rezende de Brio
Paulo Gois Bastos
Rafael Moura de Sa
Rafael Sousa Muniz de Abreu
Sidney de Almeida Celante
Tatiana Oliari Negris
Tayna Dias de Carvalho Feitosa
Thiago Cruz Oliveira

2011/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adriana Dieuzeide Santos Souza
Alessandra Mariani Bicchi
Andressa Rios de Souza Macedo
Camila Curto Ferreira
Camila Pandolfi Bufon
Carleandra Romano Oliosia
Christian Rai das Posses
Elisa Fabris de Oliveira
Esther Pereira Galvêas
Gabrieli Drago

Getulio Antonio Cantão Neto
Grazielle Fernanda Aguilar Soares
Guilherme Henrique Carlos Maia
Juliana Leirosa da Silva
Larissa de Souza Gotardo
Livia Severo do Valle
Marcela Camporez
Marcela Rodrigues Carraro e Mendonça
Mariana Batista de Jesus
Miguel Abdo Bertollo Chequer
Raísa Batista Vital de Souza
Sílvia Rejane Rocha Carneiro
Thaís Daniel Pereira
Tulio Barbirato Azevedo

2011/02 - JORNALISMO

Daniel Fernandes Vilela
Dinora da Graça Bernardo dos Santos
Djamile Tafeni da Eira Carreiro
Ellen Albano Campanharo
Evelly Falqueto Crisostomo
Gabrielle Tallon Figueiredo da Rocha
Gustavo Barata Leonardo
Isabela Zortea
Keyla Cezini Rodrigues de Oliveira
Luisa Cunha Buzin
Marcel Bussular Martinuzzo
Natalia Barbosa Zucolotto
Patricia Torres Pereira Carrion
Paula Falcão de Souza
Tiago Moreno Pascoal

2011/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Analú da Ros Scopel
Barbara Oliveira Machado
Érika Salles
Juliana Mercom Franca
Natasha Lima Marcondes
Natassia Ferreira Augusto

2012/01 - JORNALISMO

Ana Paula Gomes Chaves
Bárbara Carolina Torralbo Tavares
Carlos Augusto de Almeida Neto
Carlos Henrique Scherrer de Oliveira
Cássia da Silva Ramos
Drieli Volponi Bindeli

Fernanda Oliveira Pereira
Luana Dalla Bernardina Coelho
Luanna Almeida Esteves
Luiza Boulanger Noce
Marcelle Desteani Marcelino
Michelli de Souza Possmozer
Victorhugo Passabon Amorim

2012/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alex Rodrigues Gouvea
Bruno Salim Alcântara Fonseca
Carolina Miranda Batista
Gustavo Lucas di Cavalcanti
Marina Machado Miguez
Naila de Nadai Menezes
Rafael de Angeli
Rebeca Cristina da Silva Ramos
Victor Ambrosio Boechat
Wagner Felício Junior
Wagner Piassaroli Mantovaneli

2012/02 - JORNALISMO

Ana Elisa Borchio Bassi
Bruna Netto Sperandio
Carolina Maria Moreira Alves
Cintia Cazate Camilo
Diovana Renoldi Vieira
Fernanda Batista Santos
Francine Silva Leite
Honório de Paula Rocha Filho
Lucas Guimaraes Blunck Schuina
Luisa Bertollo Dettoni
Mariana Dornelas Bentes Gomes
Nathalia Pompermaier Casagrande Coelho
Paula Tessarolo Bastos
Priscilla Calmon de Andrade
Rafael Andrade Monteiro de Barros
Ricardo Dobrovosky
Savya Alana de Oliveira
Tamiris Vieira de Souza
Thaize Dallapicola Ramos
Thaynara Lebarchi da Costa

2012/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

André Almeida Goncalves
André Nunes Bueno

Andrea Benezath Rodrigues Ferraz
Anna Virginia Albuquerque Ribeiro
Isadora Saiter Borlot
Isis Cardoso Dequeuch
Priscilla Cabral Perpetuo Soares
Priscilla Salvador Simonelli
Rodrigo Alcure Castro
Ronelson Vargas Mendes Filho
Samantha Bulian Barcellos
Samya Lievore Zanotelli
Sarah Lacerda Alvarenga Pinciara

2013/01 - JORNALISMO

Ana Carolina Gomes Araújo
Angeli Alves dos Anjos
Ayanne Karoline de Araújo Silva
Brunella Brunello Rasera
Daniel Vieira de Figueredo
Fernanda Marchesine Batista
Gabriela Dallapicola Teixeira Mignoni
Ismael Carriço Inoch
João Carlos Fraga Bastos
Karla Danielle Mendes Secao
Laio Medeiros França
Leandro Nossa Guanandy
Livia Costa Bernabé
Maria Luiza Damiani
Mariana Machado de Faria
Mayra Pereira Novais
Murilo da Rocha Gomes
Natalia Devens Costa
Rayssa dos Santos Silva
Rochana Canal Bravim
Rodolpho de Sá e Paixão
Sérgio Vitor Simas Rangel
Vinícius Coelho Eulálio de Souza

2013/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Angélica de Freitas Ribeiro
Annaya Dias Hackbardt
Bruno Castro de Freitas
Camila Cuquetto Piekarz
Carolina Goulart Moura Rosario
Damiana de Fatima Gomes Monteiro
Danielle Cristino de Oliveira
Dhanner Viana Lambert
Diego Coutinho de Freitas

Fernanda Barata Leonardo
Fernanda Chiappane Cavalcante
Laissa Costa Moreira Muniz Gamaro
Leonardo Faria Almenara
Ludimila Ribeiro Moura
Luna Maria Pacheco do Nascimento
Manuela Souza Pinto Mascarenhas
Marcela Benezoli
Mariana Fiorin e Silva
Mariana Silva Freitas
Marilia Neves Ribeiro de Sousa
Milena Simões Nunes
Plinio Escopelle Gomes Neto
Priscila da Silva Stein
Raissa Andrade Bastos
Raiza Locateli Silva
Soraia Camata Canal
Usalio Braz Piveta
Vanessa Cristina Leite e Silva
Verônica dos Santos Machado
Victor Cardoso Moraes

2013/02 - JORNALISMO

Ana Carolina Cometti Oliozi
Astrid Malacarne Segrini
Daiane Delpupo Moreira
Esther Ramos Radaelli
Isabella Silva de Freitas Mariano
Izabelly Barbosa Possao
Jessica Romanha da Costa
Jheniffer Rosicleia Sodre
Joyce Castello Pereira
Karolina Maria Lopes Goncalves
Larissa Gouveia Lopes
Maria Aíde Malanquini
Rafael Cossetti
Raquel Nascimento dos Santos Henrique
Raysa Calegari Aguiar
Reuber Diirr Cogo
Thaiana Gomes dos Santos
Wilderson Melo de Moraes

2013/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alex Melo da Silva
Amanda Brommonschenkel
Ana Luíza Brandão Guimarães Lopes
Clarissa Dallyane Silva Ramos

Elisa Cristina Moraes Rosa
Gabriela Raposo Branco Borges
Livia Henriques Miguel Coelho
Lorrayna Moraes Angeli
Luana Anderson Fyhn Pereira
Mailson Dutra Soares
Maina Loureiro Ferreira
Marcio Gonoring Soares
Marcus Vinicius Lino Correa Morellato
Nathan Mello dos Santos
Rafaela Freitas Belo
Thaís Guimaraes Cortes
Veronica Martins Tostes

2014/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Cristina Padua
Braga Margon
Mariana Mauro Preti

2014/01 - JORNALISMO

Allan Cancian Marquez
Andressa Brito de Andrade
Carina Santos Lamas Couto
Eduardo Dias
Fabio Matos de Andrade
Frederico de Souza
Ramos Carneiro
Juliana Borges Paiva
Leandro de Souza Reis
Leticia de Melo Comerio
Marilia do Nascimento
Michelle Bessa Cabral Terra
Paula Gama Lidoio
Poliana Pauli Martins
Rebeca da Silva Santos
Ricardo Aiolfi Barone
Thaís Santos Pacheco de Oliveira

2014/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Ana Clara Magnago Bianchi
Anderson Mendonça Barreiros
Augusto Eduardo Veltem Debbane
Elber Junior Machado
Fernando de Almeida Lisboa
Gabriel Cola de Melo
Gabiella Ferreira Scarton
Herick Assis Costa

Izabel Queiroz Sant'Anna
Jessika Alvarenga Frassi
Marcella Cardoso Pereira
Mariana Simões de Rezende
Mariana Viana Oggioni
Mayara Santos Nascimento
Mayelle da Silva
Paulo Roberto Miranda de
Gouveia Junior
Rafael de Araujo Gomes Coelho
Rodrigo Erlacher Rasseli
Rodrigo Ferreira de Oliveira
Rogerio Rufino de Oliveira
Rubiana Pianca Liuth
Sara Freitas Silva Damaso

2014/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Djalma Batista Pinto
Eduardo Costa Madeira
Rafael Bertoldi dos Santos

2014/02 - JORNALISMO

Bianca Bortolon Goncalves
Brunela Alves Ribeiro
Cecilia Moronari Leite
Cristian Favaro Carriço
Edézio Peterle Junior
Henrique Montovanelli Monteiro
Igor Chagas Van Der Put
Ingrid Bastos de Oliveira
Jessica Lopes Rebel
Karen Vieira Pereira
Karina Mauro Tatagiba
Karolline Pacheco Lyrrio
Laila Martins Sebastiao
Livia Corbellari
Marcos Vinicius de Paula Siqueira
Mariana Flegler Massariol
Mariana Moraes Spelta
Mateus Freire Cordeiro
Naiara Dutra Arpini
Neusa Paulo Afonso
Patrícia Helena Garcia Santos Neves
Patrícia Pereira Fernandes
Rhayan dos Santos Lemes
Sabrina dos Santos
Samylla Estofel Andreão
Vanessa Ferrari Passos

Victoria Varejão Gomes
Viviann Lucia Barcelos de Oliveira
Yuri De Mesquita Barichivich

2014/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alexia Karoline Lirio de Oliveira
Ana Caroline Netto Zorzal
Ana Clara De Oliveira Fonseca
Cynthia Binda Bezerra
Daniel Costa Oliveira
Fabiano Moyses Santos
Flavio Bastos Vianna
Gabriel Felipe Barbosa Mattano
Isabela Amorim da Silva
Karlla Danielle Caires da Silva
Lais Silva Santos
Lara Denes Rocha
Leandra Mancini Effgen
Livia de Souza Miranda
Luiza de Mello Maciel
Marcela Oliveira Coelho Dias
Maria Fernanda Lauret Mendes Carim
Marília Oliveira Brasil Almeida
Nathalia Rocha Gomes
Paula Ester Ferreira Pignaton
Pollyanna Braga Ronchetti Latorre
Saulo Birchler Boeck
Thais Fernandes Batista
Thais Lipaus Stein

2015/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Cibele Grace Degen
Diego Gustavo Locatelli Videla

2015/01 - JORNALISMO

André do Sacramento Silva
Geovana Chrystello Martins
Jessica Dantas Vieira
Jessica Ribeiro Latif
Julia Bragatto Luchi
Leonardo Felipe Vieira Ribeiro
Lorena Quirino Pelissari
Mallena Arpini Pezzin Teixeira
Naiara Gomes Neves
Polânia Cristina Sôares Pancine
Rafael Jose Goncalves De Assis
Rayanne Francisco Matiazzi

Talita Vieira Alves
Tamires Mazin de Almeida Padilha
Viviane Ramos Machado

2015/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Amanda Leandro Quinteiro Lopes
Diego Santos de Oliveira
Filippe Nunes Saraiva
Hector Caliman Mejia
Jade de Brito Roque
Jessica Adriana Araújo Salvattori Ferreira
Joao Pedro Mello da Cruz Antônio
Kamilly dos Santos Oliveira
Luana Dias Ribeiro
Lucas Braganca da Fonseca
Lucas de Carvalho Souza
Lucas Narvaes Peres Pinhel
Luiza Dazzi Braga
Matheus Rabello Temporim
Maycon de Souza Lima
Ohana Waichert Mathias
Paula Dorsch Benevides Martins
Poliana Pedrini Faria
Raphael Perovano Bernardo
Thaiza Gomes do Reis
Thiago Morgado Horta Monteiro
Thuany Monteiro Nascimento
Ursulla Passos de Almeida Feu
Vanessa Cristina Salvador
Vitor Castelo Magnoni

2015/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Carolini Barbosa Covre
Cassio Siquara Rocha
Diego de Jesus
Maria Grijo Simonetti

2015/02 - JORNALISMO

Adalberto Thiago Cordeiro Viana
Amanda Meschiatti Vasconcellos
Danniely Zanotti
Edberg Nunes de Franca Souza
Elice Sena Santos
Gabriela de Medeiros Rodrigues
Gustavo Ferreira André
Hercules de Oliveira Nascimento
Heryck Luiz Jacob Sangalli

Hyasmin Nascimento Silva
Juliana Martins Pinto
Juliana Nascimento Mota
Larissa Fafa Freisleben
Luisa Costa Brasileira
Luiz Carlos Zardini Junior
Luiza Mayra Silva Ferreira
Magalli de Souza Lima
Manoela Albuquerque Leal
Maryangela Souza Lopes
Milena Mangabeira da Silva
Pamela Rocha Vieira
Renan Correia Chagas
Weverton Campos Oliveira

2015/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Arthur Gomes de Castro
Douglas Breger de Oliveira
Eliomarc Querino Martins
Fabiana Rubim Felberg Victor
Flaviane Nunes Rodrigues
Géssica Amâncio dos Santos
Glenda Bastos Manoel
Lorena Honorato Moreira
Niara Rocha Souza Chaves
Ritcheli Pedreira Antunes

2016/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Alexandre Franco Emerick Albergaria
Arthur Magno Simoes Marques
Diana Klippel Gurgel do Amaral
Juliana Cristina Borges Monteiro
Lucas Octavio Candido da Silva
Lygia Machado Ferreira
Naiara Bolzan
Narayana Teles Caetano Silva
Raphael Sampaio Souza

2016/01 - JORNALISMO

Andreia Ferreira Santos
Andreza Ramos Xavier
Antônio Lucas Almeida
Betina Hatum Mendes
Bianca Santana Vailant
Caio Eduardo Miranda Setubal
Carolina Ofranti Sampaio
Caroline Pinna de Oliveira

Cinthia Maria Pereira Pimentel
 Claudio Vervloet Ramos
 Gabriela Vasconcelos Soares Costa
 Geraldo Pinheiro Campos Junior
 Inglydy Rodrigues de Paulo Da Silva
 Jade Campos Drummond
 Jefica Roberta Teixeira Barros
 Jessyka Bernardone Saquetto
 Joao Carlos Caldas Brito Henriques
 Johanna Inacia Honorato
 Joicy Oliveira Marques
 Julia Barone Falqueto
 Julia Grillo Rabello
 Juliana Benichio Leite
 Karen Pinheiro Manzoli da Silva
 Maria Luiza da Silva Pereira
 Mariana Mendes de Carvalho
 Monielli Passarelli Bonatto
 Nadine Silva Alves
 Nayara de Jesus Santana
 Paloma de Oliveira Costa
 Pedro Henrique Malta de Oliveira
 Stephani Paiva Lima
 Thalita Mascarelo da Silva

2016/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adson da Silva Bernardino
 Amanda da Penha Santana
 Amanda Pancieri Lemonti
 Daniel Nogueira Vargas
 Debora Cozer Aliprandi
 Fernanda Oliveira Bayer
 Fernanda Oliveira Soares
 Flavia Elias da Silva
 Gabriela Belloti de Nardi
 Gabriela de Almeida Salgado
 Gabriela de Moura Boecher Pereira
 Joao Oliveira de Paiva Neto
 Laís Botelho Montenegro
 Leticia Carvalho de Souza
 Livia Maria Castro dos Santos
 Luany Lima do Nascimento
 Maria Ritha Gouvea
 Marina Melim Ferreira
 Melina Alves Festa
 Milena Perazzini Pinha
 Natalia Jorge Meireles

Nicholas Ramos Teixeira
 Priscilla Moreira Lobo
 Samara Fonseca Verneck
 Samira Andriotte De Sousa
 Suely Brandao Farias
 Tadeu Barbutto Bousada
 Taysa Machado Siqueira
 Vivien do Valle Galvão Daflon

2016/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Ana Cristina Viana Oggioni
 Barbara Ribeiro Silva
 Caio Fabricius Goncalves Farias
 Melina Duarte Leal Galante
 Yuri Vianna Nunes

2016/02 - JORNALISMO

Bruna Vermeuln Pereira
 Edilaine de Azevedo Machado
 Julia Pavin
 Thalston Gama de Laia

2016/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Barbara Costa Soares
 Brenda Nascimento Gomes
 Izabella Portinho Rodrigues
 Laiza Stange Rocha Meireles
 Mariana Dalto Franzotti
 Tais Rocha Bulgareli Ferreira

2017/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Adryelisson de Souza Maduro
 Déborah de Araújo Andrade
 Dereck Fraga Bolsanelo
 Filipe Couto da Silva
 Hegli Lotério Barbosa
 Heitor de Oliveira Andrade
 Laís Freitas dos Santos
 Luana Mendonça Cabral
 Thais Delfim de Jesus
 Victor Nascimento Neves

2017/01 - JORNALISMO

Brigida Valadares Locateli Armini
 Caroline Ventura Correia Lima
 Danielly Carneiro de Jesus
 Elisa Pereira Tavares

Isabella Machado Altoe
 Júlia Salume Lima Ferreira Leão
 Karoliny Ferreira Siqueira
 Kayque Nicolau Fabiano
 Lais de Mello Rocio
 Leonardo Albino Ogioni
 Livia Machado Meneghel
 Lucas Rocha Ramalho
 Luiz Felipe Guerra Alves Pereira
 Mariana Rosa Bergamini
 Mayra Fernandes Scarpi
 Rafael Silva Freitas
 Renata de Andrade Cunha
 Tasso Gasparini de Souza
 Veronica Aparecida Ribeiro Haacke

2017/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Aída Bourguignon Martinez
 Amanda Paganini De Nazareth
 Ana Paula Borges Goncalves
 Brenda Duarte Quenupe
 Camila Angeli Maciel
 Camila Queiroz Araújo
 Carolina de Melo E Souza
 Daniela Maia Vieira
 Epaminondas Terezo Paulino
 Evilyn Quintino do Nascimento
 Flavio Augusto Mezadri Pizzol
 Isabella Camatta Zanotelli
 Isabelle Scandian Oliveira
 Itamara Camargo Walterio
 Ivana Correa Ribeiro
 Jonathan Drummond Caputo
 José Ricardo Verneque Modesto
 Júlia Araujo Oliveira Couto
 Julia Kesley Araujo dos Santos
 Julia Pimentel Paternostro
 Layana Nogueira Silva
 Lorena Martins Rimolo
 Marcellyen Barbosa Nogueira
 Matheus Madeira Nogari
 Nicolas Andrade Claudio da Silva
 Pedro Nunes Rodrigues
 Priscila Raquel de Souza Brasileiro
 Thaina Duque de Souza
 Thalita Dantas de Medeiros Kuster
 William Ângelo

2017/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Aline do Nascimento Lopes da Silva
 Januária Holmes Westphal Aguiar dos Santos
 Julia Galdino Sant'ana
 Tatiana Werneck Franklin Souza
 Thiago Pereira Tenório

2017/02 - JORNALISMO

Ana Carolina de Angeli Sabino
 Ariane Barbosa
 Bruna Littig Francisco
 Bruno Nunes Paranagua de Almeida
 Christal Anasthacia Rios Jogaib
 Lais Ferreira Lorenzoni
 Laura Redinz Mansur
 Leticia Henrique Menezes Timoteo
 Nathalia Christina Cardoso Munhão
 Nelson Aloysio Reis de Almeida Passos
 Núbia Nascimento do Rosário
 Poliana Carvalho dos Santos
 Rafaela Laiola Guimaraes
 Thamara Machado Pinto
 Thiago Reis Sobrinho
 Vítor Simões de Rezende

2017/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Ana Luiza de Figueiredo Miranda
 Bruno Machado Leonardelli Abreu
 Driellen Gonçalves de Souza Arariba
 Gleidison de Jesus Fraga
 Jean Sampaio Nascimento
 Lucas de Souza Lauar
 Luiza Bhering Brandão
 Morgana Rodrigues Inocencio
 Noemi Abreu
 Pamella Silva Fernandes
 Raphael Pereira Simoes
 Suzane Cesconetto Rodrigues da Silva
 Tatiana Bissoli Bersot
 Willian Rubim

2018/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Jhennifer Cavalcante da Costa
 Rafael Jose Oliveira
 Renato Ribeiro Miranda
 Shay de Azevedo Peled
 Wanderson Goncalves Viana de Souza

2018/01 - JORNALISMO

Bárbara Cristina Guerra Azalim
Brenda de Souza Patrício
Carina Campo Dall Orto Costa
Daniella Camilo Silva de Souza
Debora Sonegheti Bonicegna
Fernanda Alves Ferreira Bollis
Helena Araujo Souza Jacobem
Klebert Silva de Souza
Linneker Almeida Lima Teixeira
Luisa Perdigo Zigoni
Mariana Freitas Salomao
Vilcyene Correia Rangel

2018/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alexia Falcão Costa
Aline Freitas
Amanda Saqueto
Fernanda Saqueto
Frederico del Fiume Sarcinelli Leonel
Hainara Resstel de Oliveira
Joel de Oliveira Machado Junior
Lais Pacheco Caetano
Leoni Coutinho Medeiros
Lorenca Batista Soares de Araujo
Luisa de Souza Barroso
Luiz Felipe Hoffmann Nogueira
Lunaiera Rodrigues de Oliveira Murca
Patrick Fernandes Borges
Thiago Silva dos Reis
Walnizia de Souza Santana

2018/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Ana Carolina da Silva Pagani
Camila Souza e Silva
Elisa Kobi Ghil
Eriton Jhonatas Ribeiro dos Santos
Gisele Silveira Bernardes
Haelly Leite Dos Santos Dragnev
Helio Gardioli Perin
Jennifer Assuncao Loyola
Jose Rubens Batista Costa Junior
Karolyne Mendes Gomes
Luciana de Paula Freitas
Natália Gottardo Costa Oliveira
Thiago Augusto Silva de Oliveira
Willian Gomes Loyola

2018/02 - JORNALISMO

Alena Moreira Menegusso
André Luiz Vidal
Bárbara Coutinho da Silva
Isabela Missias Marchezi dos Reis
Jhones Paulo Corbellari
Luiza Carolina Santanna Marcondes
Mariah Friedrich Dadalto
Thaísa Guimaraes Cortes

2018/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Ariel Morena Santos Souza
Débora Carneiro de Oliveira
Deborah Melo Chamovitz
Elton Miertschink
Gustavo Ferreira Andre
Johnny Silva do Carmo
Maria Helena Sousa da Silva
Murillo de Souza Vizeu Ferreira

2019/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Cyntia Custódio de Andrade
Daiana Santos Rocha
Francislene Dayana Cordeiro
Izah Candido Siham Silva
Julia Uliana Pellegrini
Khalil Fillipe Rodor de Souza
Lídia Mendes Nunes
Livia Gegenheimer Gouvea
Lorhana Vitor Alves
Luana Correa da Silva
Matheus Noronha Andrade
Thais Helena da Silva Leite

2019/01 - JORNALISMO

Bruna de Jesus Pereira
Camila Nascimento Santos
Daniely Pereira Borges
Henrique Mascarenhas Andreão
Isabela Nicchio Bellumat
Júlia Tiengo Zumerle
Marina Barbosa Amorim Netto
Paulo Marcos Loyola Ribeiro
Silvia Fonseca Souza
Yasmin Costa Gomes

2019/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Camilla Ferreira Dias
Carolina Silva Quinete
Duana Peixoto Pereira
Gabriel Vandiks Kossmann
Ivana Bandeira Dias
Jéssica Guimarães Lopes
Ludmilla Silva Freitas
Luiz Otavio Calado do Sacramento Santos
Mateus Alves Barbosa
Matheus Vieira Barcelos Thuler
Nicole Mattos Nascimento
Raira Luana Vedova
Samily Loures de Freitas
Tereza Eliza Nascimento Dantas
Yanne Freitas Felipe Silva Cota

2019/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Augusto César Silva Elles
Carlos Roney Estevão Casula
Carolina de Souza Campista
Claudiana Braga
Leticia de Melo Comério
Leticia Miranda Ferreira
Luiz Gustavo Casagrande da Silva
Maykon Vinicius Aquino Bernardes
Nina Francesca Guimarães Avancini
Pedro Henrique de Oliveira Martins
Raquel Rocha Vieira de Mello
Wendell Bernardes Xavier
Yohanna Amorim Pozzatti

2019/02 - JORNALISMO

Alice Soares do Valle
Ana Carolina Favalessa Furtado
Ana Luísa Monteiro Vale
Ana Luiza Dias de Oliveira
Artur Serafim Meireles
Beatriz Oliveira de Paula
Carolina Moreira Gomes
Daniel Pasti Espindula da Rocha
Daniel Santiago Pereira da Silva
Iury José Pereira Demuner
Lorraine Paixão Lopes
Lucas Santos Pinto
Marcus Vinicios da Silva Freire
Mariana Cristina Rocha dos Santos

Mariana dos Anjos Carvalho
Matheus Galvão da Silva
Paula Romanha Vicente Oliveira
Richele Ribeiro Silveira
Thais Costa Baptista
Vinícius Viana Gonçalves Roza
Yvena Plotegher Pelisson

2019/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Amanda Lecoque Luna
Camilla Izabelle Diniz Alves
Djhonatan Soares de Oliveira
Gabriel Fernandes Ferreira
Gabriel Leite de Castro Moraes
Giulia Vieira dos Santos
Julia Narduche dos Santos Bastos
Kaio Victor Pereira dos Santos Oliveira
Lillian Donato dos Santos
Matheus de Nadai e Souza
Stella Schwanz Dias de Assis
Thaina Bonfá
Yasmin Freire Carolino

2020/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Brenda dos Santos Xavier
Diego Nascimento Nunes
Elisa Soares Coradini
Fernanda Fragoso Faissal
Joao Victor Candido de Almeida
Nycola Carlos Pessoa da Silva
Rafael Ribeiro Lirio
Rafaela Germano Martins
Roger Gomes Ghil
Waldir Alves da Silva Segundo

2020/01 - JORNALISMO

Ângelo Parrella
Cecilia Ribeiro Miliorelli
Eliza Rebeca Silva Frizera
Juliana do Amaral Campos
Karolyne Mayra Souza da Silva Bertordo
Lucas Jose Homem Donato
Sthefany Duhz Cavaca
Wesley Vitor da Silva

**2020/01 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Alinne Garruth Moreira
Amanda Salomão Vitorino
Camilla Emanuelle Morais Pereira
Clara Silva Azevedo
Elaine Cristina do Sacramento Ramos
Igor José Silva de Oliveira
Julia Reis Gama
Milena Carvalho de Oliveira Fernandes
Naiara Beje Souza do Nascimento
Pedro Julio Kirmes Rizzoli
Rafael Conrado Nunes Kaiser
Rafaela de Araujo Silva
Thiago Lopes Martins Izoton
Thiago Scarpat Mozer

2020/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Eduardo do Couto Figueiredo
Gustavo Guilherme da Conceição
Henrique Siqueira Stein
Lorena Dias Davila Sperandio
Raphaella Costa de Carvalho

2020/02 - JORNALISMO

Ana Júlia Chan Alves
Andressa dos Santos Ventura
Andreza Cristina Steck
Bernardo Ferreira Barbosa
Bethania Pereira Miranda dos Santos
Carmen Flavio de Oliveira
Cassia da Rocha Souza
Daniel Rossmann Jacobsen
Felipe Fonseca Khoury
Gessica Loureiro Pereira Lopes
Leticia Soares da Silva Gonçalves
Marcela Delatorre Lovatti
Maria Fernanda Figueiredo Conti
Matheus Pereira de Souza
Vinicius Nery dos Santos

**2020/02 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

André Santos Andrade
Gabriel de Azevedo Lopes
Jéssika Claudino Nascimento
Julia Maria Brito da Cruz
Juliana de Paula Prudente

Kélvim da Silva Almeida
Laysa de Queiroz Barcellos
Maria Eduarda Lopes Almeida
Rodrigo Pereira de Oliveira

2021/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Anderson de Souza Barbosa Matos
Carla Leticia Baltazar Wgiete da Silva
Cleison Modesto de Avila
Géssica Amâncio dos Santos
Izaías Leite Almeida
Ricardo Almeida Gomes
Tommaso Bellone Junior
William Chaves Alcantara

2021/01 - JORNALISMO

Agnes Alessandra Gava Sant'anna
Aline Gonçalves Almeida
Álvaro Guaresqui Cruz
Gabrielly Gonçalves Minchio
Giulia dos Reis Fernandes
Heloisa Bergami Alves Dantas
Isabella Hell de Paula
José Renato Siqueira Campos
Julia Pereira Lopes
Kelly Mesquita Lacerda Ribeiro
Laiza da Silva Nicodemos
Larissa Tallon Luchi
Lydia Mendes Lourenço
Maria Clara Bartasson Stecca
Nicolas Rodrigues Alves
Thauane Martins Lima

**2021/01 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Amabile Borba de Vasconcellos
Andre Luiz Rangel de Paiva
Bianca Alves Martins
Caroline Rodrigues Accauhy
Eder de Jesus
Gabriela Peixoto de Oliveira
Larissa Nasser Jabour
Leticia Caliman
Lucas Vermeuln Pereira
Mariana de Souza Santana
Nicholas Abreu de Faria
Rhamona Sarmiento Ferreira

2021/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Andressa Gonçalves de Freitas
Arthur Agostini
Gustavo Frossard Seda
Natalia de Souza Manarte
Natalia Gonçalves Dornelas
Nuno Pignaton Perim
Ronan Aguiar de Freitas

2021/02 - JORNALISMO

André Afonso de Lima Carlesso
Beatriz Christina Moreira Cruz
Caroline Kobi de Castro
Isadora Cristina Wandenkolk Pechincha
Jonathas Gomes da Silva
José Tarcísio Ribeiro Pinto
Lais Batista Santana
Leonardo Miranda Rangel
Maeli Rhayra Ornelas Radis
Maria Izabel Ichisato Pelição
Milena Costa Batista
Miranda Perozini Barbosa
Sara de Oliveira Silva
Sintia Mara Ott

2021/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Amanda Pimenta Alt
Caio Ferreira Mendes
Isabelle do Prado Santos
Josué da Silva Nunes
Letícia Villa Dias
Luisa Muniz Barbosa
Otavio Augusto Naimeke da Silva Granzieri
Paola Lobato Ferreira
Rhina Francez Depes Tallon
Vinicius Vieira Pereira

2022/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Estevão de Paula Lopes
Gabriela Mendonça Andrade
Hugo Reis Oliveira
João Roney Silva de Assis
Lucas Coelho Decoté
Marceli Pereira da Silva
Nérila Iari de Moraes Oliveira
Simony Leite Siqueira
Tiago Monfardini Meireles

Yasmin Nolasco Ferreira Santos

2022/01 - JORNALISMO

Alexandre Barbosa Passos
Anderson Barollo Pires Filho
Brunella Rios Serrano
Camila Pereira Borges
Carla Bianca Correa Nigro
Eduarda Mathias Moro
Emanuela Afonso
Gabriela de Brito Ferreira
Gleiciane de Oliveira Marriel
João Vitor Castro Soares
Karla Silveira de Oliveira
Lara Favaris Mendonça
Ludiana Zocolotto Graça
Luísa Cruz Ribeiro
Marcos Paulo Federici de Menezes
Mylena Leticia de Lima Ferro Felix
Nathan de Sousa Cunha
Newton Assis
Nicolas Nunes Martins
Noélia dos Santos Lopes
Pedro Ivo da Cunha
Reinaldo Fonseca dos Santos
Teresa Carneiro Breda

2022/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Amanda Gonçalves Rocha Teodoro
Ana Flavia de Almeida Lopes Filgueira
Dayana dos Santos Carvalho
Desiree Leal da Silva
Gabriela Pereira Marques Velez Grilo
Gabriela Taline de Almeida Moreira
Henrique Delfino Fraga
João Vitor Trancoso Carvalho Gambarini
Júlia Jordaim Nippes
Kamilla Caroline Ramos Ribeiro
Luyara Rocha Vasconcelos
Marcela Rodrigues Nunes e Silva
Maria Eliza Rodrigues Gonçalves
Maria Luiza de Oliveira Cossine
Mariana Barbosa Neiva Pinho
Miguel Arthur Monteiro Intra
Millena Novaes D Almeida Reis
Tainara Aliprandi Sant'anna
Tiago da Silva Alves de Almeida

2022/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Ana Carolina Pimenta Braga
Erik Magalhães de Avilez
Gabriela Maria Lopes Gonçalves
Jessica Ribeiro Latif
Victoria da Rocha Rodrigues Brasil Dias
Yago de Vargas Mendonça

2022/02 - JORNALISMO

Andressa Antunes Domingos
Beatriz Bessa Menez
Beatriz de Aquino Santos Barros
Beatriz Heleodoro Barbosa
Clara Curto Uliana
Daniela Fernandes Salgado
Dirlan Machado Junior
Eduarda Dias Cardoso da Silva
Esther Mendes Dal Col
Giovanni Eller Werneck
Hayom Tovi Castorio Silva
Izabela Toscano Bassetti
Jonathan Neves Amaro
Jullia Cassia Silva Batista
Laura Conceicao dos Santos
Ludson Nobre Sampaio
Marcus Vinicius Reis de Oliveira
Mikaella Mozer Ferreira
Sarah Mascarenhas Bichara
Vitor Guerra Silva

2022/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Alfredo Evangelista dos Santos Neto
Daniel Carlos da Silva Eler
Denise Targueta Ferreira
Enzo Misse Moreno Fonseca
Flavia Zardini Assef
Igor Emilio Fonseca Oliveira
Isabella Azevedo da Silva
Janini Paganini
Jeferson Faustino de Oliveira
Klara Colodetti de Souza Licério
Lara Rodrigues Santana
Loren Nunes de Carvalho
Marcos Pedro Tosta Guarnier Filho
Maria Clara Andrade Ivanovitch
Melissa Barcellos Lima
Murilo Fiuza Silva

Rayra Costabeber Schneider
Samara Elisa de Paula do Rosário
Vitória Simão França

2023/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Caio Cardoso Correa
Daniel de Souza Pena
Luana Rodrigues de Brito
Luca Guariento da Cunha
Marcio Miranda Moraes
Thamyris Escardoa

2023/01 - JORNALISMO

Alberto Lopes Borém de Freitas Goncalves
Amanda Ribeiro de Carvalho
Ana Carolina Carnelli Amancio
Breno Bassetti Alexandre
Danielle Goncalves Mendonca da Silva
Duanny Luzia Gardoni Costa
Eduardo Braz do Espírito Santo
Gabriel Lopes Mazim
Jady Evelyn Santos de Oliveira
João Paulo Rocha Lopes
Julia Fae Linhares
Júlia Paranhos da Vitória
Karen Mantovanelli Tessarollo
Karina Lima Soares
Marcos Antonio Santos Porfiro
Maria Clara Casagrande de Araujo
Mariana Guedes dos Santos
Mariana Lopes Teixeira
Marina Moscon Coutinho
Nicolly Barbosa Credi Dio

2023/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Adrielly Silvino Alvim
Aline Ferreira Justino
Artur Quintela Balbino
Bettina Costa Vieira Rocha
Carolina Rabelo Neta
Dorotea Maria Scocco
Eduarda Ribeiro Souza Silva
Ester Margotto Montebeler
Felipe do Nascimento Vieira
Gabriel Flores de Araujo Machado
Kézia Castro Oliveira
Lucas Vieira Silva Pinto

Marcos Antonio Silva de Jesus
Pedro Henrique Marinho
Phi Andrade Chagas
Vica Bordon Santos

2023/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Caio de Castro Borges
Gabriel dos Santos Freire
Marlos Marques Brocco
Natália de Castro Mancio
Stefany Bonfim Pereira

2023/02 - JORNALISMO

Ana Clara Mardegan Silva
Camilla Lemos Lima
Geovanna Maria Lima Ferreira
João Vitor Malta Almeida
Lucas Rodrigo Froes Ogawa
Marcus Vinicius Souza Nascimento
Mariana Barbosa Eufrazia
Raabe Cesar Moreira Bastos
Rebeca de Souza Fagundes
Renata Rodrigues Coutinho
Victor Rodrigues Mattedi dos Santos
Victória de Andrade Meireles
Vitor Nicchio Casotti

2023/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Ana Clara Vale Pirovani
Ana Paula dos Anjos Aguiar
André Lovatti Coelho Koffer
Breno Clemente da Silva
Daniel Rossmann Jacobsen
Gabriela Rodrigues de Souza
Giseli Caria de Souza
Jayme Neto Ribas Lima
Julia Souza Ribeiro
Lana Penedo Baldotto Donato
Lara Almeida Campos
Lara Nogueira Franca
Letícia Felix de Moraes
Letícia Trindade Souza
Pâmella de Andrade Rosário
Robson Scholz Ferreira
Thaciara Marcela Ferreira Gomes
Túlio Augusto Gonçalves Lima
Yuri da Hora Barreto

2024/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Antônio Felipe Camilo de Araújo
Caio Silveira da Rocha
Emely Arnaud da Nobrega
Felipe Risallah Villela Nascimento
Heron dos Santos Ribeiro
Jorge Pinho Junior
Julia Perovano da Silva
Verônica Pires da Silva
Vinícius Antônio Batista Reis

2024/01 - JORNALISMO

Ana Clara Nogueira da Gama Treis Lanius
Ana Letícia Gabriel dos Reis Alves
Andressa Ribeiro dos Santos
Isadora Fadini Castiglioni
Jamilly Vaz Silva
Júlia Oliver Medeiros Vieira
Lucas Rodrigues de Oliveira Mello
Ludmila Costa Caetano
Matheus Andreatta da Silva
Nunah Souza Santos
Viktória Gomes Araújo

2024/01 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Ana Clara Goncalves Barbosa
Ana Laura Bertollo de Prá
Beatriz das Neves Freitas
Caique dos Santos Pereira
Eduarda Cougo Correa Alves
Giovanna Mont'mor da Cruz
Igor Carvalho Bolsoni
Júlia Gonçalves Coelho
Julia Merçon
Leonardo Silveira Pereira
Lucas Coimbra Queiroz de Souza
Melissa Lopes Daltio
Milena Piona de Souza Faroni
Nicolly Silva dos Santos
Pedro de Sousa Melo
Rayna da Silva Henrique
Vivia Bonela dos Santos
Viviane Medeiros de Souza

2024/02 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Alice Sales Vieira
Ariel Norian da Motta Silva

Daniella Marins de Oliveira
Edivaldo da Silva Aragão Junior
Gabriel Araujo de Niño
Gabriela Busato Borges
Gabriela Fraga Domingos
Igor Barbosa Jales
Iure dos Santos Marques
Júlio Cesar Dias Meireles
Larissa Passos de Oliveira
Lilian Barbosa Cordeiro
Maria Carolina Palermo
Maria Vitoria Ferreira Mourenco
Ygor Henrique Escobar Araújo

2024/02 - JORNALISMO

Amanda Goncalves Kfuri
Americo Wilson Azevedo Soares
Ana Carolina Leal Saraiva
Andre Luiz Albertasse Tulli
Caroline Matias Souto
Cicero Pereira de Lima
Eduarda Moreira Lisboa Pinto
Emilly Mendes Cruz Branco Rocha
Gabrielle Gomes Paiva
Isabela Xavier Marques
Julia Kaneko Vieira
Laryssa de Jesus Florencio
Laura Helena de Paula Valentim Ribeiro
Layna Silva Cruz
Livia Guerson Peixoto
Maine de Jesus Pinheiro
Maria Alice da Silva Costa
Patrick Loss Fernandes da Silva
Paulo Victor da Silva Ribeiro
Pedro Augusto Dias
Pollyana de Cassia dos Santos Pereira
Renam Henrique Linhares Bonela
Nascimento
Renan de Oliveira Pereira
Thaissa Lannes de Carvalho
Thayna Bahia Barbosa Simoes
Ygor Brito Bremide da Silva

2024/02 - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Ana Júlia Sena dos Santos
Anna Claudia Celestino Rocha Rodrigues
Daniella Braz Liuth

Gabriel Gavioli Boarato
Guilherme Destefane Bilo
Isabela Mattar Gobbi Araujo
Julia Fernandes Ramos
Julia Maria Andrade Silva
Karoline Layber Siqueira
Ketyla Ivo Braz
Laura Fernandes Pedro
Leticia Assis Alves Reis
Luiz Felipe da Silva Santos
Melissa Monteiro de Paula e Souza
Milena de Castro Pereira
Natalia Fernanda Oliveira Rodrigues
Nicole Garcia Sobreiro de Oliveira
Pedro Santiago Nascimento
Sulamita Vitoria Marinho da Silva
Vinicius Araújo de Freitas
Vitor Rigoni da Silva

2025/01 - CINEMA E AUDIOVISUAL

Ana Flávia Oliveira Lima
Brenda Araújo Bispo
Daniel Pirola Pena
Davi Alves Marques Rodrigues
Dianna Alves Bianchi
Enzo Rodrigues de Arruda
Gabriel dos Santos Lopes
Hector Murilo Breda Ribeiro
Isabela Gomes dos Santos
José Luiz Lehmen de Moraes
Júlio Cesar Lopes Correia
Lesley Sabaini do Lavrador
Mariana Milholo das Neves
Milena Guimaraes Lopes
Pedro Henrique de Ameixa Barcelos
Raiany Simões Rodrigues
Rodrigo de Almeida Souza

2025/01 - JORNALISMO

Ana Elise Plaster Campores
Andre Pietralonga Leocadio
Beatriz Horst Martins
Bruna Francisco Rodrigues
Davi Gomes de Souza
Deivid Antonio dos Santos de Paula
Eduarda Ferreira Guerra
Enzo Bicalho Assis
Esther Kerem de Oliveira Soares

Felipe dos Santos Dutra
Igor de Paula Sousa
Isabella Miliao Pinel Mota E Oliveira
Julia Santos Firme
Juliana Bonfa de Siqueira
Leonardo Lucas Gomes de Melo Cardoso
Leticia Arcanjo de Sampaio Oliveira
Liege Maria Vervloet
Lizzie de Almeida Barros Rocha
Mariana Santos Silva
Monique Ferreira de Oliveira
Sara Havana Dias do Nascimento
Sophia Oliveira da Silva
Thaiz Pereira Lepaus
Uandyleia Aparecida Dias Alves
Vinicios da Silva Pereira

**2025/01 - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Alexandre Magno Cerqueira dos Santos Filho
Ana Clara Patrocinio Neves
Ana Ivone Salomon Marques
Ana Luiza Lello Maria
Ana Livia Nunes Scheidegger Amaral
Angelina Ferreira Santolin Nunes Campos

Arthur Canuto Pereira
Breno Bergamin Aguiar
Clara Machado Rios
Daniele Geraldino Guerra
Filipe Chang
Gabriel Barcellos Miranda
Janderson Chagas da Rocha
João Vitor dos Santos Nascimento de Souza
Julia Bruschi Tolentino
Julia Souza da Silva
Juliana Martins de Carvalho
Laura Beatriz de Souza Oliveira
Leticia Pereira de Mendonca Costa
Livia Nunes Marques Del Caro
Livia Santos Souza
Manoel Ramos Nascimento
Maria Eduarda Ferro Goncalves
Melanie Sena Santos
Pedro Augusto Costa Sales
Renan Soares Silva
Renata Portella Ramos
Thailon do Amaral Fonseca
Thiago Piumbini Davila
Vitória Martins Simão

CAPÍTULO 7

Comunicadores, sim! Revolucionários, também!

BEATRIZ BRANDÃO, 8º período de Jornalismo

RAYLA CORRÊA, 7º período de Jornalismo

Movimentos que imprimem a marca da liberdade revelam a potência da nossa profissão. Ao longo destes 50 anos de intensa mobilização, percebemos que nosso papel, dentro e fora da sala de aula, vai muito além de estudos, textos e normas: compomos uma narrativa de colheita, frutos da mobilização de dezenas de colegas, alguns, hoje, mentores e professores, que trilharam caminhos até aqui.

A história do movimento estudantil na área da Comunicação Social da Ufes é marcada por luta, criatividade e performance, momentos que moldaram e continuam moldando a vida universitária.

A efervescência da década de 1980 marcou o início da participação ativa dos estudantes de Comunicação na vida acadêmica. O fantástico “Balão Mágico”, há cerca de 40 anos, abriu espaço para o engajamento estudantil, os debates críticos e as ações que transformaram o ambiente universitário. O grupo ficou conhecido por desafiar as estruturas da Ufes e propor novas formas de pensar o ensino e a prática comunicacional.

Segundo o livro *Balzaquiano: Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo*, o movimento nasceu do desejo de liberdade criativa e questionamento. Os estudantes reivindicavam mudanças no currículo, cobravam melhores condições de infraestrutura e contestavam metodologias tradicionais.

Suas manifestações, marcadas por performances, ironia e provocação, frequentemente chocavam professores e colegas. Entre “*happenings*” e protestos, destacaram-se as marchas por novos equipamentos de vídeo e as intervenções artísticas no *campus*. Foi também desse grupo que surgiu a Rádio TX, uma rádio pirata transmitida da Biblioteca Central, símbolo da busca por espaços alternativos de expressão e crítica.

O “Balão Mágico” cresceu e se espalhou, atraindo estudantes de outros cursos, como Artes, Medicina e Engenharia. Suas ações dividiram opiniões: para alguns, eram um grito necessário de liberdade; para outros, um exagero juvenil. Ainda assim, o movimento deixou marcas profundas, abrindo espaço para o debate, a experimentação e a consolidação de uma cultura estudantil que continuaria se reinventando nas décadas seguintes.

Entre performances e lutas, destacam-se docentes como o saudoso Cléber Carminati, que, como estudante e cofundador do “Balão Mágico”, batalhou pelo espaço do curso e pela formação de uma geração capaz de fazer a diferença. Seu legado como docente inclui a consolidação do curso de Cinema e Audiovisual, uma iniciativa potente que hoje forma profissionais relevantes para a sociedade.

Se o “Balão Mágico” abriu caminhos com arte, crítica e ousadia, o Centro Acadêmico de Comunicação Social (Cacos) surgiu como espaço de continuidade dessa energia transformadora. A ideia era ser um canal direto entre estudantes, universidade e sociedade. Até meados dos anos 1980, as ações seguiam de modo informal. A partir de então, os estudantes passaram a investir na constituição de um lugar formal nas discussões sobre os caminhos do curso, e o Centro Acadêmico passou a eleger diretoria.

Até aqui foram muitos altos e baixos. O Cacos viu de perto diferentes conjunturas políticas, resistiu a crises, cortes de verbas e períodos de desmobilização estudantil. E foi justamente nesses momentos de instabilidade que o centro acadêmico se fortaleceu e se reafirmou como símbolo de permanência e coletividade.

Durante os anos 1990, o curso de Comunicação da Ufes viveu um período de reorganização e resistência. Além dos projetos de rádio, os estudantes se mobilizaram para reativar o Centro Acadêmico, que estava desarticulado desde o início da década. Em 1994, novas eleições devolveram vida ao Cacos, e, no ano seguinte, um grupo de alunos realizou o enterro

simbólico de uma máquina de escrever em frente à Reitoria, em protesto contra as precárias condições laboratoriais. A ação resultou na instalação dos primeiros microcomputadores, ainda que defasados, marcando o início da informatização do curso.

No fim da década, o engajamento estudantil ganhou força com o Boicote ao Provão, promovido pela Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos), reafirmando o papel do movimento estudantil na defesa da qualidade do ensino em Comunicação.

Em 2004, o Cacos esteve mais uma vez à frente de um processo fundamental para o curso. Após duas décadas de espera, finalmente os comunicadores conquistaram seu espaço no Centro de Artes (CAr), lugar onde a história da Comunicação na Ufes continua a ser escrita.

A mudança representou uma virada simbólica e concreta: no novo espaço, as raízes do curso puderam se fortalecer, consolidando uma identidade própria. A saída do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) fez florescer o curso para a sociedade, deixando marcas profundas nas trajetórias dos comunicadores e reafirmando a profissão como um ofício de criação, expressão e transformação – um trabalho tecido entre a palavra, a imagem e o som.

“Ih, Caracos” e a retomada do curso

No início da década de 2010, o movimento estudantil da Comunicação vivia tempos de reconstrução. O jornalista Gustavo André, integrante da gestão “Ih, Caracos” (2014), relembra que o país vivia o segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, quando passava pela crise política que mais tarde resultaria no golpe de 2016. “Essa instabilidade política se refletia diretamente na educação, com vários cortes de gastos e impactos fortes nas universidades federais”, lembra.

Somado a isso, a situação interna do curso também não era fácil: o vestibular de Comunicação foi suspenso em 2013. O motivo? Um boicote ao Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) feito pelos alunos que estavam se graduando. O curso ficou sem receber novas turmas, o que também enfraqueceu o movimento estudantil e diminuiu o engajamento. “A principal pauta daquele momento era o retorno do vestibular. Sem novos estudantes,

o curso perdia força, os projetos de extensão e pesquisa se enfraqueciam, e o ambiente acadêmico ficava estagnado”, conta Gustavo.

Apesar dos desafios, a resistência deu frutos. Após a regularização da situação, o Ministério da Educação (MEC) anunciou um vestibular extraordinário para o curso de Comunicação Social com início das aulas em agosto de 2015. O novo vestibular marcou então a retomada das turmas, resgatando o espírito coletivo do curso e dando nova vida ao movimento estudantil. “A chegada desses novos alunos reacendeu o interesse pelo centro acadêmico. Eles viam na atuação do Cacos um espaço que cuidava do curso e dos estudantes”, recorda Gustavo.

“Ressurgindo dos Cacos”: reconstrução em tempos sombrios

Poucos anos depois, em 2018, a jornalista Sântia Ott participou da gestão “Ressurgindo dos Cacos”, um nome que simbolizava exatamente o momento vivido. “O país passava por grandes mudanças políticas, com guinada à direita e à extrema direita. Na universidade, isso gerou apreensões, principalmente pelos cortes de gastos anunciados para as instituições públicas”, ressalta.

Sântia e sua equipe assumiram o centro acadêmico praticamente do zero. O engajamento estava baixo, o orçamento era curto e as dívidas sobravam. “Esse foi um dos motivos pelo quais nossa chapa foi única – havia pouco interesse em participar do movimento”, lembra Sântia.

A gestão decidiu então se dedicar a reconstruir laços perdidos com os estudantes e com o Departamento de Comunicação. Para isso, promoveram assembleias, limparam a sala do Cacos e realizaram eventos como saraus e festas juninas conjuntas com outros cursos. “Acredito que nossa principal conquista foi justamente essa: a retomada das atividades, para que depois outras gestões pudessem continuar o trabalho com dedicação”, conclui a jornalista.

“Primavera” e “Reconecta” enfrentam os desafios da pandemia

Mas quando tudo parecia voltar aos eixos, a pandemia da covid-19 mudou os planos. Com ela, surgiram novos desafios à vida na universidade, o que também não foi diferente com o movimento estudantil.

A jornalista Isabela Xavier, integrante das gestões Primavera (2021–2022) e Reconecta (2022–2023), participou justamente desse período de transição. “Eu fiquei um bom tempo no Cacos, da pandemia até o fim dela. Era o governo Bolsonaro e a pandemia. Tudo estava meio largado, ninguém sabia direito como as coisas iam ficar”.

Quando a gestão anterior se encerrou, parecia que ninguém estava realmente interessado em assumir o Cacos. Foi quando Isabela e duas amigas decidiram reconstruir o centro acadêmico em meio ao ensino remoto, quando o sentimento de isolamento era forte entre os estudantes. “Não tinha nem grupo de WhatsApp do curso. Nossa luta era justamente manter as coisas, acolher quem chegava, tentar ajudar e mostrar como tudo funcionava”, recorda.

Foram momentos complicados, de muitas incertezas para todos. Mesmo assim, o Cacos resistia da forma que era possível. Com o retorno gradual das atividades presenciais, o centro acadêmico voltou a ocupar as ruas e os espaços de debate. “Depois da primeira dose da vacina, começou a ter manifestações e a gente sempre tentava mobilizar a galera”, lembra.

Em tempos do temido Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (EARTE), o Cacos surgia com integrações online que buscavam deixar esse momento mais acolhedor. Desde live de calourada a roda de conversas, o objetivo era manter todo mundo unido até que os “rocks” pudessem voltar a fazer parte do cotidiano do curso. “O que mais nos deixa feliz é termos mantido o curso vivo nesse âmbito do movimento estudantil, vendo a galera se mobilizando”, afirma Isabela.

O período também foi marcado por ações solidárias, como arrecadações de alimentos e apoio a colegas em situação de vulnerabilidade durante o retorno às aulas presenciais. “Quando o RU parava, a gente ajudava com marmita. Era interessante, porque o objetivo era esse: manter a galera estudando”, relembra.

E não é exagero afirmar que, mesmo diante de décadas de desafios, o Cacos permanece como referência de luta e resistência estudantil. Isabela relembra que, com o retorno às atividades presenciais, o centro acadêmico se destacou por ter mantido sua atuação mesmo durante a pandemia, tornando-se um dos poucos espaços ativos nesse período. “O DCE chegou a nos procurar para entender o que estávamos fazendo. Acho que conseguimos fortalecer o movimento estudantil como um todo”, conclui.

Ontem e hoje

Quarenta anos separam o experimentalismo performático do “Balão Mágico” da atuação atual do Cacos. Se antes o movimento estudantil se fazia em palcos improvisados, megafones e rádios piratas, hoje ele se manifesta nas assembleias, nas redes e nas reuniões institucionais. As formas mudaram, mas a essência permanece: fazer da Comunicação um campo vivo, crítico e transformador. A trajetória do Cacos reflete essa transição, da rebeldia criativa à construção política cotidiana, um movimento que continua pulsando na história do curso e na vida de quem o compõe.

Vale registrar que a gestão atual do Cacos, Chapa Pontes (2024–2025), foi procurada para contribuir com este levantamento histórico, mas não respondeu às perguntas alegando estar em período eleitoral. Ainda assim, a trajetória das gestões anteriores e as memórias dos estudantes revelam a continuidade de um movimento que, apesar das transformações e desafios, mantém viva a essência do engajamento estudantil na Comunicação.

Nesse contexto, depoimentos como o de Larissa Tallon, formada em Jornalismo em 2021, reforçam a importância do ativismo estudantil. Participante de movimentos como o Kizomba e das eleições do DCE, Larissa recorda a intensidade de momentos como a eleição de 2018 e os cortes no ensino público, quando mobilizações e manifestações transformaram indignação em ação. Para ela, “a comunicação não é neutra; é compromisso, construção do presente e da memória histórica, coragem de questionar e transformar realidades”.

Assim, história, movimento estudantil e experiências pessoais se entrelaçam, mostrando que ser comunicador é também ser crítico, atuante e revolucionário, um agente capaz de interagir com a sociedade, desafiar limites e construir caminhos de transformação contínua.

Luz, câmera e resistência – o Cacau completa 10 anos

Criado em 2015, o Centro Acadêmico de Cinema e Audiovisual (Cacau) nasceu de uma Assembleia Geral dos estudantes do curso, que decidiram construir um espaço próprio de representação. Como conta o livro *Balzaquiano + 10: 40 anos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo*, a ideia era fortalecer o movimento estudantil dentro da Comunicação, garantindo que esse curso, noturno e ainda recente, pudesse ter voz ativa nas

decisões do Departamento de Comunicação Social. Desde então, o Cacau se firmou como um espaço de mobilização, diálogo e produção coletiva.

Dez anos após esse movimento, é possível observar que o contexto nacional e universitário passou por grandes transformações. Como relembra o estudante de Cinema e Audiovisual Emanuel Rodrigues, integrante recente do Cacau, “foram anos de muitas mudanças em pouco tempo”.

Da crise política de 2016, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, passando pelos governos Michel Temer e Jair Bolsonaro até o atual governo Lula, a universidade enfrentou cortes orçamentários severos e um cenário de precarização. “A gente tinha uma conjuntura de sobrevivência. Faltava verba para pesquisa, para itens básicos como iluminação, sabonete e comida. O ensino não era realmente uma prioridade”, lembra Emanuel.

Apesar de conquistas como a Lei de Cotas, sancionada em 2012, que garantiu a reserva de vagas para pessoas pretas, pardas, indígenas, quilombolas e oriundas de escolas públicas e ajudou a ampliar a diversidade no ensino superior, as universidades viveram grandes desmontes entre 2019 e 2022. Os cortes na educação levaram à evasão estudantil e ao enfraquecimento da permanência universitária.

Nesse contexto, o movimento estudantil voltou às ruas. Manifestações como o Tsunami da Educação (2019) e, mais recentemente, a ocupação da Reitoria da Ufes, em 2022, marcaram a luta pela recomposição de bolsas e pela melhoria do Restaurante Universitário. “A gente reivindicava o mínimo: alimentação e pagamento das bolsas de pesquisa e extensão. Mexeu com o estudante, mexeu com o Satanás”, brinca Emanuel, citando uma frase que se tornou símbolo da resistência universitária.

E o Cacau, mesmo sendo um centro acadêmico jovem, esteve presente em diversas dessas mobilizações, especialmente nas ações conjuntas com o Diretório Central dos Estudantes (DCE). “O curso sempre tentou estar presente nas ações organizadas pelo DCE, principalmente nas pautas sobre assistência estudantil”, explica o estudante.

Nesse cenário, o Cacau foi se fortalecendo como um espaço de articulação interna e construção coletiva e passando por processos de amadurecimento político e institucional. “A gente correu atrás do nosso espaço de voto e de voz, porque não conheciam a gente. Além das conquistas físicas, tivemos muitas conquistas institucionais, de participar de decisões”, destaca.

Entre as vitórias mais recentes e marcantes está a conquista da sala do centro acadêmico em 2018, uma demanda reivindicada há muitos anos. Com a sala, vieram também apoios básicos de infraestrutura, como ar-condicionado, frigobar e micro-ondas. “Foi um longo percurso pra conseguir, mas ver as pessoas usando o espaço hoje é muito gratificante”, conta Emanuel.

Outra conquista importante foi a realização do Festival Cacau de Cinema, que expandiu o formato da antiga Mostra Cacau, antes restrita à recepção de calouros. O festival passou a premiar produções universitárias e exibir filmes no Cine Metrópolis, dentro da Ufes.

“A gente viu pessoas dizendo que era a primeira vez que viam seu filme na tela. Produzir cinema universitário é muito difícil, nosso curso não tem tanto investimento quanto as engenharias, mas mesmo com pouco a gente consegue”, aponta o estudante.

O funcionamento do Cacau continua seguindo um modelo participativo: as gestões são formadas em assembleia, sem chapas fixas, e as novas composições são votadas coletivamente. Após a aprovação da gestão, há nova votação para escolha da presidência.

Hoje, o Cacau completa seus dez anos celebrando conquistas e vislumbrando mais vitórias para os estudantes de Cinema e Audiovisual da Ufes. Emanuel termina a entrevista deixando um convite para que os próximos a ingressar no curso vivam a experiência de fazer parte de uma organização estudantil: “Eu sei da diferença que essas organizações estudantis fazem na vida dos estudantes. E para além disso, a gente ganha muito conhecimento para a vida e para o curso”.

CAPÍTULO 8

Memória Viva

BRUNA PEREIRA DOS SANTOS, 8º período de *Jornalismo*

Ao longo de 50 anos, muitos profissionais técnico-administrativos passaram pelo Departamento de Comunicação Social. O dia a dia de mais de 3 mil alunos e quase 200 professores, ao longo desse período, passou e passa pelas mãos e pelos olhares atentos e carinhosos desses profissionais, que merecem a gratidão de todos.

A trajetória de dois deles marca um capítulo especial nessa história: Helia Joseph e Robson Barros Torres, secretários do Departamento de Comunicação Social. Eles não lecionam, mas são fundamentais para os corpos discente e docente das graduações do DepCom.

Carinhosamente chamada de Tia Helia, a secretária tem na Ufes uma companheira de vida. Aqui, graduou-se em Direito e depois, em 2004, em Jornalismo. Sempre impecavelmente vestida com conjunto de saia e blusa, atende com sua sabedoria e seu sorriso sereno, evidências de quem já testemunhou muita história e é capaz de entender o fluxo dos dias.

Como advogada, começou sua carreira profissional em um escritório no centro de Vitória, em parceria com um sócio, amigo da faculdade, mas o Direito nunca lhe saltou aos olhos. Foi assim que, graduada em Jornalismo, recebeu o convite da professora Ruth Reis para trabalhar como secretária no Departamento de Comunicação – e prontamente aceitou.

Nesse período, a jovem Helia precisava conciliar a vida de advogada com a de secretária, contudo, sempre preferiu a jornada de trabalho na Ufes. Com uma filha pequena, ela precisava trabalhar dobrado. Após o falecimento do seu sócio, ela preferiu fechar o escritório e focar apenas no Departamento.

Ao longo deste tempo, Tia Helia aponta a chegada das tecnologias digitais como fundamental para agilizar as tramitações dos processos. Não se trata de um processo fácil. A transição para o digital demandou muito aprendizado. “Os obstáculos, os desafios estão aí exatamente para a gente procurar vencê-los. Na nossa vida, teremos obstáculos em todos os momentos e em qualquer lugar, basta você estar preparado para vencer e buscar quem vai te ajudar”, recomenda.

Em 5 de maio de 1954, foi fundada a Universidade Federal do Espírito Santo, e no dia 12 de maio de 1960 nascia Tia Helia. Vinte anos depois, elas se encontraram para a sua primeira graduação. Segundo a secretária, trata-se de uma verdadeira questão de afeto. “Nós duas temos quase um vínculo de nascimento, fazemos aniversário em datas próximas. Quando eu nasci, a Ufes fez seis anos de inauguração. Observe bem: isso não é algo trivial”, destaca.

Com os anos de serviço tributados à universidade, Tia Helia espera deixar um legado de comprometimento e amor pela instituição de ensino. “Eu desejo que se lembrem da ‘Tia Helia’ como aquela pessoa que se dedica a estar presente de segunda a sexta-feira, no horário estabelecido. Que se empenha para nunca faltar, nunca chegar atrasada e nunca sair antes do término do expediente”.

“Há uma percepção de que o servidor público é negligente ou desinteressado, contudo, essa não é a realidade, especialmente em nossa instituição. Sempre buscamos atender diligentemente o público e os nossos alunos, pois sem eles, meu serviço e minha função não existiriam”, revela.

“Tenho grande apreço pelos alunos, embora já tenha ouvido diversas pessoas, incluindo ex-alunos, perguntarem: ‘Tia Helia, a senhora ainda está aqui? Como suporta esses alunos?’”. Eu lhes digo que, se não houvesse alunos, não estaríamos aqui. Agradeço a Deus por isso. Foi através desta instituição que formei minha filha, que eu mesma me formei, que asseguro meu sustento e que criei meus sobrinhos e minha filha”, pontua.

“Sinto um profundo orgulho e um grande apreço pela minha universidade federal. Não se trata de uma afirmação leviana, mas de um sentimento sincero. Penso com frequência na minha aposentadoria. Imagino que os primeiros meses exigirão uma adaptação à nova rotina e ao ócio. Mas é fundamental que eu me retire em determinado momento. É preciso ceder espaço aos mais jovens. Apesar de os colegas me considerarem uma memória viva da instituição, essa memória, aos 65 anos, já demonstra sinais de enfraquecimento. Ah, minhas rugas...”, considera Tia Helia, com um misto de sabedoria e leveza.

“Aos mais jovens, digo: façam com dedicação e amor. Pois nada do que se faz, se não for acompanhado de um profundo amor por aquilo que se executa, trará verdadeira felicidade. Se algo é realizado com amor, a pessoa estará sempre bem consigo mesma e com os que a cercam”, arremata.

Ao se entrar na sala do Departamento de Comunicação Social, no Cemuni V, no Centro de Artes, a primeira pessoa a ser encontrada é Robson Barros Torres, carinhosamente apelidado de Robinho. Ele é um egresso do curso de Jornalismo e viveu muitas aventuras enquanto aluno na universidade. Esteve com o “Balão Mágico” e o grupo “Ócio Criativo”, de militância estudantil e protagonistas de importantes conquistas para os estudantes.

Robinho veio para a faculdade como um jovem que viu na universidade pública um lugar para expressar sua liberdade, e foi na Ufes que ele encontrou uma casa. “Começo afirmando que a universidade sempre foi minha casa. Meu pai tinha posições semelhantes às do ex-presidente Jair Bolsonaro, e eu, buscando evitar confrontos, encontrava refúgio aqui. Enquanto todos entravam em período de férias, eu vinha para a Ufes, mesmo antes de fotografar, apenas para observar. Frequentava muito a biblioteca. A seção de design e arte, no segundo andar, é excelente”, revela.

Por conta de percalços da vida, Robinho não conseguiu concluir o curso e foi jubilado, o que o fez procurar novos caminhos profissionais. Viveu um tempo no Reino Unido, e após alguns anos retornou ao Brasil. De volta, em Vitória, foi informado de que haveria um concurso para servidor público, no Departamento de Comunicação da Ufes, e não hesitou em fazer a prova e voltar para servir no lugar que sempre foi a sua casa. E, em 2011, iniciou sua jornada profissional na Ufes.

Para Robinho, é de suma importância valorizar o ensino público. “Apreciem o curso de Comunicação Social, suas áreas do Jornalismo, Publicidade e Cinema. Muitas regiões e países não dispõem de instituições como as nossas universidades públicas, e muitos estudantes internacionais buscam aqui a oportunidade de estudar. A universidade pública é um centro de pesquisa e geração de conhecimento, local onde grandes descobertas são realizadas”, pontua.

Segundo o secretário, o maior desafio é precisar lidar com o desinteresse das pessoas. Para ele, é fundamental que se tenha zelo pela universidade, que sofre com muitas falácias de pessoas que não vivem o cotidiano acadêmico. “Olha, o desafio maior aqui na Ufes é lidar com pessoas desinteressadas, sejam alunos, se-

jam professores, sejam funcionários. Muitas vezes você se depara com pessoas que estão com outros interesses, além do ensino público gratuito e de qualidade, mas, no geral, 90% das pessoas com quem a gente lida têm interesse em manter a universidade funcionando”, observa.

“Portanto, desenvolvam argumentos para defender esse patrimônio nacional. Reconheçam o custo envolvido na manutenção da universidade pública, incluindo a infraestrutura, como salas de aula equipadas com computadores, sistemas de som e projetores. Manter um ensino público gratuito e de qualidade exige investimento. Por fim, busquem o autoconhecimento. Procurem entender quem vocês são, suas paixões e seus interesses. Cada momento dedicado a atividades que não lhes agradam representa uma perda de tempo. O autoconhecimento é fundamental para uma vida mais plena”, assegura Robinho.

Tia Helia e Robinho destacam que a pandemia da covid-19 foi um dos momentos mais críticos de suas trajetórias. Além de lidar com o afastamento do campus e com todas as dores de tantas mortes, eles tiveram de enfrentar o desmonte da sede do DepCom, que foi inundada por uma forte chuva após intervenções no teto. Livros e documentos foram perdidos. Todas as divisórias se acabaram. Na volta, além da desolação da pandemia, enfrentaram o desafio de praticamente recomeçar do zero, separando entulho e redesenhando o cotidiano do departamento.

As falas e declarações dos secretários expõem o carinho pela universidade. Tia Helia diz que o que define a sua trajetória no departamento é o “amor”. Amor esse também provado por Robson, que viveu a universidade nas suas mais variadas formas e intensidade, com uma vida inteira de serviço e “dedicação”.

Os anos vão passar, e, de quatro em quatro anos, os alunos entrarão como calouros e sairão prontos para suas próprias histórias. Mas vale lembrar dos que ficam, daqueles que escolheram ficar. Mantêm as histórias, são a história, a memória viva do Departamento de Comunicação Social da Ufes.

CAPÍTULO 9

Experiências em foco

A docência tem papel central na história de meio século da Comunicação Social na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Para a composição deste capítulo, foi feito um convite especial aos docentes em atividade no Departamento de Comunicação Social (DepCom) para que escrevessem sobre a sua experiência no ensino, na pesquisa e na extensão. Por ordem alfabética de autoras e autores, acompanhe a trajetória de 50 anos do curso pelos passos das docentes e dos docentes que aceitaram o convite de contar a sua história e, assim, narrar uma parte do percurso comum.

Um curso-rizoma

POR CLÁUDIO RABELO

A comunicação não é um curso encerrado ontologicamente em um espaço epistemológico, mas um rizoma. Muito mais do que uma formação, ele se produz nas fronteiras, nos pontos de contato e nas linhas de fuga. Minha relação com a Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) antecede a escolha laboral ou a pressão do vestibular. Meu pai, Gilberto Rabelo, jornalista formado pela Ufes, não atuou efetivamente nas redações dos jornais, mas atuou como um excelente comunicador à frente da gerência do Banespa. Colaborador como cronista de importantes revistas locais e compositor premiado, seus olhos brilhavam ao falar sobre a paixão pelo jornalismo.

Decidi pelo vestibular em Comunicação Social por influência de um amigo que estagiava em uma agência de publicidade. Comecei a estudar na Ufes em 1995, aprendendo com Ruy Roberto Ramos, Júlio Martins, Fernando Manhães,

David Protti, Ricardo Conde e José Irmo Gonring os princípios deste ofício e forma de enxergar o mundo. No terceiro período, optei pela área da Publicidade e Propaganda, sem demérito para a fraterna área jornalística, tanto que, por afinidade, já no mestrado em Letras, optei por analisar o romance reportagem de Gabriel García Márquez.

Com o tempo, descobri que a maior demanda do campo publicitário não tem a criatividade como fundamento, mas a aprendizagem. Aprender a aprender, antropologia, história, artes, design, música, economia, sociologia, filosofia, estatística, semiótica, linguística, ética, jornalismo, relações públicas, cinema, política são áreas correlatas, entre tantas outras, que sustentam o rizomático campo epistemológico publicitário.

Se em 1995, ao ingressar como estudante de graduação, aprendi os princípios da publicidade impressa, as técnicas de produção de anúncios gráficos, sonoros e audiovisuais, já na formatura, em 1999, tive sinais das radicais mudanças que estavam por vir. A internet, mesmo que discada, já soprava de forma tímida os ventos das mudanças paradigmáticas no mercado publicitário. Esses ventos direcionaram os lemes da minha carreira para as novas tecnologias de comunicação e educação. Em 2002, comecei a carreira de educador em uma faculdade privada, lecionando “Comunicação mediada por computador”, que com o tempo se transformou em “Propaganda contemporânea e novas mídias”. Em 2011, terminei o doutorado em Educação, também com pesquisa voltada para as novas tecnologias e uma educação em redes. Em seguida, fui aprovado em um concurso para atuar como professor efetivo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul.

Voltar para a casa, em 2016, teve um significado ampliado. Não somente a proximidade da família, mas também de todos os signos de pertencimento. Casa não se restringe à espacialidade do apartamento. A cidade de Vitória não deixa de ser o meu lar, assim como a Universidade que me formou. Passei no concurso para a Ufes e tomei posse para a vaga que antes era ocupada pelo ilustre professor recém-aposentado na ocasião, Ismael Thompson, o tio Isma, a lenda admirada por todo mundo que já passou pelo curso. Ocupei a vaga direcionada para as novas mídias e tecnologias emergentes.

Há um devir-Ufes. Passaram-se 30 anos desde o ingresso na graduação e quase 10 anos desde a minha posse como docente. Como parte deste devir, tudo parece que aconteceu da semana passada para cá. A liberdade de cátedra, as regras, as burocracias, os eventos formais e informais, as falhas humanas, as redes de saberes

plurais, as responsabilidades e as contingências são incríveis oportunidades de aprendizagem com as diferenças políticas, éticas, estéticas, lógicas e discursivas tecidas em entre todos os praticantes destes cotidianos em redes.

Pude contribuir como coordenador de curso em alguns mandatos, com a felicidade de compartilhar, com os colegas e estudantes envolvidos, a recuperação das notas máximas nos Exames do Enade e a premiação, feita por meio de votação popular, no Prêmio Colibri, com o troféu de ouro na categoria “Ensino Superior”. Também tenho a felicidade de atuar com a extensão, mais especificamente na coordenação do Projeto Três em Um e no curso Mooc mais acessado da Ufes (Comunicação em Mídias Digitais).

O curso de Publicidade e Propaganda, na Ufes, amadureceu, sem envelhecer. Tornou-se robusto, sem perder a ternura, jamais. Lidamos com as mudanças tecnológicas, a ameaça da inteligência artificial, as crises geopolíticas mundiais, a transformação digital, a crise da atenção, as narrativas transmídia, a hiper-realidade, a lógica da cauda longa, as demandas *omnichannel*, a internet háptica, vestível e das coisas, em meio a uma sociedade líquida, hiperestimulada, estressada e politicamente descrente. A era dos simulacros tem nos afastado da aldeia global e nos prendido em bolhas midiáticas, formadas por turbilhões de sujeitos que gritam por atenção. Diante do caos, as instituições parecem perder a credibilidade. Há uma inversão, onde o artificial passa a pautar o real, de forma que as Universidades e o próprio jornalismo são atacados por discursos de desinformação. Por isso, nosso desafio consiste em desatar esses nós, compreendendo a comunicação, a educação e a propaganda como formas de reeducar os algoritmos e resgatar os sujeitos, para que possam ocupar importantes espaços de trabalho. Muito mais do que mercadorias (de um mercado), devem ocupar espaços sociais, conscientes dos seus papéis discursivos. Aprendi sobre a persuasão publicitária em 1995. Em seguida, estudei seus aspectos voltados para as demandas tecnológicas. Mas, agora, enxergo um futuro orgânico e humano para a profissão. Historicamente, o discurso da propaganda é capaz de construir nações imperialistas, naturalizar as lógicas do fascismo, estimular um hiperconsumo, além de desqualificar a educação e a mídia. Nos espaços da Universidade, o curso tende a educar o mercado para as relações reais, a reconexão humana, a acessibilidade, o respeito às diferenças, o resgate do meio ambiente, a sustentabilidade e também para as condições dignas e humanas de acesso ao trabalho. O curso de comunicação da Ufes resiste em sua proposta de levar educação pública, gratuita e de qualidade, desde aqueles que vieram antes de mim, e continuará com aqueles que virão depois de nós.

Um pouco do meu percurso no DepCom

POR ERLY VIEIRA JR.

No meu primeiro dia como estudante de Publicidade, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) me presenteou com um ingresso para ver um filme chinês (*Lanternas vermelhas*) no Cine Metrópolis. Para um adolescente periférico até então desinteressado no cinema, todo um universo de imagens, sons, ritmos e afetos se abriu pra mim naquela tarde. Ali, a Ufes definiu meu destino e fez nascer um cinéfilo, que ainda estudante descobriria o desejo de pesquisar e trabalhar com cinema. Em 2008, retornei a essa mesma universidade, desta vez para compartilhar um pouco do que aprendi e continuo aprendendo ainda hoje no mundo das imagens em movimento, sempre buscando despertar nas turmas um pouco da paixão que o cinema me despertara ainda tão jovem.

Uma das primeiras missões foi a de participar do grupo que criou o curso de Cinema e Audiovisual, implantado em 2010, e que transformou inegavelmente a cara da produção local, ao aliar a pesquisa teórica e a prática num amálgama muito instigante. Vale lembrar que o curso surge num momento histórico importante do país: o das políticas afirmativas raciais e sociais no ensino público superior. Através delas, pessoas pretas, pardas e periféricas não só se tornaram maioria em nossos cursos, como também trouxeram outros olhares, temas e perspectivas para o cinema local. Esses primeiros anos foram marcados por uma geração bastante combativa e engajada, que me fez repensar e oxigenar as metodologias, referenciais teóricos e temáticas abordadas em sala de aula.

Muitas das transformações que o cinema local passou nos últimos anos ocorreram sob o impacto gerado pelo curso, em especial na ampliação da presença de grupos minoritários, cada vez mais assumindo-se como sujeitos de suas próprias narrativas audiovisuais. Alguns dos curtas-metragens capixabas mais impactantes e assistidos dos últimos anos foram originalmente concebidos e debatidos dentro de sala de aula na Ufes e dá um orgulho imenso poder ter acompanhado tais processos.

Nesses anos todos, muitos foram os objetos de minhas pesquisas, como as questões envolvendo corpo e cinema, a dimensão sensória da experiência audiovisual, os cinemas de minorias (em especial o LGBTQIAPN+), o vídeo experimental e a videoperformance, o cinema mundial e o capixaba. Em 2012, junto à professora Gabriela Alves, criamos o CIA (Comunicação, Imagem e Afeto),

grupo de pesquisa que permitiu aprofundar essas discussões no âmbito da graduação e da pós-graduação, fomentando diversas pesquisas discentes nesse campo.

Entre 2013 e 2019, foi a vez do Baile, grupo de pesquisa e projeto de extensão criado em parceria com o professor Gabriel Menotti e voltado para as aproximações entre a comunicação e a arte contemporânea. O foco era nos debates sobre processos criativos, na memória das artes e do audiovisual local, nas práticas curatoriais e na criação e circulação de acervos culturais. O Baile implantou, em nosso departamento, uma cultura de mostras de processo, sessões de cabine, publicações e oficinas em formatos experimentais que ampliaram bastante a formação de nossos estudantes. Entre as parcerias realizadas, estão o projeto Acervo Vivo (2014-2015), junto à GAEU-UFES e a TV Ufes, uma série de 23 programas sobre artistas visuais capixabas e seus processos criativos, e o Núcleo de Estudos em Curadoria Audiovisual (2016-2019), que atuou junto ao Festival de Cinema de Vitória e contribuiu para criar uma geração de curadores como Luana Cabral, Waldir Segundo e Gustavo Guilherme, todos atualmente inseridos no cenário local e nacional.

Alguns dos livros que publiquei nesses anos, dedicados ao audiovisual e às artes locais, surgiram das pesquisas desenvolvidas junto ao Baile. As questões de memória, formação e difusão de acervos audiovisuais capixabas têm continuidade num outro projeto de extensão que coordeno atualmente, o Imagens Insistentes, iniciado em 2024, bem como na minha participação em outro projeto de extensão, o OCAC, coordenado pelo professor Arthur Fiel.

Além da atuação no audiovisual, também fui coordenador, entre 2009 e 2012, do Cronópio, projeto de extensão voltado para incentivar a produção literária e a crítica cultural. Nele, surgiu a revista online Graciano, cujas nove edições marcaram época por seu conteúdo e projeto gráfico arrojados – atualmente, elas estão disponíveis em <https://blog.ufes.br/neples>. Totalmente editada pelos estudantes, a revista centrava-se na literatura capixaba, reunindo entrevistas, artigos e textos literários diversos. O Cronópio revelou uma geração de escritores, jornalistas e produtores culturais, e muitos deles publicariam seus próprios livros nos anos seguintes, como Lívia Corbellari, Leandro Reis, Brunella Brunello, João Chagas, Isabella Mariano, Sidney Spacini, Guilherme Rabêlo e Marcel Martinuzzo, entre outros. Um dos maiores aprendizados que tive com essa geração incrível foi justamente a de que sonhar e realizar algo junto faz com que mudemos cada vez mais coisas, e nos reinventemos a cada nova experiência. Sigo levando isso comigo até hoje, grato por tantos encontros incríveis ocorridos nesses dezessete anos trabalhando no DepCom.

Percursos que se unem

POR GABRIELA SANTOS ALVES

Gabriela Santos Alves nasceu em 02/02/1978 na cidade de Vitória/ES. É filha caçula de Nadir Santos Alves e de Luiz Alves Filho, e seus irmãos são Luiz Wagner Santos Alves e Maria da Penha Santos Alves. Das avós Quintil Alves e Maria Santos herdou a profissão de professora e o desejo de ampliar as narrativas sobre corpos dissidentes, em especial das mulheres. Gabriela é professora desde os 18 anos de idade e foi a 1ª pessoa de sua família a ingressar na universidade pública. Ambas as ações são motivos de orgulho maior para ela e para os seus. Vinda de família periférica, em Vitória, lê-se socialmente como uma mulher parda de pele clara, é casada com Marcus Neves, artista sonoro e também professor, e acredita na força da espiritualidade para unir caminhos.

Está lotada, desde 2010, no Departamento de Comunicação Social. Hoje é Professora Associada e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – PósCom/UFES. Integra, como pesquisadora, o LapVim – Laboratório de Pesquisas sobre Enfrentamento à Violência contra Mulheres no Espírito Santo e o grupo de pesquisa CIA – Comunicação, Imagem e Afeto (UFES/CNPq)–, que também coordena. cursou Doutorado em Comunicação e Cultura na Eco/UFRJ (2010), onde também concluiu seu primeiro Estágio Pós-doutoral, em 2018, sobre estudos de roteiro audiovisual. Em 2023, concluiu segundo Estágio Pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia/Ufes, ocasião em que se dedicou aos estudos da obra da teórica feminista Silvia Federici. cursou Graduação em Comunicação Social - Rádio e TV pela FAESA (2000), Graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003), Especialização em História Política – Ufes e Especialização em Filosofia – Ufes. O Mestrado em Estudos Literários foi concluído em 2005. Suas áreas de interesse acadêmico e artístico são cultura audiovisual e identidades femininas; representatividade no audiovisual; teoria e crítica feministas contemporâneas; gênero e racialidades. Atua, também, como realizadora audiovisual, nas funções de diretora, roteirista, curadora e consultora de mostras e festivais de cinema.

No âmbito da pesquisa acadêmica coordena, desde 2016, o projeto de pesquisa “Clausuras: territórios e sentidos dos claustros femininos” – pesquisa que propõe-se a refletir sobre territórios e sentidos de claustros femininos a partir de uma metodologia que une análise de referencial teórico do campo da Teoria Feminista Contemporânea e análise fílmica de produções que destacam

histórias e personagens femininas, e que sejam, preferencialmente, dirigidas por mulheres, tanto no campo da ficção quanto do documentário. Esses claustros são e serão analisados a partir de seis territórios específicos, ao longo de 20 anos de trabalho (2016 a 2036), período total do estudo. Tais territórios dialogam com sentidos que são produzidos a partir e/ou por eles, sempre com o objetivo de questionar a presença e a participação/exclusão feminina. São eles: presas (a fim de tratar da prisão institucional de mulheres pelo Estado), loucas (questionamento e análise da histeria feminina); putas (sexualidade feminina); santas (par antiético santificação \times violência dos corpos das mulheres); donas de casa e mães (a fim de politizar o espaço doméstico) e drogadas (investigar a medicalização dos corpos femininos). Paralelo e complementarmente à produção acadêmica, “Clausuras” também engloba sua produção artística, através da realização de filmes que tratam das temáticas assinaladas, como o curta-metragem *C(elas)* (2017), dirigido e roteirizado por Gabriela e que trata da relação entre maternidade e ambiente prisional, e *Riscadas* (2019), curta-metragem em que atuou como produtora associada e pesquisadora e que trata da produção de artistas visuais capixabas e seus trabalhos de enfrentamento/questionamento à violência contra mulheres no Espírito Santo. Além da realização fílmica, contempla produções realizadas pela professora com participações em festivais e mostras de cinema, assim como consultorias e curadorias realizadas. Atualmente dedica-se ao filme *Hystéricas*, seu primeiro longa-metragem documentário e que trata da histeria feminina.

Já no âmbito da extensão universitária participou dos seguintes projetos, entre outros: “Programa de Extensão Próximos Olhares”, em parceria com os professores Marcus Neves (Dtam) e Klaus’Berg Bragança (DepCom), desenvolvido entre 2013 e 2017; “Cineclube e Mostra de Cinema Teresa de Benguela”, em parceria com as realizadoras audiovisuais e, à época, estudantes do curso de Cinema e Audiovisual Laisa Freitas, Hegli Lotério, Karol Mendes e Daiana Rocha, desenvolvido entre 2016 e 2018; “Documentário ‘Refúgio’”, em parceria com os professores Marcus Neves (Dtam) e Brunela Vieira de Vincenzi (Dep. de Direito e Filosofia), desenvolvido entre 2017 e 2018. Atualmente integra o “Ocac – Observatório de Cinema e Audiovisual Capixaba”.

Em relação à sua atuação na política universitária, entre 2011 e 2013 foi coordenadora dos Cursos do Departamento de Comunicação Social (DepCom). Entre 2018 e 2020, foi novamente coordenadora, dessa vez apenas do Curso de Cinema e Audiovisual. Em 2020, foi presidenta da Comissão de Revisão das Ações Afirmativas do PósCom/Ufes, que instituiu a reserva de vagas de 50% em todos os processos seletivos do Programa. Em 2023, compôs a Comissão da Ufes para elaboração de proposta de resolução de reserva de vagas

na Pós-Graduação da instituição, visando reserva de vagas de 50% em todos os processos seletivos da Universidade. Também em 2023, assumiu a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e presidiu a Comissão que instituiu seu curso de Doutorado.

50 anos do curso de Comunicação Social Ufes

*POR MARIA NAZARETH BIS PIROLA,
23 de julho de 2025, ao som de Pink Floyd e Rolling Stones*

1989, primeiro semestre, em algum prédio do CCJE. Algumas pessoas em pé, outras na escada tocando violão. Pink Floyd e Rolling Stones ecoavam naquele corredor cinza. Meus olhos acompanhavam atentamente aquelas pessoas tão interessantes. Jeans, calças pretas, camisetas com frases, botas, mochilas customizadas, broches, cabelos livres. Eu acho que eu usava alguma roupa sem graça e um caderno 12 matérias. Assim começava meu primeiro dia de aula no tão sonhado curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Em pouco tempo, eu já usava uma calça jeans sem bolsos e uma camiseta Hering branca. Conheci e convivi de forma muito feliz com todos os colegas de turma. Interpretei Janis Joplin e os anos 60 em um trabalho de disciplina ministrada pela saudosa profa. Beth Rodrigues; no terceiro período tive meu primeiro estágio assinado pelo prof. Fernando Manhães; e concluí meu TCC com o trabalho “Ilha do Rock”, audiovisual produzido com os colegas Andréia Zuqui, Dan Zecchinelli e Beto Castelluber.

Dali em diante, a vida passou num piscar de olhos. Trabalhos em veículos de comunicação, agências de propaganda, fornecedores e anunciantes ajudaram a formar minha carreira como profissional de comunicação no mercado capixaba. Mas a vida tem lá seus encantos e mistérios quando tudo parece tranquilo. Em 1999 fui convidada para dar aulas. É o início de uma nova jornada e paixão à primeira vista: a docência superior. Com ela, novas descobertas, aprendizados e muitos desafios.

Felizmente, pude contar com a Ufes nessa nova etapa profissional. Com o Mestrado (2006) e o Doutorado (2015) em Educação, sob a orientação da querida Profa. Dra. Moema Rebouças, mergulhei ainda mais na tríade ensino-pesquisa-extensão.

E em 09 de junho de 2016, numa manhã de sol, com cheiro de café e pão quentinho, assumi como Professora do Magistério Superior, em regime de

dedicação exclusiva, do Departamento de Comunicação Social da Ufes/Centro de Artes. Naquele dia, estavam todas ali assinando a posse, a estudante de 1989, a profissional de mercado, a Mestre e Doutora em Educação.

Desde então, estar em sala de aula, no ensino, pesquisa e extensão, e construir diariamente com os pares essa caminhada coletiva tem sido motivo de alegria e de realização. Nos fios dessa memória, registro nessas poucas linhas a Ufes que vive em mim.

Ministrei várias disciplinas, entre elas Teorias e práticas para meios impressos; Atendimento; Legislação em Comunicação; e as atuais Semiótica e Comunicação; Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação; e a Optativa Comunicação e Moda. Com a colega Flávia Mayer, coordenei os Grupos de pesquisa Comunicação, Semiótica e Consumo/CNPq-UFES; e Comunicação e Consumo/ CNPq-UFES. Atuei como professora colaboradora do Mestrado em Comunicação e Territorialidades (2017-2021). Participei de projetos de extensão como o Três em Um e o Comunicaê. Em 2019, com os professores Edgard Rebouças e Flávia Mayer, organizei o Intercom Sudeste na Ufes. Nas atividades administrativas e de representação, fui Subchefe do Departamento de Comunicação Social; membro do Colegiado e Presidente do NDE do Curso de Publicidade; membro do CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Entre 2020 e 2022, aprendi a dar aulas pelas telas do computador, confinada em casa, chorando as perdas de tantas pessoas queridas, vítimas da covid-19, entre elas, estudantes e colegas de trabalho.

Em 2023, concluí meu Pós-Doutorado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a supervisão da profa. Dra. Renata Pitombo Cidreira. Com esses estudos, criei um novo grupo de pesquisa, Comunicação, Moda e Cultura/CNPq-UFES, que vem se dedicando ao desenvolvimento dos estudos interdisciplinares entre os campos da comunicação e da moda, em diálogo com as diferentes culturas e identidades. Com isso, temos criado uma nova perspectiva de pesquisas na Ufes e também nos eventos da área. O interesse da comunidade acadêmica nos estudos em Comunicação e Moda tem gerado novos TCCs e projetos de pesquisa nessa temática. Também conquistamos novos espaços nos eventos acadêmicos, em especial, na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom). Pela 1ª vez na história da entidade, o GT - Grupo de Trabalho Comunicação e Moda passou a fazer parte da programação regional (Intercom Sudeste) e o GP - Grupo de Pesquisa Comunicação e Moda do evento nacional (Intercom Nacional).

E aqui estamos! Comemorando os 50 anos do Curso! Que o futuro honre essa memória. Que a ação comum/comunicação sirva cada vez mais para unir, informar e encantar. Que crie novos mundos possíveis, diversos, plurais e sensíveis.

Uma travessia pelo campo da Comunicação Social

POR ROSANE VASCONCELOS ZANOTTI

Em março de 1991, atravessei os portões da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) como quem entra numa terra nova, sem mapa nem bússola, para iniciar a graduação em Comunicação Social, um curso jovem de apenas 15 anos. Escolhi a trilha da Publicidade e Propaganda em um tempo em que as áreas irmãs da Comunicação ainda caminhavam juntas no mesmo corpo curricular, sem imaginar que ali começava uma jornada feita de curvas, retornos e reencontros.

Logo nos primeiros passos, me deparei com duas encruzilhadas que viraram rumo: a fotografia e a criação publicitária. O laboratório de revelação virou casa (ainda me lembro do cheiro de química e de descoberta) e a imagem virou ofício. Com o tempo, entendi que o discurso visual também pensa, tensiona, organiza. A estrada seguiu pela prática, entre o design, a publicidade e a imagem. Aos poucos, passei a pesquisar cidades, pessoas e modos de ver e contar, caminhos que me levaram ao Mestrado, ao Doutorado e a outras paragens onde o design dialogava com a vida.

Neste ano em que celebramos os 50 anos do curso de Comunicação Social, hoje Departamento de Comunicação Social, também comemoro meus 20 anos de volta completa: em 2005 retornei à Ufes como professora. Foi como voltar para casa depois de uma longa viagem, com a mala cheia de histórias, ideias e vontade de partilhar.

Quando cheguei pela primeira vez, a publicidade era analógica. As ideias esperavam o tempo da revelação fotográfica. A TV era soberana, o rádio resistia, os impressos eram regra. Depois, o mundo virou digital. Vieram os sites, os banners piscando nas bordas e um tal de e-mail marketing que prometia milagres. Poucos anos bastaram para que redes sociais, algoritmos e dados tomassem conta da criação.

Vi a técnica mudar, e também a ética, quando a publicidade foi chamada a prestar contas. A repensar o que diz, como diz e para quem. Estereótipos, antes normalizados, passaram a ser questionados. Silêncios, antes triviais, agora incomodam. A comunicação passou a ser exigida não apenas por resultado, mas por responsabilidade.

Nesse movimento, os projetos de extensão entraram no meu caminho. O Bandeirão 104.7, programa de rádio feito por estudantes, virou palco para música, formação e trocas. O Festival Prato da Casa conectou universidade, cultura local e produção sonora.

Na Ecos Jr., vivemos uma mudança que foi além da operação quando abrimos a agência a estudantes de outros cursos, ampliando vozes e repertórios. A empresa júnior tornou-se mais diversa, mais horizontal e mais próxima das práticas contemporâneas. Nesse processo, a Ecos Mostra cresceu e foi de espaço de apresentação de portfólios a ponto de encontro entre sonho e prática, consolidando-se como prêmio e como referência de escuta compartilhada entre estudantes e profissionais.

No Projeto Três em Um, seguimos experimentando a articulação entre ensino, mercado e território, levando a universidade para a rua e trazendo a rua para dentro dela. O Comunicação Estratégica, por sua vez, passou a caminhar junto à SPIN/Inova UFES, unindo forças na construção de uma cultura de inovação dentro e fora da universidade, trilhando caminhos com diferentes setores e tendo a comunicação como elemento condutor.

O diálogo com a agência de Inovação da Ufes vem de uma coordenação que assumi com o desafio de fazer com que a inovação social alcance a mesma relevância da inovação tecnológica. É mais um campo de atuação, mas também de escuta e articulação. Nesse percurso da gestão, coordenei o curso de Publicidade e Propaganda, acompanhei a transição das habilitações para cursos autônomos e, mais recentemente, participei da construção coletiva do novo Projeto Pedagógico. Nele, o currículo deixa de ser escada para se tornar mapa, e a formação se transforma em um caminho a ser percorrido nas redes, nos estágios, nos eventos e nas vivências do cotidiano.

Na prática publicitária, acompanhei o crescimento do curso. Vi projetos nascerem do esforço coletivo, vi estudantes no palco, no pódio do Colibri com ouro, prata e bronze. Vi a nota máxima do MEC chegar como confirmação do que já sabíamos: que ali havia um modo sério e comprometido de formar. Nada disso foi acaso. Foi trabalho de um corpo docente renovado, que escuta, experimenta e não tem medo de mudar.

Na pesquisa, sigo com os pés na cidade e os olhos nas tecnologias. Coordeno o Observatório Cidade e Porto, integro o LABIC, o Laboratório de Comunicação e Cotidiano e o Laboratório de Tecnologias Criativas. É nesse território que investigo as interfaces entre comunicação, diversidade e tecnologia. Meu lugar é esse: entre o chão da rua e as redes digitais, entre o que se vê e o que se sente.

Vejo que essa travessia se desenha entre permanência e movimento. O Departamento de Comunicação Social não se define apenas por disciplinas ou estruturas administrativas, mas por uma paisagem construída ao longo dos caminhos trilhados por quem acredita que comunicar é, antes de tudo, criar mundo.

35 anos e muitas mudanças

POR RUTH DE CÁSSIA DOS REIS

Quando ingressei na Ufes em 1978, o curso de Comunicação Social ainda era estruturado de forma unificada em torno dessa área de conhecimento. Estudávamos conteúdos de diferentes especialidades, como publicidade, cinema e relações públicas, mas o centro da formação estava no jornalismo, que era, até então, a única habilitação disponível. Instalado apenas três anos antes do meu ingresso, ainda sob o regime militar, o curso se estruturava sobre a ainda trôpega formação do campo da Comunicação.

Eu compunha uma das primeiras turmas que não provinha de redações jornalísticas, pois os estudantes que formaram as turmas inaugurais eram os já jornalistas que, para se manterem na profissão com a nova regulamentação de 1969 (DL972, de 17 de outubro de 1969), deveriam ter o diploma de Comunicação Social. O jornalismo que aprendíamos trazia a marca das lutas sociais e sindicais contra a ditadura militar, mais particularmente contra a censura que castigava o campo profissional. Neste, as ações de resistência se davam principalmente na imprensa alternativa desenvolvidas então.

Sem restrições legais para o exercício profissional na época, comecei a atuar profissionalmente em jornalismo logo no terceiro mês de aulas, em 1978, quando passei a trabalhar no jornal *A Tribuna*. Junto com outras três colegas de sala, nos apresentamos para as vagas abertas na editoria de cidade. Na redação de *A Tribuna*, éramos orientados pacientemente pelo jornalista Hésio Pessali, que também era meu professor na Ufes, onde, com muitas dificuldades, pois não havia financiamento suficiente, elaborávamos o primeiro jornal laboratório do curso, o *Impresso II*.

Da Ufes, colhi, para minha vivência profissional, as orientações e experiências de Sibyla Baeske, na produção de textos; Maurício Nogueira Tavares (hoje na UFBA), na área de rádio, que aprendíamos usando, quando muito, aqueles gravadores de fita de tamanho respeitável; Carlos Eduardo Zanata, incansável defensor de políticas públicas de comunicação; Cecília Peruzzo, com suas pesquisas na área de comunicação popular; Tânia Mara Ferreira, que nos ensinava diagramação e produção gráfica, além de ter sido uma das que lutaram com afinco pela institucionalidade do curso de Comunicação. Também tínhamos aulas com José de Moraes (publicidade e propaganda), Gley Coutinho (televisão, cinema e teatro), Elizabeth Rondelli (metodologia e algumas disciplinas mais conceituais), Namyr Carlos de Souza, da área de Direito, com legislação e ética, entre outros professores.

Naquela retomada da vida democrática que se anunciava para breve, havia uma potência de transformação que contagiava e envolvia. A reorganização do movimento estudantil e a do movimento sindical, que ainda se dava num clima de incertezas e temores, foram momentos marcantes na minha vida universitária e mais ainda na de jornalista.

Terminei o curso de graduação na Ufes em 1982, quando toda a minha atenção se voltava para a atividade jornalística e sindical, nas quais eu investi minha atuação política naquele momento. Em meio ao vozerio das movimentações pela redemocratização, ao barulho da redação, às longas conversas e análises dos tantos movimentos de retomada que participávamos, reverberavam aquelas formulações dos teóricos da Escola de Frankfurt, e o aprendizado das aulas de Filosofia, Sociologia, Antropologia e de tantas outras.

Voltei à Ufes em 1990, como professora, depois de ter atuado como jornalista em A Tribuna, A Gazeta, Folha de São Paulo, TV Educativa e em jornais sindicais ou empresariais, no então nascente campo da comunicação organizacional. No ano de 1989 havia surgido uma vaga que eu julgava perfeita para mim, jornalismo impresso, e me propus a empenhar toda a minha dedicação na missão. Passei em primeiro lugar e fui contratada no último dia de 1989. O ingresso na Universidade como professora, depois de oito anos do término da minha graduação, dá início a um período que me ocupa até o presente, 35 anos depois daquele dia em que pude comemorar um ano realmente novo. Passei a atuar na graduação e na pós-graduação, além de já ter ocupado por duas vezes (2012 a 2015 e de 2020 a 2024) o cargo de gestora da comunicação institucional da Ufes.

Desde meu ingresso na Ufes, vi as práticas e o ecossistema de comunicação mudarem substancialmente. Por meio da pesquisa, do ensino e da extensão, monitoro os impactos que esse giro vem provocando sobre cada um dos indivíduos e sobre a sociedade como um todo, seja pela substituição tecnológica que altera as dinâmicas de trabalho nas profissões relacionadas, seja pelas reconfigurações nos sistemas de poder e controle que engendram. Provavelmente, no futuro, seremos reconhecidos como aquela geração que viveu a revolução digital nas primeiras décadas do século XXI e todas as consequências sociais e culturais que trouxe.

É muito importante reconhecer o valor das universidades públicas por investirem na construção de educação de qualidade em todas as áreas de conhecimento e por gerarem oportunidades para tantos jovens que lutam para realizar seus sonhos. O campo regional da comunicação muito deve à Ufes pelo seu desenvolvimento, pois esta tem sido uma universidade pioneira tanto no ensino de graduação quanto de pós-graduação, bem como no desenvolvimento da pesquisa e da extensão na área de comunicação.

O curso de Comunicação Social da Ufes, criado em 1975 para formar três turmas e se extinguir, chega aos 50 anos como Departamento de Comunicação Social, abrigando três graduações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Cinema e Audiovisual) e ancorando o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (Mestrado e Doutorado). Localizado no Centro de Artes, já formou 3.043 profissionais, com a atuação de cerca de 200 docentes, responsáveis por ensino, pesquisa e extensão.

Neste aniversário de meio século, seus professores efetivos são: Alexandre Curtiss Alvarenga, Arthur Felipe de Oliveira Fiel, Bajonas Teixeira de Brito Júnior, Cláudio Renato Zapalá Rabelo, Daniela Zanetti, Erly Milton Vieira Júnior, Fábio Diaz Camarneiro, Fábio Gomes Goveia, Fabio Luiz Malini de Lima, Flávia Mayer dos Santos Souza, Gabriel Menotti Miglio Pinto Gonring, Gabriela Santos Alves, Isabel Regina Augusto, Janaína Frechiani Lara Leite, Lívia Silva de Souza, Jorge Arturo Villena Medrano, José Antonio Martinuzzo, José Edgard Rebouças, José Soares de Magalhães Filho, Júlio César Martins da Silva, Klaus Berg Nippes Bragança, Luiz Fernando Manhães da Silva, Maria Nazareth Bis Pirola, Patrícia Cardoso D'Abreu, Pedro Silva Marra, Rafael Bellan Rodrigues de Souza, Rafael da Silva Paes Henriques, Rosane Vasconcelos Zanotti, Ruth de Cássia dos Reis.

Atuam como docentes substitutos/voluntários Flávia Daniela Pereira Delgado, Gabriel Herkenhoff, Maria Lúcia da Silva, Wagner Piassaroli Mantovaneli.

A cuidar dos trâmites administrativos, os secretários Helia Joseph e Robson Barros Torres.



José Antonio Martinuzzo (Organizador)

Professor Titular da Ufes. Pós-doutor (2023) em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Jornalismo pela Ufes (1992), tem Mestrado (2003) e Doutorado (2006) em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), onde também fez pós-doutorado em Mídia e Cotidiano (2014). Pesquisador nas áreas de economia política da comunicação; internet e redes sociais; psicanálise; comunicação organizacional; mídia, cotidiano e sociabilidades; jornalismo; livro-reportagem; comunicação, cultura e memória. Organizador de nove livros sobre a história da comunicação no Estado do Espírito Santo (*Projeto Comunicação Capixaba - CoCa*). Dentre outros, é autor de *Seis Questões Fundamentais da Comunicação Organizacional Estratégica em Rede*, *Seis Questões Fundamentais da Assessoria de Imprensa Estratégica em Rede* (ambos pela Ed. Mauad), *Os Públicos Justificam os Meios - Mídias Customizadas e Comunicação Organizacional na Economia da Atenção* (Ed. Summus) e *Ciberbarroco - Biopoder na digitalidade* (Ed. Mauad).

Sou uma espécie de “nômade” na seara comunicacional, e quis Deus que eu me encontrasse com a história do ensino da Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) num tempo mais que especial, os 50 anos de fundação do curso.

Por confiança dos colegas, vivo este momento ímpar na liderança do Departamento de Comunicação Social (DepCom), que abraça três graduações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual), além de referenciar o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom).

Estes são anos muito significativos para mim, apostando a cada dia na grande área da Comunicação Social como um fator a fazer diferença na conjugação dos nossos dias, como indivíduos, cidadãos, sociedade – como planeta.

Esse olhar acerca da centralidade da comunicação social para as atuais sociabilidades e minha profunda crença na vida como obra do bem-querer e da fraternidade me ajudaram num momento crucial dessa minha trajetória na longa caminhada da Comunicação Social na Ufes, qual seja, a travessia da pandemia da covid-19.

Certamente este é um capítulo relevante para todos os que viveram os anos recentes deste meio século de história, mas que se coloca como mais uma evidência de um traço estrutural da Comunicação Social na Ufes: a resiliência. Isso porque, estes 50 anos de história podem ser descritos como 50 anos de superações de barreiras as mais diversas.

Que estejamos sempre motivados a seguir sob a inspiração desse horizonte. Trabalhador da seara comunicacional, só tenho a agradecer esse encontro privilegiado de minha caminhada com a história da Comunicação Social na Ufes. Vida longa a esta jornada! (*Do Prólogo*)

JORGE ARTURO VILLENA MEDRANO

Chefe do Departamento de
Comunicação Social da Ufes

PATROCÍNIO

